

Coelho Netto

Fabulario

0032103/2003



L0000032106



Coelho Netto

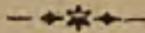
COELHO NETTO

Nasceu em Ca-
xias (Mara-
nhão) em 20 de
Fevereiro 1864.

E' hoje o pro-
sador mais il-
lustre do Brazil.
A sua obra tri-
umpha pela sua
belleza e pela
sua opulencia, é
das mais ap-
plaudidas e en-
raizadas. Nos
seus livros ha
sempre um es-
criptor millona-
rio, cuja prosa
lembra um the-

souro inexaurivel de pedras
preciosas. Na sua obra fecun-
da e admiravel, ha phantasia,
plecade e ardor. Na galeria
das suas figuras passam algu-
mas maravilhosamente esculpi-
das. Não é um mero analysta,

apesar de excelso: o pintor é magnifico e
o poeta vae cantando, na propria abun-
dancia e graça da sua flora, maravilhosamente
d'ouro e sangue! Grande romancista
e inegalavel contista, tem artigos de
critica, phantasia, ritornellos e balladas,
toda a escala chromatica, resplandecente
e poetica d'um escriptor de raça, laborioso
e forte. Hoje a obra de Coelho Netto é con-
hecida em todos os recantos onde se falla
a lingua portugueza, graças ás edições
lançadas no mercado pela Livraria Char-
fron.



VICENTE DE CARVALHO

<i>Poemas e Canções</i> , 1 vol.	\$80
<i>Versos da Mocidade</i> , 1 vol.	\$60

SILVIO ROMERO

<i>Discursos</i> , 1 vol.	\$50
<i>Martins Pena</i> , 1 vol.	\$40
<i>América Latina</i> , 1 vol.	\$50
<i>Provocações e debates</i> (artigos, cartas públicas e discursos), 1 vol.	\$80
<i>Quadros sintéticos</i> , 1 vol.	\$30

ALFREDO VARELA

<i>Revoluções Cisplatinas</i> , 2 vol.	\$350
---	-------

EUCLIDES DA CUNHA

<i>A' margem da história</i> , 1 vol.	\$80
--	------

GARCIA REDONDO

<i>Salada de frutas</i> , 1 vol.	\$50
<i>Através da Europa</i> , 1 vol.	\$60
<i>Cara alegre — Crônicas</i> , 1 vol.	\$50
<i>Conferências — A mulher, Manias e cacoetas. A inteligência dos ani- mais e das plantas. Discurso.</i> 1 vol.	\$40

JOÃO DO RIO

<i>Cinematógrafo, crônicas cariocas</i> , 1 vol.	\$70
<i>Os dias passam</i> , 1 vol.	\$70

GUERRA JUNQUEIRO

<i>A Velhice do Padre Eterno</i> , 1 vol.	\$800
<i>A Vitória da França</i> , 1 vol.	\$10
<i>Baptismo do Amor</i> , 1 vol.	\$20
<i>Pátria</i> , 2.ª edição, 1 vol.	\$80
<i>Fim da pátria</i> , 1 vol.	\$30
<i>O Crime</i> , 1 vol.	\$20
<i>Lágrima</i> , 1 vol.	\$10
<i>Oração ao Pão</i> , 1 vol.	\$12
<i>Oração à Luz</i> , 1 vol.	\$20
<i>Marcha do ódio</i> , 1 vol.	\$30

A entrar no prelo:

Oração à Flor.

Oração ao Homem.

A sair brevemente:

Unidade do Sér.

Nos preços já está incluído o aumento provisório de 30 % na brochura.

869.31
c. 672

869.31

~~869.31~~
C. 672

FABULARIO



T. 32103

L. 32106



Coelho Netto

COELHO NETTO

N.º 1090

7 Janeiro 9

ORMM
867.93
26727

FABULARIO

*João Victor Ribeiro
Setembro 1911*

SEGUNDA EDIÇÃO

BIBLIOTECA "SOTERO DOS REIS"
de **JOÃO VICTOR RIBEIRO**

de de 19.....

SECÇÃO *So. litteratura - VI*

GRUPO *13.16. Proza mo
conheir*

N.º *283*

PAG. *9-59-17*

PREÇO 8

PORTO

Livraria Chardron, de Léo & Irmão,
editores — Rua das Carmelitas, 144

1919



REGISTRO SETORIAL

SEÇÃO DE AUTORES MARANHENSES

Número 364

Data 11. 20. 1970 DO MESMO AUCTOR

Sertão, 1 vol.	\$60
A bico de penna, 1 vol.	\$70
Água de Juventude, 1 vol.	\$70
Romanceiro, 1 vol.	\$50
Theatro, vol. 1.º	\$80
Theatro, vol 2.º	\$40
Quebranto (Theatro), vol. 4.º	\$50
Theatro, vol. 5.º	\$50
Fabulario, 1 vol.	\$50
Jardim das Oliveiras, 1 vol.	\$50
Esphynges, 1 vol.	\$60
Miragem, romance, 1 vol.	\$60
Apologos, 1 vol.	\$50
Inverno em flor, 1 vol.	\$70
Mysterio do Natal, 1 vol.	\$50
O Morto, 1 vol.	\$60
Rei Negro, 1 vol.	\$80
Capital Federal, 1 vol.	\$60
A Conquista, 1 vol.	\$70
Tormenta, 1 vol.	\$60
Banzo, 1 vol.	\$50
Tréva, 1 vol.	\$70
Turbilhão, 1 vol.	\$70

No prélo, a seguir em novas edições:

O Est. Phantasma	1 vol.
O Paraíso	1 vol.

A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paizes que adheriram á convenção de Berne — (Em Portugal, pela lei de 18 de Março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912).

REGISTRO SETORIAL

SEÇÃO DE AUTORES
MARANHENSES
DO AUCTOR

Número 1628 PORTO — IMPRENSA MODERNA

Data 24 / 08 / 76

A

PEDRO PAULO WERNECK MACHADO

A FELICIDADE

Em volta do palacio, que era todo de fino e re florido marmore, estendia-se, a perder de vista, o rumoroso acampamento.

Gente de toda a casta, homens de todos os paizes, uns cobertos de cerdasas pelles, outros semi-nús, com uma tanga ligeira em torno dos rins; ainda outros com albornozes longos, fótas recamadas de pedrarias, papuzes de couro flo-rejado, armas á cinta, seguidos de muitas lan-ças; e eram reis, e eram principes. Sacerdotes com os seus idolos, sabios com os seus papyrus, poetas com as suas lyras, mercadores com os seus escravos, guerreiros com os seus escúdos e timi-dos, agachados entre os carros, disputando um lugar aos camellos enxareilados e aos ginetes co-

bertos de telizes, mendigos maltrapilhos que se encolhiam com medo.

Todos esperavam que se abrisse a enorme porta de bronze e apparecesse o genio que devia, por inculca do Destino, buscar o afortunado a quem coubesse o palacio com as suas innumeradas riquezas.

Todos contavam com a ventura e já se imaginavam o eleito da Fortuna quando, ao clangor de uma buzina, a porta abriu-se de par e na soleira assomou o genio.

Alto e gracioso mancebo, de um louro fulvo, de sol, que mais fazia realçar a alvura do rosto, d'uma belleza feminina e meiga. Tunica de côr celeste, com flôres de ouro, cobria-lhe orgulhantemente o corpo airoso. Á mão trazia, á maneira de sceptro, um largo trifolio engastado em comprida haste, tambem de ouro.

Os homens, tolhidos em maravilhado assombro, não tiravam os olhos do mancebo. Viram-no descer as escadas, seguir á sombra dos alamos, chegar ao acampamento e, indo, sem indecisão, por entre tendas de purpura e tendas de linho, entrar num bosque onde um homem, enrolado em

farrapos, roía, com voracidade, um osso disputado aos cães.

O genio deteve-se; e, então, acenando ao miseravel com o trifolio, ajoelhou-se na terra sordida e, veneradamente, o elegeu senhor do palacio e de toda a sua riqueza.

Foi um desapontamento na turba-multa. Ninguem se conformava com a estranha escolha do Destino. Pois onde havia reis, principes, altos senhores, poetas, sabios que liam nas estrellas, sacerdotes que se communicavam com os deuses, mercadores que possuíam frótas nos mares e minas no seio da terra, havia de ser um roto mendigo o favorito?...

Logo se arrancaram as tendas, arreiaram-se os animais, jungiram-se os bois aos carros e, lentamente, começou o desfilar das caravanas.

Ao limiar do palacio sahiram a esperar o mendigo famulos e ancillas e, por entre columnas de coral e ouro, sob uma abobada tremula de iriados flabellos, pisando molles tapetes e ouvindo o fresco cantar das fontes, extasiadamente o mi-

seravel atravessou o peristylo, os corredores luminosos, os pátios enxadrezados e entrou na camara que era toda de odoroso cedro com tauxias de ouro e prata e incrustações de pedras.

O banho que o esperava rescendia e era todo de leite de flôres.

Refrescado, vestira-no e rei algum carregou jámais sobre o corpo as riquezas com que o lembraram.

Inclinou-se o mordomo e, por entre tangeres de frutas e de cytharas, o foi guiando á grande sala onde o esperava o banquete em lauta mesa, lampejante de baixellas e crystaes e toda florida.

Sentou-se o venturoso.

Logo rompeu o concerto delicado de finas harpas, de frutas suaves e de vozes.

Ao fim do repasto levaram-no a ver os jardins onde a Primavera não daria por falta de uma só das suas flôres. Passaram aos pomares de toda a fruta, entraram ao bosque de frescos, assombrados e redolentes meandros onde se desafiavam em gorgeios todos os passarinhos e os doces animaes das silvas passeiavam. Foram ás cavalhariças onde estadeavam os mais

formosos e robustos ginetes do deserto. Adiantaram-se os pastores a dar-lhe contas dos gordos rebanhos que guardavam.

Por fim, fez o mordomo a volta da torre de pedra onde se empilhavam os thesouros e em torno da qual, silenciosamente, iam e vinham roldas e sobre-roldas de guerreiros possantes.

De regresso ao palacio — já a rutila Vesper subia no horizonte, — o afortunado avistou na varanda, entre os inclinados ramos dos jasmineiros e das acacias que florecem de ouro, as lindas, esbeltas mulheres do seu gyneceu que o esperavam, qual mais anciosa do seu beijo, esmerandose em seduzil-o com languidos meneios e logo as chamou com o soffrego desejo tanto tempo contido e, por toda a noite longa, enquanto soavam as musicas voluptuosas e os escansões serviam os vinhos em kratéres e as bailadeiras faziam os mais difficeis e graciosos passos, gozou exaltadamente a delicia do amor.

Recolhendo á camara — já as cotovias ensaiavam o canto — viu o seu leito, de macia cócedra, forrado á seda, ladeado por dois gryphos de olhos de carbunculo.

Deitou-se, mas o somno fugia-lhe. Lembrou-se, então, dos dias de fome, das noites de frio, das injurias dos homens, do desprezo das mulheres.

Insomne levantou-se, abriu largamente uma das grandes janellas e, á pallida luz da manhan que nascia, sentindo o aroma dos jardins, percebeu-lhe que, ao longe, muito longe havia um palacio maior e mais rico, com mais ouro, jardins mais vastos e mais floridos, pomares mais fartos, thesouros mais cheios, mulheres mais bellas, guerreiros mais robustos, musicas mais concertadas, iguarias mais saborosas e vinhos mais antigos.

Então, pendendo a cabeça, achou pequena a sua fortuna e, com inveja dos que haviam partido á aventura, invejando-o, poz-se a murmurar pensativo: «Ainda ha riquezas maiores!...»

E a suspirar taes queixas, entre as purpuras e os brocateis da camara, veiu enconral-o o sol, o sol que, ainda na vespera, o vira, entre farrapos, disputando aos cães dos nomades, sobre o estravo dos camellos, um osso esburgado.

A COBRA E O GATURAMO

O tempo era de grande esterilidade e os animaes andavam esfomeados.

Uma cobra, que se arrastara, todo o dia, ao sol, pelo areal abrasado, á procura de alguma coisa com que attendesse á fome que lhe roía as entranhas, perdida toda a esperança, enros-cou-se em uma pedra e ali deixou-se ficar á espera da morte.

Iam-se-lhe fechando os olhos de fraqueza quando um passarinho poz-se a cantar num ramo secco, lançando tão alegres vozes, que a cobra, que era matreira, logo percebeu que tinha de avir-se com um novato, porque passarinho velho não seria tão indifferente aos males que, em vez

de procurar migalhas, andasse a rolar gorgeios em tempo tão infeliz.

Assim, instruída pela experiência, imaginou uma traça astuta e, espichando o pescoço, poz-se a gemer com altos guaiados:

— Ai! de mim, que vou morrer sem alguém que me valha. Ai! de mim...

Ouviu-a o gaturamo e, porque era curioso, voou do galho ao chão.

Pondo-se diante da cobra, interrogou-a:

— Que tendes, senhora cobra? Por que assim gemeis tão afflicta?

— Ai! de mim. Fui ali acima á fonte, achei agua tão fresca e puz-me a beber tão sofrega, que enguli um diamante do tamanho de uma noz. Tenho-o atravessado na garganta e morrerei se não encontrar pessoa de caridade que m'o queira tirar. Vale um reino a pedra, e eu a darei por premio a quem me fizer o beneficio de arrancar-m'a da guela, onde se encravou.

Tufou-se em arrufo pretencioso o enfatuado gaturamo, e, pensando no thesouro que ali tinha ao alcance do bico, redarguiu á cobra:

— Não é pelo que vale o diamante, mas pelo

alto apreço em que vos tenho que me offereço para alliviar-vos. Abri a boca.

Não se fez a cobra rogar e, tanto que sentiu entrar o passarinho, foi um trago.

Então, saciada e rindo — como riem as cobras — enrodilhou-se de novo e adormeceu contente.

A ARVORE

Ninguem sabia explicar como, em tão arido deserto, conseguira medrar a arvore propicia.

Fóra da sombra amenissima da sua copa tudo era esterilidade adusta — arêas amarellas, sem herva, sem sulco de riacho, esbraseando ao sol.

Os viajantes respiravam alliviados quando, de longe, avistavam o vulto frondoso da arvore; os animaes amiudavam os passos e, sob a densa e derramada folhagem, impenetravel aos raios caniculares, juntavam-se as caravanas e, como havia uma cisterna no diversorio virente, todos bebiam á farta e renovavam a provisào dos odres.

A providencia d'aquella arvore não era apre-

ciada, mal lhe prestavam atenção os viajantes e muitos, por passatempo, escorchavam-lhe o tronco com as facas, detoravam-lhe os ramos ou accendiam fogueiras sobre as suas robustas raizes.

Certo ancião, abrigando-se á sombra da arvore, descobriu que um mal roaz a consumia e logo, piedosamente, poz-se a tratá-la com o desvello carinhoso com que se dedicaria a um sêr humano.

Mofaram da sua paciencia os homens da caravana e o velho, sem agastar-se, assim lhes falou:

— Rides de mim porque pratico o bem; talvez venhais a arrepender-vos da vossa descuidosa ingratidão quando, de regresso, não achardes sombra que vos acolha. A arvore succumbe, nada ha mais a fazer-lhe.

Foram-se os caminheiros.

Certa tarde, a um rijo golpe de vento, a arvore, cuja folhagem amarellecera, rolou, com fragor, no solo.

Vinha de volta a caravana e os homens antegozavam a delicia de um lento repouso á sombra, quando pasmaram do encontro: ruinará —

folhas seccas, ramos quebrados e o tronco desconforme meio coberto pelas arêas.

A cisterna ficara entulhada e a alfombra verde morrera resequida.

Foi então que os homens comprehenderam o valor da arvore e a fortuna que haviam perdido.

Pobre arvore! enquanto viveu foi sempre desprezada, soffrendo toda a sorte de máos tratos; morta, porém, deixando o vasio, eis todos lamentando a sombra agasalhadora que ella, sempre generosa, offerencia, as flôres de perfume suave que se abriam nos seus ramos, os passaros que nelles se juntavam, alegrando a região com os seus cantos concertados, a agua que parecia brotar das suas fundas raizes.

Ainda hoje, os que trilham o deserto inhospito, mostrando um toro que apparece acima das arêas, param e, tristemente, murmuram:

— Era aqui que a grande arvore, coberta de flôres e de passarinhos, abria ás caravanas a sua sombra hospitaleira.

O TEMPO

Querendo o principe offerecer ao templo uma imagem de Apollo digna do edificio grandioso que mandara construir para honrar a divindade esplendida e levar, pelos seculos vindouros, a fama da sua grandeza, convocou os mais celebres estatuarios do reino para uma conferencia em palacio.

Apresentaram-se tres artistas, qual d'elles de maior nomeada.

Disse-lhes o principe o que pretendia, ajuntando, com largueza, que não fazia questão de preço e que pedissem tudo quanto julgassem necessario á bôa execução da obra d'arte, que devia ser bella e solidamente feita para que deslumbrasse e resistisse aos seculos.

— Senhor, disse o primeiro estatuário, dai-me ouro e eu vos trarei uma estatua tão bella que, no dia em que fôr installada no templo, os homens da terra terão a illusão de estar contemplando o proprio conductor do carro do sol.

E o principe ordenou que se cumprisse a vontade do artista.

— Senhor, disse o segundo estatuário — farei de prata o corpo, farei de ouro as vestes e cobril-as-ei de pedras preciosas. Será tão formosa a imagem que os deuses baixarão do Olympo para contemplal-a e, de pé, no altar do templo, dispensará a luz do sol e a claridade das lampadas porque os raios que despedir illuminarão gloriosamente o recinto.

E o principe ordenou que fosse satisfeito o desejo do artista.

Foi a vez do terceiro estatuário. Era um velho, de barbas brancas, tão longas que lhe chegavam á cinta. Caminhava lentamente e, curvando-se ante o principe, falou com respeito e modestia:

— Senhor, dai-me um bloco de marmore

puro e tempo para que eu nelle trabalhe e procurarei fazer o maximo que a um homem é dado fazer.

Foram-se os tres esculptores com o que haviam pedido e, em todo o reino não se falou, durante mezes, em outro assumpto senão no concurso chamado «divino».

Ainda ia em meio o primeiro anno quando o artista que pedira ouro appareceu orgulhosamente na côrte com o seu Apollo.

Foi um acontecimento e não faltou quem louvasse a grande actividade do modelador.

Descoberta a figura foi um deslumbramento: a imagem irradiava como o proprio sol. Mas um perito, adiantando-se á turba, poz-se a mostrar defeitos que muito compromettiam o trabalho e outras vozes criticaram, uma a expressão, outra a attitude, esta notava a falta de magestade, aquella as desproporções.

— Vale porque é de ouro, — disse por fim o perito.

E o principe, desgostoso, mandou fundir em moeda a estatua que fôra destinada á adoração dos crentes.

Pouco tempo depois annunciou-se o segundo estatuario.

Ainda que o seu trabalho revelasse maior esmero não o acharam, todavia, digno de occupar o solio em que devia ser erigida a imagem olympica.

— É bella e é rica, refulge, mas falta-lhe magestade. É uma linda figura humana e nós queremos um deus.

E a estatua de prata e ouro, com recamos de pedrarias, ficou ornando uma das salas do palacio.

Do terceiro estatuario não havia noticia e já corriam murmurações ironicas, boquejos de menoscabo: «Desistiu da empreza. Era velho da mais para trabalho que exige inspiração viçosa. Anda, sem duvida, a fazer figurinhas, como as de Tanagra, para vendel-as aos forasteiros.»

Uma manhan, porém, com surpresa de todos, appareceu o velho em palacio com o seu «deus» envolto em pannos de linho.

Ainda que ninguem confiasse no seu trabalho, juntaram-se todos os cortezaões em palacio, só por subserviencia ao principe e os serviçaes

descobriram a imagem. Houve um movimento de espanto.

Maravilhados, embevecidos quedaram todos contemplando a figura olympica, Apollo, o magnifico — que, de pé sobre nuvens, a cabeça aureolada de raios, o olhar sublime, parecia dominar serenamente os homens.

— Este sim! Este é Apollo augusto! bradarão. Este é o deus solar, dominador da altura. Descendo do throno o principe felicitou o artista e, depois de o haver engrandecido com palavras de louvor, perguntou:

— A que deus pediste a graça de tão formosa inspiração?

— Ao Tempo, senhor. Outros exigiram metaes e pedras preciosas, a mim bastou o marmore puro. Para enriquecel-o eu contava com o Tempo. Se para uma curta viagem são necessarias muitas horas como havemos de affrontar os seculos de afogadilho?

A inspiração é a flôr do genio, mas não exijamos que ella dê fruto saboroso logo que desabroche. É preciso deixar que o Tempo faça o seu officio. Se um deus me patrocinou foi a Pa-

ciencia; se um demonio comprometteu a obra dos que me precederam, foi a Pressa. Senhor; os seculos são longos e quem se destina a atravessal-os deve ir de vagar. Quereis saber como se consegue a Eternidade? com o Tempo.

EL-REI TRUÃO

Que teria o bobo?

De seu natural e officio sempre alegre, déra em melancolico. Calado, mazorro, passava taciturno, medindo, a lentas passadas, os vastos salões reaes, indifferente ás chufas dos pagens, á mordacidade dos fidalgos e, com a palheta esquecida á ilharga, retorcendo a gorra, seguia, sem dar resposta alguma, elle, dantes tão prompto em replicas dicazes, tão vivo em retrucar aos motejos e perguntas com a jogralice venenosa.

Ia-se cabisbaixo, moroso, e lá se ficava solitario, horas e horas, no eirado, d'olhos perdidos n'os campos que por além se estendiam em fatura de searas e limpidas ondulações de ribeiras,

em cujas ourellas rumorejavam casaes e pasciam rebanhos.

♥ O rei, estranhando a repentina mudança no genio do bufão, chamou-o á sua recamara e, affavelmente, o interrogou:

— Que tens? Porque andas assim tristonho e sempre arredado de todos e de mim?

— Senhor, se eu vos disser o motivo da minha tristeza maior ainda a tornareis com o vossò justo desprezo. É por um sonho de bufão.

— Que sonho é?

— Quizera ser rei, ainda que fosse apenas por uma hora. Trocar a minha gorra de orelhas d'asno pela corôa, a minha palheta pelo sceptro, o meu saio pelo manto real. Quizera sentar-me no throno, ver toda a côrte a meus pés, ouvir as lisonjas dos homens, escutar e sentir os suspiros das mulheres, atordoar-me com o troar das tubas, deslumbrar-me com o brilho dos trajos e as áscuas do aceiro das armas, governar, dominar, ser senhor.

É um sonho de bôbo. Se me emprestasseis, por uma hora, os vossos attributos eu me julgaria o mais feliz dos homens...

— E acreditas que só com a corôa, o sceptro e a purpura consegues impôr-te ao respeito da côrte? Os attributos de um rei de sangue não são apenas os symbolos.

— Enganais-vos, senhor: rei sem sceptro, corôa e purpura vale tanto como o villico, menos que um bôbo palatino. Na Terra é a illusão que governa: tudo é apparencia.

— No primeiro momento.

— Sempre, senhor.

— Pois se é por tão pouco que tanto te avexas, escolhe a hora e nella serás rei e eu, para divertir-me, vestirei o teu saio, empunharei a palheta e me cobrirei com a tua gorra de orelhas d'asno e, ante o throno, como é do teu officio, farei cabriolas e direi sandices.

— Senhor, seja então hoje, á hora da audiencia.

— Seja, disse o rei, a sorrir, antegosando o spectaculo original.

*

*

*

Já, o nobre salão do palacio regorgitava: eram fidalgos venerandos com as samarras matizadas de ouro e recamadas de pedrarias; eram guerreiros acobertados de aço; eram sacerdotes em estamenhas; eram pagens em lemistes e em velludos; eram damas em riquissimos vestidos e ainda burguezes e gente da ralé que levavam requestas ao monarcha.

Às portas, junto aos reposteiros armoriados, alabardeiros montavam guarda, e, ladeando o throno, quatro barbudos homens d'armas apoiavam-se em achas que reluziam.

Ao clangor das trombetas agitou-se no salão a turba anciosa e um murmurio passou:

«El-Rei!»

Cada qual procurou, com esforço, chegar-se mais ao throno, desejoso de ser visto, com ambição servil de ser o primeiro a beijar a mão do principe, prostrar-se ante a sua magestade, ser attendido, sentir-lhe o poder.

Eis que rompe o cortejo. Engelha-se e corre o reposteiro, entra a guarda real, com os montantes de prata e as rodellas floreadas de ouro; em seguida os pagens, depois os magnatas e, entre elles, El-Rei.

Tanto, porém, que appareceu com o manto de rasto, o sceptro collado ao peito, a corôa um tanto inclinada á frente, pela attitude, pelo gesto, no corresponder ao respeito dos seus subditos, no subir os degráos do throno, em tudo, enfim, via-se-lhe o enleio canhestro.

Attentaram, então, os vassallos e um, mais esperto, sussurrou na turba: «É o bôbo!»

Os olhos fitaram-se agudos no monarcha, franziram-se em sorrisos os rostos e todos, em voz que subia em grita e se desfazia em gargalhada, repetiram: «É o bôbo!»

E os alabardeiros riam, riam os homens d'armas, riam donas e fidalgos, pagens e varletes, villicos e burguezes, todos.

E a gargalhada immensa estrondava abafando os muros do salão quando o arauto, avançando, impoz silencio. Foi, então, uma rinchavelhada chocarreira:

«É o bôbo! El-Rei Truão! El-Rei Truão...»

Uns, com acenos, perguntavam pela palheta, outros pela gorra e as damas e os fidalgos torciam-se de riso.

Debalde o arauto ameaçava a turba com os alabardeiros e com os homens d'armas, não havia contel-a, e o bobo, remexendo-se no throno, empallidecia de furor, e quanto mais se lhe accendia a colera, mais crescia a assuada.

Eis, porém, que, com alegre tinir de guizos, surge, disfarçado nos trajes do bufão, com a palheta em punho, a fazer visagens e momices, o proprio rei.

Foi direito ao throno, zumbriu-se, rebolcou-se no tapete ao som das gargalhadas e, quando maior era a balburdia, ergueu-se e encarando de face a multidão, perguntou em tom faceto:

— Que tal vos pareço assim?

Na pergunta reconheceram todos a voz do Rei e logo, respeitosos, humilhados, prostraram-se. Cessou a galhofa e o silencio dominou solemne.

Então o rei, acenando com a palheta, disse:

— Ide-vos. Foi um capricho meu pôr um

truão no throno e vestir-me com a sua pelle. Ide-vos! Houve um escoar e a turba retirou-se.

Quando se acharam sós, o rei e o bôbo, disse o monarcha ao bufão:

— Deves estar contente: foste rei uma hora.

— Ah! senhor... mais bôbo que nunca! Mais bôbo que nunca! E despindo-se: Aqui tendes o que vos pertence, dai-me o que é meu e fique cada qual no seu destino. Podem os reis descer sem risco e onde quer que estejam sempre serão reis porque trazem comsigo o prestigio... O bôbo é que não póde subir porque, quanto mais se eleva, mais lhe apparece o ridiculo. Em vós a gorra é apenas um capricho, em mim a corôa foi uma burla e o que conseguistes com o aceno da palheta não pude eu alcançar com ameaças de morte. E emtanto... eu tinha todos os attributos.

— Nem todos, disse o soberano: faltava-te o principal — a magestade de rei.

HELIANTHO

Despetado com a gloria do sol, que os homens adoravam sob o nome de Phebo-Hyperion, Hephaestos, o artificioso, resolveu supplantal-o fazendo, em sua officina subterranea, um astro em tudo igual ao que, deslumbrantemente, percorria, de extremo a extremo, a altura elysea.

Espalhou os seus cabiras e telchinos pelos veios das minas em busca de ouro e, quando viu a forja atupida de metal luzente, reuniu os cyclopes e, com os mais habéis, poz-se a modelar a imagem do astro.

Lavraram, com esmero, o disco, ajuntaram-lhe os raios.

Hephaestos não esquecia um detalhe, não des-

curava a mais imperceptível minucia e, apurando a arte em requintes de cuidado escrupuloso, depois de um lento, insistente polir, espalhou a irradiação em torno do centro de ouro e, orgulhoso da sua fabrica, convocando Demeter e todas as divindades da terra á sua entranhada officina, mostrou-lhes a nova criação da sua arte incomparavel.

Pasmaram os deuses do sublime trabalho do artifice magnifico e, em unisono, bradaram:

— É o proprio sol!

E Demeter pronunciou-se:

— Agora poderemos zombar de Apollo e do mesmo Zeus, condensador das nuvens. Quando os cumulus tempestuosos apparecerem na altura e os nimbus escurecerem os campos, o sol da terra abrirá a sua claridade. Quando os frocos de neve baixarem sobre prados e montes, o sol da terra os fundirá de repente. Não haverá mais regelo e o meu corpo verde terá sempre o esplendor diurno porque, quando o plastro de Phebo mergulhar no occaso, o sol da terra refulgirá alumando todos os lugares, desde o campo mais descoberto á mais recondita deveza.

E disse ainda Hephaestos orgulhoso:

— E mais ainda farei, Demeter fecunda. O sol é um para todo o vasto universo — eu multiplicarei os sóes, cobrirei com elles a terra como as estrellas recamam o céu. As montanhas, os campos, as collinas, os valles terão constellações de sóes. Á beira de todo o corrego, ao longo dos grandes rios, em torno dos lagos limpidos brilharão sóes ardentes e os lavradores poderão colher o sol da terra como colhem o trigo e o linho levando-o para as cabanas.

O que é necessario, Demeter, é que tu o faças sahir a flux como fazes brotar a semente atirada no sulco do arado.

Mas um velho cabira, que ouvira em silencio, adiantou-se e disse:

— Hephaestos, senhor das minas, dominador do fogo occulto, se pretendes fazer um sol que possa competir com Phebo-Hyperion, não basta que imites a forma do astro, é necessario que lhedês a luz, eterna como a do sol, e essa não a farás, de certo, com o fogo que flammeja na terra e que uma gotta d'agua combate. Assim, para que faças um sol, terás de procurar obter a essen-

cia da luz divina, imperecível e inalterável, que é o esplendor dos dias.

— Tomal-a-ei ao proprio sol, disse Hephaestos, desde que achas que o lume terreal é ephemero. Faça Demeter apparecer á flôr da terra o sol de ouro que eu o accenderei nos proprios raios do sol divino, como se accende a lenha á chamma da fogueira.

— Farei o que pedes, disse Demeter; e cumpriu a palavra.

Com os primeiros calores da primavera, quando as brisas corriam perfumadas e começavam os arêes a enxamear-se de borboletas, viram os pastores árcades brotar da terra um arbusto novo.

Cercaram-no com interesse examinando-o e maior foi nelles o espanto quando deram com a sua flôr. Levantou-se, entre todos, uma grita jocunda:

— É um sol! É um sol...!

— Talvez algum nimbo que tivesse ficado do estio e, creado na terra, como o grão de trigo, viesse agora em flôr.

— Que lindo enfeite! gabaram as mulheres.

E, em torno da haste em que oscillava a flôr

radiosa, puzeram-se a bailar em circulo os árcades contentes.

Hephaestos, apenas se cumpriu a promessa de Demeter, poz-se a guiar a flôr inclinando-a para o sol afim de que recebesse em cheio a luz do astro e nella eternamente se inflammasse.

Mal se acairelava o oriente de rubro volvia a flôr o seio para o esplendor. Surgia o sol, a flôr fitava-o e seguia-o na sua derrota ceus em fora até que, ao canto vespéral das cigarras, o astro descalia no horizonte.

Que lhe ficava do sol? o amortecimento.

Crestava-se debalde a flôr misera e, á noite, ao contrario do que Hephaestos esperava, perdia-se na tréva como as outras flôres. Mais lume despedia o pyrilampo erradio, mais lume espalhava o pantano selvagem.

Exaltou-se o deus subterraneo accusando os cyclopes de imperitos e já pensava em descer á officina profunda para vingar-se dos artifices da incúde, quando um subito clarão desfez as trevas nocturnas e Phebo fulgido appareceu junto da flôr pendida.

— Hephaestos, não lances a culpa aos que

a não têm. Quizeste cobrir a terra de sóes e trabalhaste no ouro com esméro admiravel. Não ha duvida que a obra é digna do teu genio, o que, porém, não lhe podes dar é o esplendor que me cerca.

Conseguiste imitar a forma, mas a essencia, que é a luz, essa só a poderia dar o grande Zeus.

Nem tudo póde o martello sobre a incúde e o ouro só brillá ao contacto da luz.

Sóes d'ouro podem fazer, e lindos! os teus cyclopes habilidosos; astros só os cria o poder de Zeus.

Demeter sahiu em teu auxilio, está a terra coberta de helianthos e quem os vê dentro da noite? Entretanto um raio só da minha claridade basta para alumiar um campo vasto. És fogo, senhor do fogo, contenta-te com a tua natureza e com o teu prestigio, não queiras ser astro.

Disse e, como as cotovias, voando dos tri-gaes, annunciavam a madrugada, remontou ligeiro aos ceus para tomar o governo da esplendida quadriga.

Hephaestos, porém, não se dando por vencido, insistiu no seu proposito de tornar a flôr igual

ao sol inflammando-a na luz do astro diurno e, desde os tempos mais remotos até hoje, mal amanece e incendeia-se o ceu, eil-o a voltar a flôr para o disco fulgente, a acompanhal-o até o perder de vista.

È a flôr... sempre apagada e a crestar-se na luz, morre como as mariposas.

Hephaestos, porque has de sujeitar a flôr a tamanho ridiculo entre as flôres?

Heliantho... pobre de ti...! È quantos ha com a tua pretensão e com o teu destino entre os homens — sóes na vaidade e menos que vagalumes.

A FLAUTA E O SABIÁ

Em rico estojo de velludo, pousado sobre uma mesa de xarão, jazia uma flauta de prata.

Justamente por cima da mesa, em riquissima gaiola, suspensa do tecto, morava um sabiá.

Estando a sala em silencio e descendô um raio de sol sobre a gaiola, eis que o sabiá, contente, modúla uma volata.

Logo a flauta escarninha põe-se a casquinar no estojo, como a zombar do módulo cantor sílvestre.

— De que te ris? indaga o passaro. E a flauta, em resposta:

— Ora esta! Pois tens coragem de lançar taes guinchos diante de mim?

— É tu quem és? ainda que mal pergunte.

— Quem sou! Bem se vê que és um selvagem. Sou a flauta. Meu inventor, Marsyas, lutou com Apollo e venceu-o, por isso o deus, despeitado, immolou-o. Lê os classicos!

— Muito prazer em conhecer... Eu sou um misero sabiá da matta. Pobre de mim! fui creado por Deus muito antes das invenções. Mas deixemos o que lá foi. Dize-me: que fazes tu?

— Eu canto.

— O officio rende pouco. Eu que o diga, que não faço outra coisa. Deixarei, todavia, de cantar — e antes nunca houvesse aberto o bico porque, talvez, sendo mudo, me não houvessem escravizado — se, ouvindo a tua voz, convencer-me de que és superior a mim. Canta! Que eu aprecie o teu gorgueio e farei como fôr de justiça.

— Que eu cante...?!

— Pois não te parece justo o meu pedido?

— Eu canto para regalo dos reis nos paços, a minha voz acompanha os hymnos sagrados nas igrejas. Ao rythmo dos meus delicados trillos

bailam as damas, guiam-se as endeixas das serenatas de amor, ao luar. O meu canto é a harmoniosa inspiração dos genios ou a rhapsódia sentimental do povo.

— Pois venha de lá esse primor. Aqui estou para ouvil-o e para proclamar-te, sem inveja, a rainha do canto.

— Issò agora não é possível.

— Não é possível! Por que?

— Não está cá o artista.

— Que artista?

— O meu senhor, de cujos labios sahe o sopro que transformo em melodia. Sem elle nada posso fazer.

— Ah! é assim...?

— Pois como ha de ser?

— Então, minha amiga — modestia á parte — vivam os sabiás! Vivam os sabiás e todos os passaros dos bosques, que cantam quando lhes apraz, tirando do proprio peito o alento com que fazem a melodia.

Assim, da tua vangloria ha muitos que se ufanam. Nada valem se os não soccorre o favor de alguem; não se movem se os não amparam,

não cantam se lhes não dão sopro, não sobem se os não empurram.

O sabiá vôa e canta — vai á altura porque tem azas, gorgeia porque tem voz. E succede sempre serem os que vivem do prestigio alheio os que mais allegam triumphos.

Flautas... Flautas... Cantas nos paços e nas cathedraes... Pois vem d'ahi a um duetto conmigo.

E, ironicamente, a toda a voz, poz-se o sabiá a cantar e a flauta de prata no estojo de veludo... moita! Faltava-lhe o sopro.

O MILAGRE

Indo um homem á floresta lenhar, descobriu na broca de um tronco um idolo grosseiro e logo, accendido em zelo devoto, tomou-o nos braços e regressou contente á villa.

Rapidamente espalhou-se pelo lugarejo a noticia do achado e não faltaram presagios felizes attribuindo o apparecimento da imagem a intuitos de mercês com que Deus queria premiar as gentes.

Na tarde do mesmo dia, que foi de alegre alvoroço, encheu-se a cabana do lenhador, onde o «santo», entre luzes e flôres, sobre uma mesa forrada de linho alvo, avultava como um toro apenas falquejado.

Choveram esmolas, multiplicaram-se promessas e, como eram indistinctas as feições do idolo, cada qual o appellidou conforme a sua devoção, e foi assim que o santo teve varios nomes, prevalecendo, porém, o de «Senhor apparecido».

A nova propalou-se ás povoações vizinhas. Começaram as romarias e, com ellas — porque a cabana não podia comportar a turba de devotos — veiu a idéa de levantar-se uma capella, onde a imagem tivesse agasalho digno e todos a pudessem contemplar á vontade, pedindo-lhe o que pretendessem.

Não faltaram materiaes nem obreiros e, pouco a pouco, ao som de canticos, foram subindo os muros da capella.

Contavam-se os enfermos por centenas, vindos de varias partes — cegos, febrentos, lazarus e paralyticos, todos pedindo a cura e fazendo promessas generosas.

O santo, sempre entre flôres e luzes, parecia indifferente aos rogos dos infelizes.

Uma manhan, porém, certa velha que chegara em andas, entrevada, poude deixar o estrame em que jazia e, por seu pé, sem auxilio, dirigiu-

se, entoando louvores, á cabana do lenhador, prostrando-se ante o santo a proclamar e a agradecer o milagre.

Tanto bastou para que se divulgasse, com maravilhosos detalhes, a noticia da cura espantosa.

Cresceu a fé entre os enfermos, de balde, porém, rezavam e promettiam, nunca mais houve quem sahisse do seu grabato, vendo, se era cego; ouvindo, se era surdo; caminhando, se era entretido; livre da febre ou sem dôres.

Queixavam-se os miserandos, mas sempre havia quem lhes respondesse «que a razão estava em elles não terem fé» e com isso os desgraçados resignavam-se, sempre louvando o santo, cuja fama crescia.

Com a affluencia dos devotos, o povoado desenvolvia-se; o seu commercio, que era mesquinho, tornou-se consideravel e, á volta da capella, ergueram-se tendas de trabalho: o oleiro apollegando o barro, o ferreiro malhando á bigorna, o carpinteiro acepilhando a taboa, o imaginario esculpindo copias do «santo» que os devotos traziam ao pescoço, a rendeira com a sua

almofada de crivo e, como sempre chegavam familias, iam os pedreiros edificando e as oficinas todas laboravam.

Apesar de não se ter realisado outro milagre depois do desentranço da velha, a romaria não cessava e se alguem, por desanimo, mostrava-se descrente, logo lhe citavam o caso da paralytica, descreviam os seus passos, diziam como chegara á cabana, que fizera, e ainda mostravam os castiças de prata que ella mandara ao santo com um quadro em que estava miudamente referido o milagre sublime.

É assim, os mesmos que regressavam aos lares sem melhoras, faziam o louvor do santo «que curara a velha de uma paralyisia de longos annos».

Outra cura não fez a imagem do bosque, que da cabana passou ao altar-mór da capella, mas só com haver andado uma entrevada — beneficio para o qual, talvez, não concorrera — ganhou tão grande fama, que se álguem, nas terras de longe, alludia á sua bondade, logo em côro se murmurava, em tom maravilhado: — «Não ha santo mais milagroso!» É lá vinha a referencia á paralytica.

Para milhares de desiludidos só havia aquelle consolo, e esse bastava para manter a crença e prestigiar o santo.

Como esse idolo da floresta — a que se attribuiu milagre — quantos ha de carne e osso que são potentados por terem tido a sorte de achar uma velha entrevada e de fé... que se levantou do estreme e proclamou a sua virtude.

Idolos e homens... tudo está em crearem fama.

FRUTOS MADUROS

Todas as manhãs, depois de, attentamente, examinar as victualhas que entravam para as cozinhas reaes, o medico do paço descia ao pomar, e, vagaroso, abordoado a um bastão, entre famulos que levavam alcofas, ia de uma a outra arvore, indicando as frutas que deviam ser colhidas. Examinava-as, cheirava-as, apalpava-as e só só permittia a apanha das que lhe pareciam bem maduras, tão molles que, ao mais leve toque, logo se amolgassem.

Debalde lhe faziam ver que, assim passadas, perdiam toda a belleza e todo o perfume: nem ornavam a mesa, nem convidavam o appetite.

— São as que convem ao rei, retrucava o medico.

O encarregado do horto levava-o a ver os pecegueiros carregados de frutos pubescentes, carnudos e corados, cujo aroma rescendia; mostrava-lhe os figos reçumando calda, á volta dos quaes era um alegre gyro-gyrrar de abelhas; vergava, para que elle os visse de perto, os galhos fartos das laranjeiras e dos limoeiros. Entrando sob as latadas apontava-lhe os cachos pyramidaes ou, agachando-se nos canteiros, apartava as folhagens expondo os morangos côr de sangue; e o medico sempre a acenar com a cabeça branca:

«Que não! Não estavam como convinha. Para que não fizessem mal era necessario mais sol, mais sol e mais orvalho».

E os famulos colhiam.

Às vezes, a fruta, de tão madura, esborrachava-se-lhes entre os dedos; outras eram tão chôchas, tão engrouviadas que elles atreviam-se a falar:

— Vêde, senhor; reparai. Não é para a mesa de um rei. Dir-se-á que a apanhamos no chão.

— Está como convem, affirmava o velho medico.

E lá ia, sem attentar nas arvores que o attra-

hiam com a belleza e com o aroma dos pomos sazonados.

Uma tarde, sentando-se o rei á mesa e appetecendo-lhe comer figos, pediu-os ao copeiro.

A corbelha em que vieram acamados era de filigrana de ouro, eram, porém, tão feios os berjaçotes que o rei os repelliu de si, com repugnancia.

Os pecegos não lhe agradaram, tão pouco as uvas que já se encarquilhavam em passas, e tudo mais que da cópa lhe traziam em covilhetes preciosos e em condeças era devolvido.

Irritou-se o monarcha e, attribuindo a culpa ao pomareiro, mandou chamal-o e, tanto que o viu presente, rompeu em palavras agastadas:

— Para quem guardas tu as bôas frutas para que só me mandes as que rejeitam os passarinhos?

— Senhor, a culpa não é minha, senão do medico de V. M. que é quem as escolhe nas arvores. Por mais que eu lhe diga que o fruto deve ser apanhado em tempo — nem tão verde que trave, nem tão maduro que se engelhe, — elle reponta e vai ordenando o que entende. Não me posso insurgir contra quem sabe. Elle é o zelador

da saúde preciosa de V. M. e ainda que eu, por muito lidar com frutos, conheça os melhores e saiba quando estão em vez de ser colhidos, calome. Frutos não faltam e lindos no pomar, mas que ha de responder um pomareiro ao medico d'El-Rei?

Chamado o medico, que já se havia recolhido á sua camara, esperou-se longamente que se levantasse e viesse, sempre aborroadado, arrastando os passos pêrros ao longo dos corredores.

Sciante do que se tratava, logo entrincheirou-se na pratica, allegando o muito que vira e o muito que aprendera em livros.

— Nada, meu amigo, tornou o rei. Deixemos em paz os livros — todos elles espremidos não chegam a dar duas verdades. Frutos, que-rem-se de vista e sabor. Nada de figos murchos.

— A prudencia, real senhor...

— Conheço-a: é uma senhora que não apaga a lanterna e ainda em pleno dia tral-a accessa porque pôde alguma nuvem obscurecer o sol. Dão-na por irman da sabedoria, essa filha da velhice, no dizer dos velhos. Eu sei. É vezo servirem aos reis tudo que o Tempo estragou — frutos velhos

e homens decrepitos: uns, porque perderam a acidez; outros, porque adquiriram experiencia.

Assim o que vem á mesa é o repudio dos passarinhos e o que fala no conselho é a caducidade. Os bons frutos e as intelligencias viçosas vegetam no pomar e no mundo até que as gelhas e as rugas os recommendem. Nada, já que os reis são escravos da tradição que, ao menos, os frutos sejam frescos e se o reino não pode crescer com os lanços dos bons espiritos que o paladar do rei não se prive do agradável sabor.

Fique cada qual no que entende — o medico, de guarda á saúde e o pomareiro no pomar.

O RELOGIO E O VEGETE

Sabia certo philosopho da vaidade de um seu amigo que, sendo septuagenario, procurava, a todo o transe, fazer-se passar por moço.

Pintava-se e, só para este artificio, tinha uma enorme bateria de frascos. Os cosmeticos eram ás duzias e, no toucador, os bastões rolavam ás pilhas e eram potes de pomadas, caixas de polvilhos, ferros, escovas, limas e tesouras.

Todos os dentes postiços lembravam as imagens funeraes com que, sobre os tumulos, se recordam os finados e o busto, que corcovava, era mantido a prumo pelas laminas de aço de um collete.

Certa manhan, procurando-o o philosopho,

achou-o atarefado em remoçar-se. Afundou na primeira poltrona com um livro e, enquanto o velho reparava os estragos da velhice, fingiu-se interessado na leitura.

Um momento sahiu o pachola e logo o sabio, pé ante pé, foi ao grande relogio, cujos ponteiros marcavam o meio-dia, e parou-o.

Reappareceu o velho sarapintado e ageitado em quarentão, teso e liso, os cabellos e a barba de azeviche, mas os olhos... ai! delles, já vasquejavam no fundo escavado das orbitas.

Sahiram para o almoço.

À mesa a palestra foi longa: o velho falou de amores, referindo galantes aventuras; o philosopho sorria, gabando-lhe a fortuna.

Subia o calor — não só do sol como dos vinhos e licores, que foram varios e copiosos.

Passaram ao terraço e, tão doce era o ar em tal recreio, tão commodo era o recosto molle das poltronas, tão capitoso era o perfume do jardim, que ali se ficaram os dois discreteando suavemente, com cabeceios de somno que os faziam mesurar de quando em quando.

Lenta vinha vindo a tarde e o velho, que não

dêscurava os fingimentos, tornou á caniara a re-fazer, com unguentos e cosmeticos, o que o suor compromettera.

Ao entrar, porém, consultando o relógio, pas-mou de o ver parado.

— Parado o relógio!

— Parei-o eu, disse serenamente o philosopho.

— Tu! Com que fim?!

— Desejando tornar mais longo o nosso con-vivio, não quiz que os ponteiros sahisses do meio-dia.

Dobrou-se o velho a rir do que lhe parecia grande needade.

— Temos um novo Josué! Julgas, então, que, parando o relógio, detens a marcha das horas?

— Não rias, porque foi contigo que aprendi tal lição.

— Commigo!

— Sim, contigo. Infelizmente, porém, estou convencido do meu erro e praza a Deus que o mesmo te aconteça. Parando o relógio ao meio-dia nem por isso consegui evitar que as sombras da noite viesssem sobre nós. Ellas ahi estão, e pesadas, apesar do estratagemma.

Mira-te agora ao espelho, tu. Não fazes em ti o mesmo que fiz ao relógio?

Olhando os ponteiros dá-se logo pela inercia da machina, porque ninguem se engana com o tempo. Assim, quem te vir, ainda que te besuntes com todos os oleos da terra e tinjas os cabellos com todos os preparados chimicos, não se illudirá com a fraude. Queres fixar a mocidade como eu quiz reter o tempo, parando o relógio, que lá está immovel no zenith sem que, por isso, refuja ao negror da noite que já o vai cercando.

O Tempo é como o sol, meu amigo: ninguem o esconde, não ha rebuços que o encubram. É meio-dia no relógio e já por ahi andam a trissar morcegos. Assim tu — fazes-te moço, escondes a verdade e ella resalta flagrante em todo o teu corpo.

Vamos lá, meu amigo, não nos queiramos illudir oppondo tropeços ao que não pára. Pódes enterrar um raio de sol? foi este um sonho que Averrhóes tentou inutilmente. Deixa-te de artificios — lava-te e apparece como és — emquanto eu vou acertar o relógio, pondo-lhe os ponteiros sobre as horas que são.

O RIBEIRO

No principio, querendo o Senhor estabelecer a ordem perfeita e firmar a harmonia entre as creaturas para que, a todo o tempo, não lhe chegassem queixas de opprimidos ou de descontentes, descia, de quando em quando, á terra e, ainda que tudo lhe parecesse bem, dissimulando em humildade a sua omnipotencia, escondia-se na folha da arvore, na penna do passaro, na petala da flôr, na gotta d'agua, na estriga, no grão de arêa, na centelha do lume, no espirito do homem, no coração do animal e escutava; na intimidade, o que pensavam ou diziam e, se achava razão na queixa corrigia; se ouvia louvores exultava.

O passaro bemdizia-o porque Elle lhe déra

a aza e o canto; a flôr agradecia-lhe o perfume, a arvore a folhagem, a serra o arvoredado, o rochedo a fonte e o musgo, a caverna a sombra e o silencio, a mina os filões de ouro, o homem o pensamento, a fera a liberdade e o mar não se cançava de desdobrar os vagalhões admirando-lhes as rendas brancas de espuma que se espalhavam nos areaes.

A terra era uma immensa alegria. Todas as vozes, ainda as mais humildes, como a das formigas que carreavam achegas e a das abelhas que recolhiam o mel, eram de agradecimento a Deus. O proprio cardo hediondo mostrava-se ufano da flôr que se abria nos seus galhos aleijados.

È Deus parecia contente com o que fizera e, retomando a forma divina, envolvendo-se na aureola préfulgente, já se dispunha a regressar ao ceu quando ouviu o murmúrio lamentoso que subia de um ribeiro.

Aproximou-se da margem, toda vestida de verdura florente e, inclinando-se sobre as aguas passageiras, reteve-as perguntando-lhes porque se queixavam.

— Senhor, disse o ribeiro, a tudo déstes li-

berdade: os passaros vôam por ondê querem — se lhes apraz a montanha, batem azas, lá vão; se está em flôr o bosque, ao bosque se dirigem. Pas- sam as aguias e as lavandiscas — são livres, têm toda a terra e todo o espaço; o homem erra á vontade por todas as devezas, os animaes percor- rem as florestas, atravessam as campinas e os desertos, elegem a moradia que lhes convem; a estrella brilha no ceu e fulge nas aguas; a terra levanta-se em poeira e vai crear ilhas nas rochas do largo oceano e as vagas do mar, se desejam o sol, chegam-se ás praias tepidas e doiradas, quan- do querem o repouso recolhem-se nos extremos do mundo e dormem congeladas. Eu só não te- nho o direito de deixar esta prisão estreita nem de retroceder, o que fazem os pequeninos peixes que nascem no meu seio, mais livres do que eu porque podem ir e vir, zombando da correnteza.

Sou um captivo. Quizera poder insinuar-me nos bosques, repousar um minuto á sombra das arvores, correr as arêas claras do deserto, rolar pelas ribanceiras alfombradas, ser livre, enfim...

— É quanto queres?

— É tudo, Senhor.

— Assim seja. E logo, desfazendo as ribanceiras que continham as aguas do ribeiro, deixou-as o Senhor livres.

Precipites, com murmúrio alegre, correram pelos campos, invadiram a floresta, alastraram o deserto, metteram-se pelas furnas.

Mas a floresta reteve as que lhe chegaram e, juntando-as em lago, matou-as formando com as miseras, dantes tão limpidas e vivazes, o tenebroso e taciturno pantano.

O deserto, de arêas quentes, mal sentiu as aguas erradias, logo as devorou, soffregou. As furnas, cheias de pedras, em declives escabrosos, precipitaram-nas de queda em queda.

De todos os lados, então, subiram lamentos doridos: no pantano, as vozes das aguas agonisantes que se sentiam abafar pelas folhas mortas, pelos ramos seccos, escabujando, não sobre o saibro claro em que, dantes, haviam corrido, mas sobre um putrido lençol de lôdo; no deserto; gritos das aguas que succumbiam devoradas pela sêde eterna dos areaes resequidos; nas furnas o longo, angustioso gemido das aguas arrojadas de pedrouço em pedrouço.

Foi, então, que o ribeiro arrependido clamou em desespero:

— Fazei-me, Senhor, voltar ao leito antigo, dai-me a dôce prisão das minhas formosas margens. Que fui eu pedir, insensato que sou! Pobres das minhas aguas! Dai-me, de novo, o antigo leito com as suas margens orladas de verdura, fazei-me tornar á minha prisão e que as minhas ondas continuem a brincar com as libellulas e com as borboletas.

Ó o tumulto negro, o pantano triste... Como me illudiu a floresta! Ó o deserto perfido e os antros traidores! Juntai as aguas dispersas que soffrem por minha culpa, que ellas tornem ao leito enxuto. Fazei-me, de novo, o ribeiro de outr'ora.

E disse o Senhor:

— Foste o unico descontente. Entre tantos rios e ribeiros só tu reclamaste contra a minha ordem pedindo liberdade. Dei-t'a. Eras limpido, tinhas belleza e tinhas frescura e todas as tuas aguas corriam juntas, em alegre bando, por entre as sombras cheirosas. Quizeste entrar na floresta, como o homem — lá estás em pantano; qui-

zeste percorrer o deserto como os leões, as arêas devoram-te; quizeste voar como o passaro, o sol absorve-te; quizeste descer a montanha, os penhascaes precipitam-te e, querendo ser tudo nem ribeiro és mais, porque a agua que te resta é uma lagrima escassa que desapparecerá no estio, com o ardor do sol.

È, sem mais dizer, subiu o Senhor ao céu e lá ficou na campina o raso fio d'agua, resto do ribeiro ambicioso, cujos membros jaziam dispersos: — na floresta rebalsados em pantano, torvelinhando em cachões nas furnas, no deserto em lençol humido que mal chegava para a sêde voraz das arêas adustas.

Desde então nunca mais as coisas se queixaram: serviu a todas de exemplo o caso do ribeiro descontente.

O PRINCIPE DE LAHOS

Quando lhe disseram que o physico pedira, além da conducção, uma guarda de fortes cavalleiros que lhe garantissem a vida nos andurriaes assolados pelos bandidos e tantas moedas de ouro quantos fossem os dias que passasse no castello, ergueu-se no leito o rispido suzerano bramindo, a apontar a arca em que guardava o thesouro:

— D'ali não sahe moeda para tão refalsado villão! O que eu lamento é não ter forças para montar o meu ginete e empunhar uma lança, porque havia de mostrar-lhe como costume responder a affrontas da ralé. D'ali não sahe moeda.

Disse e cahiu no leito prostrado e gemendo.

Foi tamanho o furor, tão violento o arranque, tão despejados os movimentos do ancião que se lhe abriram as feridas do peito e o sangue jorrou aos golfões.

Sollicita e ligeira a filha acudiu a tempo de estancar a copiosa hemorragia e, com palavras meigas e socegadas, serenou o animo do pai contendo-lhe as abafas e os protestos furentes da avareza e, para distrahir-o, á falta de menestrel ou jogral que lhe cantasse, ao som da róta, um lais ou uma cantilena, tomando o fuso, a fiar, improvisou o romance do Principe de Lahos.

«Logo que subiu ao throno o principe galhardo, o cavalleiro mais apposto e a melhor lança do reino, ordenou se fizessem grandes obras militares ao longo da fronteira, se dotasse a esquadra de navios possantes, se alistassem no exercito os mancebos das principaes familias. Queriamos jovens e de boa sombra, armados com esplendor para que todos quantos os vissem ficassem deslumbrados. Assim foi feito.

Restauraram-se as muralhas, armaram-se ga-

lés altivas, escolheram-se os esbeltos infantes e os mais gentis cavalleiros.

O que maravilhava, porém, não era a espessura das muralhas, não era o porte dos navios, nem era, tão pouco, o numero da soldadesca, mas o fausto que em tudo se notava.

As muralhas eram pintadas como paredes de paços, as náos andavam sempre empavesadas, como em festa, com a companhia vestida de linho alvo, vergando remos que eram de sandalo; os infantes, mais pareciam donzeis de paço, vestidos de purpura, com arcos que trescalavam, escudos que eram baixellas, lanças com espiculos de prata e que direi dos cavalleiros? se os telizes eram de trama de ouro podeis imaginar como seria o mais.

Toda essa ostentação era apenas para a vista: nem as muralhas offerciam resistencia porque as pedras, mal assentadas, roliariam ao primeiro embate abrindo brechas ao inimigo, nem os infantes meneavam as armas e os cavalleiros só em torneios galantes escaramuçavam.

O principe contentava-se com possuir exercitos e uma esquadra numerosa. Que lhe impor-

tava a impericia do soldado e a inexperiencia da maruja? Lá estavam os vistosos esquadrões e no molhe, velas abertas, a esquadra arfando.

Sucedeu que um monarcha ambicioso, cujo reino confinava com o de Lahos, resolveu levantar-se em armas contra o principe garrido e, estendendo em campo o seu valente exercito e soltando nos mares a sua aguerrida fróta, impoz-se com arrogancia.

Foi então que um aio falou ao principe:

— Senhor, é tempo de fazerdes sahir a vossa gente. Guarnecei as muralhas, confiai o commando da tropa a um general argúto, entregai a um habil capitão a esquadra e facilmente fareis recuar o ousado que nos ameaça com affronta.

— Que! exclamou o principe. Queres que exponha os meus infantes, que tanta vista fazem com os seus saios de purpura, as suas cnemidas de prata, os seus escudos de aço brunido e as suas lanças tauxiadas, á gente rude e salaz que ahi vem? Hei de lançar ginetes preciosos e cavalleiros que levam no corpo thesouros em pedrarias contra uma horda de maltrapilhos? Achas que navios laminados a prata, abrindo velas de linho,

foram feitos para abordar chavécos? Não! E deixou-se estar.

Chegou ás muralhas a chusma bravia e logo foi iniciado o assalto.

No mar as galéras ricas soffreram o abalrôo da frota inimiga e, uma a uma, foram sosso-brando. Correu o aio a palacio.

O principe admirava a sua gente de guerra que manobrava ao sol, num campo fechado. As ascumas scintillavam, os cocáres dos elmos eram de todas as côres e os cavallos, cabeando airosamente ao meneio dos cavalleiros, faziam rebrilhar os jaezes e as armas. Estrondavam os instrumentos, refulgia o aceiro.

Que lindo!

— Senhor, tornou o aulico alarmado, enquanto vos extasiais no lustro da vossa gente o inimigo vareja os muros da cidade. Já se ouve o vozeio confuso, as tubas roucas resoam, tinem armas nas ruas. Em pouco estarão comvosco. Fazei sahir a vossa gente. Que, ao menos, se defenda a vossa residencia e o throno.

Não deu resposta o principe. Expor á morte aquelle brilhante exercito... E deixou-se estar

contemplando o garbo e o luzimento dos infantes e dos cavalleiros.

Um tumulto assustou-o: era tarde. Quando se lembrou de bradar aos seus guerreiros, mãos brutas arrastaram-no e, manietado, captivo, lá foi o principe de Lahos.»

Calou-se a donzella.

Soergueu-se o enfermo e, fitando os olhos na filha, que baixara a cabeça loura e retomara a meada e o fuso, bradou:

— Por Deus! e os guerreiros?

— Os guerreiros?

— Sim. Porque não sahiram em defeza do seu soberano?

— Porque elle não os tinha para batalhas, mas para simples encanto dos olhos.

— Essa agora! Guerreiros querem-se na lucta, não são histriões para divertimento de côrtes. De que lhe serviu exercito tão numeroso e tão rico se acabou em tamanha miseria ás mãos dos brutos?

— Lastimai-o, senhor: tinha mais amor ás armas resplandcentes do que á patria e á propria vida. Não tendes vós ali na arca moedas

sem conta, barras de ouro e de prata, pedrarias e baixellas? Não nutris nas vastas campinas tantos ginetes aderençados? Não dispondes de cavalleiros fieis ao vosso commando? Emtanto, a Morte ronda o castello e, em breve, estará com-vosco porque vos negais a ceder ao pedido do physico.

Moedas amealhadas são economias que devem sahir ao reclamo da necessidade. A formiga, no inverno, alimenta-se com o que recolheu no estio. Vale mais que um reino a vossa vida e, se succumbirdes, ainda que vos forrem de ouro o tumulto e o incrustem de gemmas não deixareis de apodrecer como o animal que morre na charnéca.

Quem fica debruçado a contemplar thesouros esquece todos os deveres. A avareza é um crime. Se o principe houvesse attendido á voz do aio ainda seria rei e não estaria a gemer no fundo de um ergastulo, carregado de ferros.

— Que venha o physico! bradou o fidalgo. Manda-lhe a conducção e os cavalleiros e que lhe digam que, além das moedas do ajuste, terá ainda um vaso de ouro cheio de besantes no dia em

que eu puder vestir a couraça e brandir a facha d'armas. Exercitos querem-se em campo.

— È moedas em gyro, quando é preciso, disse a donzella. E, levantando-se para transmittir as ordens de seu pai, suspirou: Tivesse o principe ouvido as palavras do aio e ainda hoje seria rei do lindo paiz de Lahos.

— È onde fica esse paiz? indagou o velho interessado.

— Onde fica? Só os poetas o sabem, meu senhor, os poetas que tudo conhecem porque a imaginação os leva a toda a parte. Hei de perguntar a um menestrel.

Disse e, sorrindo, sahiu a transmittir as ordens necessarias para que fossem buscar o physico á montanha.

A VAQUINHA BRANCA

Por aquelles agros, fosse de verão, fosse de inverno, tivessem as arvores a sua verde opulencia ou forrasse-as a neve; cantassem de ramo a ramo calhandras e pintasilgos ou apenas enregelados pardaes piassem, lá ia, ao romper d'alva, caminho do monte, com a velha sainha de saragoça e sóccos nos pequeninos pés, a pastorinha Eudalia.

Orphan, fôra recolhida por má gente que, sem pena da sua idade fragil, mandava-a ao monte, com o gado, dando-lhe uma miga de pão, e ai! della se murmurava queixa.

«Faz frio!...»

Eh! lorpa, bradavam-lhe, quem sabe se te

havemos de engordar á beira do lume, como uma princeza? Não estão lá fóra as arvores, que são tambem creaturas de Deus? Ou levas o gado ao monte ou sahes duma vez desta casa, que aqui ninguem te viu nascer.»

È a coitada partia.

No tempo das flôres era até um goso aquelle andar matinal por veigas virentes, ao som das aguas levadias que pareciam brincar nos seixos. Ai! della, porém, quando o vento entrava a esfusiar gelado, levantando em remoinho as folhas mortas.

Ainda assim cantava a pobresinha, e, com as faces coradas, parecia haver agazalhado no corpo a primavera, sahindo-lhe a voz dos passarinhos nos cantos que desferia, abrolhando-lhe as rosas vermelhas no rosto lindo, crescendo-lhe o trigo maduro nos cabellos d'ouro, correndo as aguas ligeiras em pranto dos seus olhos claros.

Falando ás ovelhas magras lá ia, por atalhos fragueiros, tiritando, a descobrir restos d'hervas que servissem de pasto ao seu rebanho,

Entre as ovelhas, por ser linda e mansa, andava uma vaquinha branca, que era o desvelo da pastora. Mirraste todo o pascigo ficando o terreno desnudo, como arrasado por fogo, sempre para a vaquinha havia um molho de feno.

Mal começava o outomno melancolico, quando toda a gente da aldeia ia ao monte apanhar accendalhas e ramos para o lume, Eudalia, descendo pelas veredas asperas, á hora do crepusculo, trazia feixes de feno e, como lhe perguntassem se fazia fogo com tal palhada, respondia sorrindo:

— Tenha eu o catre bem fôfo e caia a neve que cahir, sobre o vento que soprar, dormirei quentinha.

No rigor do inverno, se alguém entrasse no palheiro em que dormia a pastora, acharia a vaquinha ruminando sobre o feno e a pequenita aconchegada a ella e, até o fim das neves, o leito de Eudalia alimentava o animal que, com o calor do seu corpo branco, aquecia a sua amiga. Assim as duas atravessavam o inverno — a vaquinha farta, Eudalia agasalhada.

A primavera entrára com o sol e as flôres e toda a alegria festival dos passarinhos. Os sinos soavam na pureza do ar azul e toda a gente aldean, com os seus trajos melhores, acudia á festa enchendo o adro onde se haviam installado, em tendas, bufarinheiros com sortimentos que deslumbravam — saias de panno fino, corpetes d'almares, arrecadas e cordões d'ouro, rendas e sapatinhos tão exiguos que parecia incrível que fossem feitos para ser calçados.

«Talvez sejam para amendoas», dizia a pastorinha.

Quanta seducção! E os bufarinheiros apregoavam os preços e cada arca que abriam deixava o povo verdadeiramente maravilhado.

Eudalia atravessára a feira com o seu rebanho e, ainda que os olhos a levassem para as tendas ricas, lá foi tristonhamente a caminho do monte.

Uma manhan, remendendo; com paciencia, a sainha de saragoça e lembrando-se do que vira no adro, a pastorinha suspirou:

— Ai! de mim! São tão felizes os que lá

andam em baixo! Ainda que não comprem, sempre é um consolo olhar aquellas lindas coisas que os bufarinheiros trazem nos seus ceirões e malas. Pobre de mim! nem posso parar onde cantam para que não riam da minha esfarrapada miseria os moços e as moças que pavonêam tantas galas. Escondendo o rosto com as mãos, rompeu a misera em sentido pranto.

— Não te afflijas, disse-lhe uma voz ali perto. Levantando sobresaltadamente a cabeça, á procura da pessoa que falara em tal ermo, onde não apparecia viv'alma, viu Eudalia a vaquinha que deixara de pastar e, immovel, fitava-a com os olhos cheios de bondade. Bateu-lhe o coração e, pallida de medo, ia fugir quando a vaquinha docemente tornou:

— Não te assustes. Amiga melhor não tens do que eu, que te falo por graça de Deus. Muito tens soffrido, sendo digna de melhor sorte, porque és boa e os teus pensamentos são puros. És nova e, ainda que formosa como nenhuma, queres enfeitar-te. É justo. Não chores: aqui estou eu para valer-te. Toma o teu tarro, orde-nha-me e verás o leite, sahido de corpo virgem,

mudar-se em luzentes moedas de prata. Leva-as e gasta-as como entenderes, e, sempre que tiveres necessidade de dinheiro, faz o que te disse e logo serás servida com abundancia. Lembra-te, porém, do inverno e do feno que me sustenta nesse tempo de esterilidade. Dentro da maior ventura, cumpre ter sempre presentes os dias adversos.

A pastorinha não se decidia a mover-se e foi necessario que a vaquinha repetisse a ordem e até a impozesse para que ella tomasse o tarro e, acorrandose, começasse a mungil-a.

Que leite claro e como rebrilhava á luz ! O tarro pesava tanto que ella o depoz nò chão e o leite sempre a jorrar. Quando a espuma transbordou a vaquinha disse:

— Despeja-o agora, toma as moedas, vai á feira e compra o que quizeres. Faze-te bella e sê feliz. Não te esqueças, porém, de mim. Aqui fico á tua espera. Poderás ser rica como a mais rica se não te descuidares do feno que me deve nutrir no inverno e, quanto mais me fortaleceres, tanto maior será a somma que de mim poderás tirar.

Timida, a principio, Eudalia, levantou o tarro, que pesava; por fim despejou-o e centenas de moedas rolaram tilintando.

Um thesouro ! Deus do céu ! Um thesouro ! Encheu um sacco e rindo, cantando desceu o monte a correr. Foi direita á feira e, de tenda em tenda, comprou de tudo, gastando até á ultima moeda.

E que linda ficou com uma saia bordada, corpete de alamares, sapatinhos de velludo, arrecadas e cordão d'oiro!

Os da aldeia pasmaram quando a viram atirar moedas ás mancheias ao balcão dos bufarinhos e a gente que a havia agasalhado, a principio com arrogancia, com brandura depois, interrogou-a sobre a origem daquela fortuna, mas como Eudalia guardasse o seu segredo fôrça lhe foi pagar as ovelhas e a vaquinha branca, sendo despedida, por impura, da companhia dos que se diziam seus unicos protectores.

Riu-se a pastora e, sem ouvir as vozes que lhe lançavam de ingrata e perdida, metteu-se airosamente nas danças e não houve moça mais requestada do que ella, que até os orgulhosos

filhos dos rendeiros foram tiral-a para as quadrilhas.

Quando, noite alta, regressou á montanha, a vaquinha, que ruminava deitada sobre feno fresco, perguntou-lhe:

— Então, como te correu o dia ?

— Feliz ! Feliz ! Como te agradeço, minha vaquinha branca, toda a alegria que experimentei. Diverti-me como nunca e estou bella como as princezas dos contos. Vi-me a um grande espelho, mais claro do que as fontes, e achei os meus olhos encantadores. Como são azues ! É esta saia ? e este corpete ? e estes sapatinhos ? e estas joias ? É, atirando os braços ao pescoço da vaquinha branca, poz-se a beijal-a, contente.

Todas as manhans, cedinho, lá ia com o tarro á teta da vaquinha branca e as moedas que tirava mal lhe chegavam para os desperdicios.

Não perdia festas: viam-n'a em toda a parte.

Corriam versões diversas sobre a fortuna de Eudalia. Uns diziam que era pactuada com o demonio, outros que se perdera deshonestamente; e ella folgava alheia a tudo. Tinha a mina que

lhe não faltava com as moedas, que lhe importava o mais?

È o estio ardeu esplendido, entrou o outomno e começaram a cahir as folhas amarellas. Quando Eudalia descia para as festas encontrava gente nos mattos recolhendo, á pressa, galhos e ramos seccos para a provisão do inverno.

Veiu a neve, murcharam os campos.

Uma manhan de grande frio, como Eudalia passára a noite pensando em uma capa que vira e em certa propriedade que resolvera adquirir, farta, com vinha e trigo, pascigo e aguas, onde a sua fortuna medraria em milhões, saltou do leito de folhas, corada e formosa, e sahiu á procura da vaquinha branca.

Chamou-a, debalde! Os caminhos estavam vidrados de neve reflectindo sinistramente o esqueleto das arvores, não corria arroio, não cantava passaro — voz, só a triste do vento uivando pelos algáres. È a vaquinha branca ?

A pastora buscou-a em todo o bosque sem folhas e, depois de longo e fatigante caminhar, deu com a perdida que agonisava nas profundezas de um abysmo pedregoso.

Precipitou-se chorando e, ao chegar junto da que a fizera venturosa, tomando-lhe a cabeça nos braços, chamou-a sentidamente. Abriu a vaquinha os olhos vasquejantes e, reconhecendo a pastora, disse-lhe:

— Imprevidente, esqueceste o meu feno. Apesar das minhas constantes recommendações, não te lembraste do inverno. Elle ahi está, rigoroso e com a miseria e eu morro á mingua e commigo, por teu descuido, vai-se a tua fortuna. Se houvesses sido prudente, terias hoje agasalho e fartura, serias rendeira, dôna de terras e de seáras e eu viveria longos annos enchendo o teu tarro de moedas. Os prazeres desvairaram-te — tudo esqueceste nos bailes e nos folguedos das feiras e agora, pobre e sem amigos, ficas no monte solitaria — sem pão, sem lar, com a lembrança apenas dos prazeres que gozaste. Foste imprudente, Eudalia. Disse e expirou. Pobre pastora!

Uma tarde, cansada de chorar e faminta, descia o monte para esmolar um pão, quando a neve a envolveu sepultando-a em frio.

SEGUNDA PARTE

COMPRADOR D'ALMAS

A caverna da Morte ficava no fundo da floresta lugubre, entre arvores cujo tronco, d'um amarello tábido, tressuava ichor infeccionando o ar com o fétido nauseante.

Pantanos succediam-se coalhados de balseiros sobre os quaes enxameavam lucidas moscas.

Pelas raizes, que se retorciam acima do lôdo, emergindo do extenso nateiro, colleavam vermes repugnantes deixando um rastro viscido que alumiava.

De galho a galho esvoaçavam tontas, batendo surdamente as azas negras, aves trágicas e eram trissos, crocitos, chirrios respondendo aos coaxos soturnos que subiam das aguas estagnadas.

A luz do sol não conseguia atravessar a fronde compacta do arvoredado que, ás lufadas do vento frio, produzia um sóido merencoreo entristecendo ainda mais o espantoso degredo.

Sombras iam e vinham, qual mais sinistra e, por onde passavam, infundiam terror: os proprios arbustos enfesados vergavam estarecidos e se alguma roçava por elles logo se lhes mirrava a folhagem e morriam. Só as moscas e os átomos lethaes seguiam-nas em legiões e, das altas franças, as aves agoureiras saudavam com as suas vozes presagas as serviçaes lemuricas.

A Morte fazia o seu repasto no fundo da caverna. Diante d'ella empilhava-se um acervo de cadaveres nos quaes se ia cevando o monstro, quando soaram pancadas rijas á entrada, junto á lura em que jazia o Somno, porteiro da triste residencia.

Deitado sobre papoulas dormia pesadamente e, certo, não se teria levantado se o visitante não o houvesse sacudido com violência.

— Eh! amigo, é assim que fazes o teu serviço?

Poz-se o Somno de pé estremunhado, es-

fregando os olhos mal abertos e, encarando o importuno, perguntou com enfado:

— Que queres?

— Venho a negocio e com pressa. Vai lá dizer á tua rainha. Avia-te.

— Quem és?

— Quem sou? Fita os olhos em mim e logo saberás o que perguntas.

— Um diabo.

— És mais esperto do que um esquilo, amiguinho. Isso mesmo: um diabo, embaixador de Satan. Vai e não te demores. Foi-se o Somno de vagar, bocejando. Parava com preguiça, encostava-se ás paredes, a cochilar, coçando a cabeça, arrepellando a grenha, aborrecido.

Sentou-se o diabo em um tronco de mancenilha e ficou entretido com as troças que faziam os pequeninos sonhos a um pesadello casmurro que resmungava a um canto.

Mal o Somno tornou, logo deitando-se no seu leito de papoulas, levantou-se o diabo:

— Então?

— Póde entrar, disse o porteiro, accomodando-se. Foi-se o diabo, não sem resmungar

contra a falta de asseio e a desordem que ia notando na caverna atulhada de ossos, encharcada em sanie e tresandando de atordoar. Dando com a Morte, que se adiantara para recebê-lo, saudou-a em nome do Príncipe das Trevas.

— Bemvindo sejas ao meu antro, disse o trasgo offerecendo-lhe um escabello feito de ossos, e logo subiu ao seu throno que era uma pyramide de craneos.

— Estou ás tuas ordens. Fala.

— Pois é verdade, disse o diabo relanceando a vista pela caverna. Venho aqui propor-te um negocio. É elle o seguinte: Resolveu meu amo e senhor corrigir a obra de Deus compondo uma Humanidade como convém ao mundo.

A morte sorriu mostrando os dentes amarellos.

— Sorris? guarda a tua ironia para mais tarde e ouve. O corpo humano é barro, qualquer oleiro caprichoso pôde fazer uma obra prima no genero e lá no mundo ha estatuarios mais peritos do que o Creador do Homem.

Has de concordar que Eva não valia a Venus de Milo e Adão, posto ao lado do Apollo, faria

tristíssima figura. Corpos fará meu amo e senhor quantos quizer, bellos ou hediondos; o que elle nunca poderá fazer é... a alma. É justamente por tal motivo que aqui venho com uma proposta. Deves ter nesta furna muitas almas?

— Tenho.

— Vende-m'as.

— Vendel-as!

— Sim, impõe o teu preço.

— Quanto me dás por ellas?

— Quanto pedires.

— Peço-te Desespero e Medo.

— Desespero e Medo!?

— Sim... O Desespero e o Medo fazem tanto (senão mais) como os males que andam a meu serviço. Recebo aqui diariamente grande quantidade de mortos que não trazem o sello da minha legião: vêm uns do suicidio, outros do terror. Eis porque proponho dar-te as almas que quizeres a troco do Desespero e do Medo.

— Pois seja. Terás o que pedes. Vamos lá agora ver as almas.

Seguiram por uma galeria calçada a ossos,

alumiada por fogos fatuos, e foi o diabo explicando:

— O Príncipe das Trevas, meu amo e senhor, pretende dar ao mundo uma Humanidade activa, sem preconceitos futeis, independente e audaz. O sentimento é um entrave embaraçoso, a honra é uma preocupação banal. Ousadia, violencia, aventura... eis a vida. É preciso espremer toda a ternura do coração, substituil-a pelo egoismo.

A Morte parou e, mostrando as paredes lividas, onde luziam numeros marcando divisões, disse:

— É aqui o meu deposito. Temos, em primeiro lugar, almas de crianças. O diabo fez uma careta. Almas de adolescentes, almas de virgens immaculadas. Poz-se o diabo a assobiar. Parece que não te agradam?

— Queres franqueza? Essas coisas são magnificas para poetas lyricos. Não tens outra secção?

— Tenho varias. Sem irmos muito longe, aqui mesmo ao lado está a das almas dos martyres.

— Pulhas! rosnou, com desprezo, o compra-

dor. São velharias sem cotação. Meu Príncipe não é collecionador de antigualhas.

— Adiante é a das almas dos justos.

— Hum! almas de justos... Imagino o que nellas vai de bolôr. Conheço-as! São como essas mulheres que, por não acharem noivos, dedicam-se a animaes: gatos, periquitos, cães... ou á maledicencia. Vamos adiante. Quero almas energicas.

— Perversas, queres dizer...?

— Por Belzebuth! é isso! Perversas, crueis, activas em summa. A crueldade é uma força, como a paciencia é uma covardia. Mais vale o bote traiçoeiro do tigre do que o rebaixamento do cão.

— Pois seja como queres. Acompanha-me. Metteram-se por uma galeria tenebrosa onde zoava o vôo dos morcegos. Chegando a um pateo sordido viu o diabo um monte lobrego de escorias que fervilhavam como vermina. Deteve-se intrigado e, depois de olhar, perguntou:

— Isto, que é?

— Lixo, immundicie.

— Immundicie!

— Sim; almas de hypocritas e de adultores. Deu o diabo um salto:

— Hein? Como dizes? Almas de hypocritas e de adultores?

— Sim.

— Mas atraz disso ando eu, minha amiga. Fico com todo o monte e peço-te que me reserves quantas d'essas almas apparecerem por cá. Almas de hypocritas e de adultores... Mas não quer o meu Principe outra coisa. O hypocrita é de cêra — amolda-se a tudo; o adultador é de aço — flexivel, mas resistente: dobra-se, mas quando se apruma traz o golpe no gume. O hypocrita é como o punhal: uma lamina assassina engastada em uma cruz. O adultador é o arco que, quanto mais se curva, mais força imprime á frecha que despede, enfeitada de vistosas e macias pennas de lisonja. Que achado! Almas de hypocritas e de adultores! Com ellas vai o meu Principe crear a legião formidavel que ha de senhorear o mundo. Aqui tens o teu preço: o Desespero e o Medo.

Assim dizendo, deu o diabo á Morte um chavelho doirado; e explicou: Neste escriptorio encontrarás duas ampullas de crystal, abre-as e o

seu conteúdo, espalhando-se no mundo, irá infiltrando nas almas os males que desejas. E agora, amiga, entrega-me o teu lixo, a tua immundicie preciosa, o teu monte de esterco.

E rinchavelhou afagando a pêra fulgurante, que era uma chamma de cirio invertida. Que achado! Como vai rejubilar o Principe das Trévas. Como vão trabalhar com interesse os oleiros do Abysmo! Hypocrisia e adulação... que mais é preciso para vencer na vida? Adeus, amiga. Reserva-me quantas dessas almas receberes.

E, batendo com o pé, que era de bóde, abriu-se o solo e por elle sumiu-se triumphante, trepado no monte d'almas que a Morte considerava mais vis que as dos assassinos, dos falsarios e dos ladrões.

O TALISMAN

Em escusa e sordida viella, que era um tremedal nauseante entre arruinados casebres, na baiúca mais acaçapada e tão velha que os muros fendidos abriam-se em largas brechas por onde, ao cahir da noite, sahiam, aos trissos, révoas de morcegos, em companhia d'uma escaveirada bruxa, vivia um velho mouro, tido por feiticeiro por ser mui sabido em curas e profundamente versado na sciencia dos augurios.

Os seus philtros operavam como se fossem o proprio elixir da vida, cuja formula os alchimistas procuravam.

Enfermo á cuja cabeceira o mouro se sentasse, ainda que houvesse sido desenganado por todos os phisicos da cidade, logo readquiriria o

espírito e sarava. Horoscopo que elle tirasse consultando os astros cumpria-se com a precisão com que o sol faz o seu curso no ceu.

Era tão celebrado o poder do homem magico que os christãos, sempre acirrados contra os marranos da sua laia, gente aleivosa e má, aparceirada com o demonio, indigna do ar e da luz, temiam-no e respeitavam-no e os fidalgos de maior entono, depois do toque de correr, quando as ruas escuras ficavam á discricção dos volteiros temidos, cuidadosamente embuçados, renteando os muros erriçados de hervas, onde piavam corujas lugubres, iam pela viella em passos ligeiros e, com o punho da espada, batiam rijamente á porta do muro desaparecendo de repellão nas trevas do corredor.

Uns, dados a amores, iam buscar amavios; outros, achacados, iam a remedios. Ainda os havia crentes que confiavam nos grandes livros cabalisticos nos quaes o mouro decifrava presagios sempre venturosos: annuncios de riquezas e honorarias, victorias em expedições, sorte em amores, tal fosse o consultante; namorado, ambicioso ou cavalleiro.

Um dia correu a cidade a noticia de uma grande e maravilhosa descoberta do mouro — que elle conseguira compor, com o prestigio de um signo, um talisman de ventura. Quem o possuísse teria o que desejasse.

Senhor de terras veria a sua lavoura medrar com abundancia, multiplicar-se o armentio, reenxamearem-se as colméas abandonadas, revicarem os vageiros. Fontes, desde muito estancadas, borbotoariam aos golfões, arvores sem seiva brotariam de novo.

Pastores descobririam minas, mesteiraes achariam thesouros, guerreiros teriam os melhores despojos, enfermos ficariam sãos e só com uma volta de canto e um tremulo nos alaúdes os namorados veriam apparecer na adufa o rosto amado, logo ouviriam ranger de quicios e um braço branco, estendendo-se na sombra, recebел-os-ia á porta guiando-os atravéz de corredores silentes á camara tão ardentemente desejada.

Com tal noticia foi immenso o alvoroço entre os homens e todos affluiram á baiúca do mouro e as escarcellas de velludo, as bolsas de couro despejavam moedas na banca do descobridor do talisman da ventura.

A viella, dantes socegada e deserta, mais silenciosa que um almocovar maldito, onde nem aves cantam, encheu-se de gente: fidalgos e vilões, burguezes e camponios, todos aldrabando á porta do mouro, desaparecendo, com pressa anciosa, na sombra fria do corredor.

A todos o homem magico, em cujos labios pairava um sorriso ironico, entregando o talisman da ventura, repetia as mesmas palavras.

— Tendes na mão a chave de toda a fortuna e tudo obtereis, dentro em um anno, se não cederdes á curiosidade. No breve que vos entrego encerrei um segredo mysterioso. Tive a sua revelação em uma noite de Agosto, á hora em que nos valles e nos desfiladeiros os espiritos bailam á luz funerea do luar.

Para que se réalise o prodigio é necessario que conserveis o breve tal como vol-o entrego, sem vos preocupardes com o que nelle existe. Se tal cumprirdes vereis mudar-se a vossa sorte. Tereis as riquezas maiores, todos os amores; não haverá bravura que prevaleça contra vós e ainda que as pestes assolem a terra, dizimando os seus habitantes, passareis refractarios a todo o mal,

sem que o proprio Anjo sinistro possa alcançar-vos com o seu flagello.

Onde os outros virem arêa e arro descobrireis ouro e gemmas. A sorte está em vossas mãos. Se abirdes, porém, o breve, o talisman immediatamente perderá toda a virtude. Assim, é preciso que observeis a condição do mysterio. Se tal fizerdes voltai dentro de um anno á casa do vosso servo, que muito se alegrará em ver-vos, ouvindo da vossa boca a confirmação do que lhe foi dito pelo genio quando lhe communicou os sete arcanos do talisman que levais.

Foram-se os varios homens contentes, jurando que nunca procurariam ver o que havia nas suas nominas, tanto, porém, que deixaram a viella, logo, em todos, começou a curiosidade a pruir: «Que será? Sete arcanos!» E apalpavam, cheiravam, viravam, reviravam entre os dedos o breve de couro. «Que haveria ali dentro?» Alguns affirmavam haver sentido estranho, deliciosissimo perfume; outros garantiam ter percebido movimentos, como de um animal. «É uma pedra, talvez da lua»; dizia este. «É uma esquirola de osso»; asseverava aquelle. Um: — «É frio, mais

frio que a neve». Outro: — «Abrasa que nem fogo vivo». E discutindo, com as mais desencontradas opiniões, lá iam.

Sós, na baiúca: o mouro e a bruxa, puzeram-se a contar as moedas. Ao fim, disse a mulher, que conhecia o segredo do talisman:

— Que pensas fazer agora? É prudente que, quanto antes, passemos a lugar seguro porque os homens, ao fim do tempo, vendo que nada obtêm do talisman, darão pelo embuste e... ai! de nós.

Mas o mouro, que era atilado, ajuntando, uma a uma, as moedas luzentes, retorquiu com serenidade:

— E esperas que voltem? Bem mostras que não conheces a alma humana. Nem um só aqui tornará, porque a condição que impuz será a minha garantia. Dei o prazo de um anno e estou em afirmar que, antes da noite, todos os breves estarão abertos, expondo os seixos que encerram. Satisfeita a curiosidade ficarão os homens arrependidos, mas será tarde e cumprir-se-á o que eu disse: o talisman perderá a sua virtude. Descança — nem um só tornará. O homem, por curiosidade, desceria ao fundo do inferno, se lhe des-

cobrisse o caminho, ainda que todo elle fosse assoalhado de pez ardente. Não te dê cuidado o amanhan.

Effectivamente o prazo escoou sem que um só dos possuidores do talisman apparecesse.

O PESCADOR E AS SEREIAS

Reunidas em conselho sobre as syrtes, onde o mar quebrava desfeito em branca e fervente espuma, commentavam as sereias a indifferença do pescador. E dizia a mais velha, uma das que cantaram a Ulysses:

— Sem duvida algum deus o protege. Outros mais atilados, navegadores dos mares largos, que têm visto as grandes bellezas do mundo e têm gozado os seus multiplos encantos, esquecendo o governo dos navios pelas canções com que os attrahimos, aqui têm vindo naufragar. Quantas galeras jazem no fundo do pélago e nãos de alto bordo e veleiros de guerra! Para que o pescador, que diariamente cruza estes mares,

passa sem voltar o rosto ao nosso appello é preciso que um poderoso deus o guie e o aconselhe contra nós. Sendo assim é melhor desistirmos de perdê-lo.

Concordaram todas com a mais velha e já se dispunham a afundar, esquecendo o pescador, quando a mais nova, erguendo-se das espumas, núa e deslumbrante na refulgencia dos cabellos que a illuminavam, disse:

— Sou capaz de attrahir o pescador e aposto tantas perolas quantos são os fios dos meus cabellos.

— Envelheceremos a contal-os, se perderes; disse uma das filhas do mar.

Foi accpta a proposta e ficou decidido que a encantadora esperasse sosinha nas syrtes, dando-se-lhe a harpa de coral mais sonóra do abysmo. Assim foi.

Cahia a tarde em desmaio, estrellava-se o ceu pallido, o mar começava a lampejar em faulhas.

Um barco — a vela bojada, o pescador ao leme, — appareceu roçando a vaga.

Travou a sereia da harpa e, ao som das cordas, desferiu a voz. Alcyones que esvoaçavam

bateram lestras as azas largas e vieram pousar nas syrtes, as ondas calaram o seu marulho, o mar cobriu-se de estrellas, a lua, redonda e branca como um escudo de prata, boiou nas aguas. Dir-se-ia que os proprios astros haviam baixado do ceu seduzidos pela voz deliciosa.

Emtanto o barco singrava com o favor do vento e o pescador, ao leme, derreado sobre os cotovellos, d'olhos perdidos, lá ia.

Passou e rastreando tão de perto o perigo que a mareta do seu barco rolou e desfez-se nas syrtes.

Revoltou-se a sereia e, vendo-o longe, despeitada, rebentou, frenetica, as cordas da harpa rojando-a ao mar.

Afluiram á tona todas as sereias e, rindo em galhófa, logo reclamaram o preço da aposta.

— Tens que trabalhar! disseram.

— Levarás toda a vida a procurar tantas perolas quantos são os fios dos teus cabellos.

— E talvez não bastem as perolas todas do mar.

Riam quando um feio tritão, emergindo das aguas, coroadado de limo, coberto de escamas de prata, disse:

— Revoltai-vos contra a indiferença do pescador que não veio pelo vosso canto. Os que perecem nos abrolhos chegam trazidos pela seducção dos vossos cantares. Aquelle, porém, não cahirá em ciladas.

— Será, porventura, surdo! ? gracejou uma das cavalleiras da vaga.

— Por enquanto... é como se fosse. Logo, lançando mão do buzio que trazia á bandoleira, encheu-o no mar até as bordas e, offerecendo-o a uma das sereias, disse:

— Toma nas tuas pequeninas mãos algumas gottas d'agua e põe-nas aqui.

Obedeceu a intimada, mas toda a agua transbordou:

— Nem uma gotta ficou, tudo que era demais esvaiu-se. Assim como se deu com a agua e o buzio dá-se com o vosso canto, sereias, e o moço pescador. Naquelle coração, cheio do amor da noiva, não cabem outros encantos. Cantai! e cantareis em vão. Haveis de vel-o passar, como hoje passou — sentado ao leme, os olhos ao longe, vendo, através da nevoa da distancia, a ilha em que vive aquella que o seduz. Não désanimeis,

porém; tende paciencia e fiai-vos no tempo. Assim como, se deixardes este buzio exposto ao sol, em breve toda esta agua que o enche terá desaparecido evaporada, podendo vós enchel-o, porque o achareis vasio, assim tambem, um mez depois das bôdas do pescador, cantai e vel-o-eis dirigir o barco em rumo ás syrtes.

Com taes palavras despediu-se o tritão mergulhando de chofre.

E as sereias ficaram trebelhando e rindo sobre as espumas vivas que o luar prateava.

ALPHEU

O rio Alpheu, príncipe das aguas do Peloponneso, atravessando a Arcadia arvensê e a Elida divina, lança-se no mar Jonio.

Por vezes some da superfície do solo correndo em alveo subterrâneo, mas adiante reflue escachoando, recava o leito e prosegue no curso murmuroso, ao sol, retratando o arvoredado que sobre elle pende e abeberando os rebanhos soltos nas pasturas ribeirinhas.

Por tão pouco não o teriam celebrado em carmes, que são eternos, os poetas da antiguidade, mas a razão do seu renome é das que merecem altisonos louvores, ao som conjuncto das lyras e das frutas.

Alpheu vivia sem cuidado; entretido com o suave governo das suas aguas obedientes.

Era um nume apposto, de feição graciosa e porte esbelto.

Os cabellos, em cachos, eram d'ouro; os olhos, de azul celeste; a tez, mais branca do que os alvos pórphyros.

Quando, no estuar do verão, as cigarras buscavam o arvoredado nascido á beira das suas aguas e, entre a folhagem, desferiam o canto, Alpheu acompanhava-as com a lyra e não só os egypans dos bosques, ligeiros nos seus pés caprinos, como as nymphas mimosas e ainda pastores e zagalas corriam a ouvil-o e em quêda attitude, escondidos nas moutas, ficavam deliciados gozando o concerto airoso.

Naiades desciam as ribanceiras e núas, formosissimas, entregavam-se-lhe lascivas. Elle tinha-as nos braços, recebia-lhes os beijos, sorria-lhes ás lagrimas de ciume, tanto, porém, que uma ave preludiava, de improviso, travando do instrumento, punha-se a tangel-o acompanhando o passaro melodioso.

Tinham-no as deusas por indifferente e muitas apartaram-se despeitadas dos sitios que as aguas de Alpheu molhavam.

Um dia, porém — andava Flora a despertar as sementeiras — Arethusa, da Achaia, nympha de deslumbrante formosura, trilhando as devezas da floresta, á caça, perdeu o carreiro conhecido e abalsou-se no mais denso da espessura.

Era estio; o sol ardia em fogo. As folhas das arvores luziam crepitando e a terra queimava como o rescaldo das fogueiras.

Ia a nympha apartando arbustos languidos, a arquejar de fadiga e de calor quando ouviu o murmurejo d'agua. Amiudou os passos leves por sobre a alfombra agradavel e, contente, achou-se á margem do rio crystallino, tão limpido que se lhe viam os seixos no fundo das arêas brancas e os peixes nadando tão serenos, uns doirados, outros em espadanas de prata, que os olhos acompanhavam-nos nas evoluções ariscas, nos arre-messos, nos saltos lampejantes; viam-nos um a um espalmado as barbatanas ou em cardumes, miúdos, fervilhando á volta das finas raizes ondulantes das algas e dos nenuphares.

Arethusa desceu ao rio, mirou-se vaidosa nagua que se aquietara em remanso, tão liso como um espelho polido, sentiu-lhe o frescor, primeiro com o pequenino pé, logo fugido, e rindo, despiu-se pendurando as vestes nos ramos floridos. Depois, cruzando os braços ao collo, escondendo os mimosos seios, ficou indecisa, sentindo um voluptuoso arrepio como de beijos que lhe corressem ligeiramente o corpo.

Resoluta estendeu rijamente os braços, juntando as mãos em talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando.

Sentiu Alpheu o perfume da carne virgem e logo, sobressaltado, emergiu do seu palacio de crystal radioso e, enquanto a nympa vogava sob as ondas, galgou precipite o barranco e, escondendo-se entre os juncos, ficou á espreita.

O corpo da donzella subiu a frol do rio, branco, como feito de espuma, com os cabellos espalhados sobre o collo e sobre o ventre como se o sol a houvesse acompanhado.

Ora nadava ás braçadas, perdendo-se entre as açucenas, ora afundava e os peixinhos aligeiravam-se fugindo; ou, trepando a uma pedra,

balançando-se um momento, meneando com os braços e, soltando um grito, precipitava-se e lá ia, partindo as aguas, tomar pé em uma ilhóta ou rodopiava, trebelhava, deixando-se levar ao som da corrente.

Alpheu, que não tirava os olhos de Arethusa, inflammou-se em paixão. Um ardor novo, nunca dantes sentido, impelliu-o para a nympha.

Lançou-se á agua e, rapido, alcançou a hospede formosa.

Enlaçou-a, prendeu-a nos braços, ia beijal-a, mas a donzella escapou-se-lhe ligeira, em gritos assustados.

Lésta, chegou á margem, foi-se ribanceira acima e, sem pensar na nudez em que se achava, deitou a correr fugindo ao rausor ousado.

Corria e Zephiro mal lhe acompanhava os passos e, seguindo-a, com ancia, lá ia o namorado e, pós elle, em cachões convulsos e atropeladas ondas espumantes, o rio, alagando campos e convalles, circumvagando cerros, encharcando pacigos, assolando pomares.

Entrou a nympha em uma caverna, cujo labyrintho descia pela terra a dentro; seguiu-a Al-

pheu e, com elle, sepultaram-se as aguas fragorosas. Adiante reapareceram á luz.

Arethusa chegára á praia, ante o mar immenso, sem uma vela, apenas com as alcyones voltivagas. Voltou-se a nympha e viu ao longe Alpheu.

Então, intrepidamente, metteu-se ao mar. Deu-lhe a vaga no ventre, chegou-lhe ao seio, subiu-lhe á garganta. Estirou-se, poz-se a nadar e, graças á Dictynna, a casta irman de Apollo, abordou á ilha de Ortygia, perto de Syracuse, e ali Diana, para defendel-a, tocou-a de leve.

Petrificou-se-lhe o corpo, mudaram-se-lhe os cabellos em cannas sussurrantes, os olhos tornaram-se em lyrios roxos, os dentes em seixos claros e de todo o seu corpo, como de uma rocha marniorena, a agua jorrou em fonte.

Alpheu chegou á beira do mar Jonio. Ia a nympha tão longe!

— Deixal-a ir, perdel-a... não era de apaixonado. Que importava a furia do mar roleiro? O empollar das vagas não era mais violento do que o seu desejo.

Não se ateve ao receio e arrojado, rompendo

a levadia, abriu, no salso campo, caminho ás ondas fluviaes do seu cortejo. E lá foi o rio, mar fóra, atrás da nympha fugitiva.

Debalde o marouço atropellava o temerario. Se eram abysmos, por elles afundava; se eram muralhas, indomito escalava-as e lá ia e com elle as aguas cursando o mar que as não domava.

E chegaram á Ortygia, deus e vassallas humidas, e logo a ilha socegada atroou a voz appellativa: «Arethusa! Arethusa!»

O bosque ecôou em som retumbante e no bosque chorava a fonte nova.

Achou-a Alpheu e, reconhecendo na pedra o corpo da sua amada e no murmurio a sua voz, cercou a fonte com as suas aguas e ali ficaram os namorades confundindo os queixumes á sombra do arvoredó em flôr. Arethusa! Arethusa!

E foi assim que o rio Alpheu abriu caminho através do mar Jonio, levando as suas ondas doces por entre os vagalhões amargos e tumultuosos.

Sorris. Historias do paganismo, dizes. Maior victoria que a de Alpheu póde contar quem conseguiu vencer a indiferença.

Vencer o mar, que é isso comparado á empreza audaciosa de affrontar um coração de gelo?

Se os poetas cantaram Alpheu com tanto estro, maior som tirariam dos seus versos se soubessem a historia de um coração... que tu conheces.

SACRIFICIO SUPREMO

Na agreste chõça de grossos, escabrosos muros de maceria, levantados, pedra a pedra, pelas suas mãos debeis, colmada pela densa e florida ramagem de roseiras bravas e madresilvas, vivia, em constante e acerba penitencia, a nobre dama Lucilia, viuva de Fabio Lentulo que, por amizade e favor de Tiberio, enriquecera no governo de uma farta provincia.

Depois da morte do esposo, muito moça, quasi menina, com um filho nos braços, encerrou-se a viuva no seu palacio, um dos mais sumptuosos da Via Sagrada, e a sua liteira, que precursores negros annunciavam aos brados e uma guarda liburnia acompanhava, nunca mais

appareceu na cidade que se agitava curiosa da belleza e do fausto da deslumbrante patricia.

Só depois de dezoito annos de silencio abriam-se, de par em par, as portas do palacio á passagem airosa de Lucio Lentulo, o filho tão amado, que o morto deixára infante ao collo da linda esposa.

Desde que o mancebo appareceu espalhando, a mãos prodigas, as riquezas que a mãe, com economia avára, conseguira multiplicar, cercaram-no os parasitas elegantes e as mais formosas concubinas disputaram-no, attrahindo-o aos seus jardins onde o recebiam, languidamente reclinadas sob velarios de purpura, entre escravas núas que, ao som de frautas, bailavam, desfolhando rosas.

O mancebo, que era fragil, pouco tempo resistiu á libertinagem e, uma noite, ao emborcar um krátere em que espumava o vinho alegre da Campania, empallideceu, tombou nos braços dos amigos, golfando sangue e a orgia serenou em presença da morte.

Lucilia chorou longamente a sua desventura até que, a conselho de um dos nazarenos, que andavam a prégar a nova religião, distribuindo

em largas esmolas a sua immensa e inutil fortuna, uma noite, descalça e miseravelmente vestida, partiu da cidade sem deixar vestigio do seu transito.

No eremiterio do monte vivia vida miserri-
ma: as roupas cahiram-lhe apodrecidas, cresce-
ram-lhe mais bastos os cabellos louros e a sua
virtude era tão pura que, quando subia á fonte,
com a bilha, fêchava os olhos para não ver a sua
imagem no espelho das aguas, receiando incor-
rer em vaidade.

As aves amenisavam a sua solidão e as cor-
ças, noite alta, entravam docemente na choça e
deitavam-se junto da solitaria lambendo-lhe as
mãos meigas, sempre sollicitas em pensar as fe-
ridas que os espinhos abriam no corpo dos ani-
maes de Deus.

Uma tarde, estando Lucilia em oração — ha-
via dois dias que não levava á bôca alimento al-
gum — appareceu-lhe um anjo offertando-lhe
manjares que pareciam feitos de flôres, tão bem
cheiravam embalsamando a floresta.

Lucilia acceitou o presente do enviado do Se-
nhor e, de joelhos, devotamente, como se rece-

besse a hostia, fartou-se d'aquella celestial delicia, sentindo-se logo refeita e tão robusta como se nunca houvesse soffrido miseria.

Foi nessa tarde, tão cheia do favor divino, que ella soffreu o seu tormento maior. Dizendo-lhe o anjo que o Senhor recebia com prazer todas as mortificações, disse a solitaria:

— Ainda é pouco o que faço para a ventura que me está reservada. Espero a morte com ansia porque só ella me levará á companhia do meu saudoso filho que, ha tanto tempo, me chama do Paraiso. Deves conhecê-lo, disse Lucilia ao anjo. E o anjo, baixando os olhos, murmurou:

— Não o conheço.

— Não estará elle no Paraiso? Lucio Lentulo, meu filho?

— Não está.

— Tão meigo, tão dócil, tão affectuoso... Terá, por acaso, parado no Purgatorio? E o anjo, sem levantar os olhos, fez um gesto negativo. Onde então?

— Teu filho morreu em peccado e os que assim morrem ficam, para todo o sempre, privados da graça de Deus.

— No inferno! Lucio Lentulo, o meu pequenino Lucio! Meu filho! bradou a misera. E eu? sua mãe? Como hei de vel-o? Como lhe poderei mitigar o soffrimento? Se eu fundir o coração em lagrimas, se redobrar as penitencias passando todas as noites que me restam em claro, jejuando enquanto o corpo permittir, abstendo-me do sol, arrastando-me, de joelhos, pelas pedras agudas dos caminhos, apertando, ainda mais, os nós do cilicio, pastando como os animaes, expondo-me á neve, inventando supplicios nunca experimentados, não merecerei o perdão de Deus para meu filho?

O anjo baixou os olhos e o silencio pesou entre os dois. Por fim a penitente interrogou:

— E qual é o caminho que conduz ao inferno?

— O mal: o vicio e o crime. Fitaram-se longamente. Depois o anjo despediu-se desaparecendo nas nuvens altas. Recolhendo á choça e atirando-se ao chão, de bruços, a solitaria passou a noite a pensar, sem lagrimas. De quando em quando repetia surdamente as palavras do anjo:

— O mal: o vicio e o crime. E no caminho

da Bemaventurança, por onde sigo, nunca o encontrarei. Ai! de mim.

Ao amanhecer, levantando-se das pedras em que dormia, na choça, descobriu, a um canto, sobre folhas seccas, uma corça que amamentava o filho.

Arremetteu d'um salto e, arrancando o animalzinho á ternura materna, estrangulou-o com furor.

Sahiu ao bosque e, trepando ás arvores, destruiu os ninhos, escorchava os troncos, arrancava os arbustos, amaldiçoava o sol e chapinhava nos regos para toldar as aguas.

Correu á fonte e, afastando os cabellos que toda a vestiam, mirou-se com deslumbramento, palpando a carne que a miseria não conseguira deformar e teve um riso de triumpho. Em torno d'ella esvoaçavam os passaros piando, a corça balava ao longe lambendo o cadaver do filho, as arvores sangravam e os arbustos, desarraigados, enlanguesciam. Esteve um momento, a contemplar a sua destruição; subito, arrojou-se da montanha,

núa, com os longos cabellos soltos, voando ao vento, a prenderem-se nos ramos, em fios d'ouro que rutilavam ao sol.

— Agora o vicio! exclamou. Na planicie estava acampada a decima legião de Avitus, constituída de soldados amollecidos e depravados na volupia da Asia. Lucilia parou no alto de uma penha, a um tiro de frecha do acampamento e, com voz atroadora, bradou:

— Lucio, meu pequenino e sempre amado filho, parto a abrandar com as minhas lagrimas a dôr immensa das tuas feridas eternas.

E, como os rudes soldados, attrahidos pela voz tragica, corressem a cercar a penha, a miseranda, abrindo largamente os braços, afastou os longos cabellos louros e, em pleno sol, soherba sobre o pedestal agreste, expoz o seu corpo esbelto, nú como o de Venus na vaga, maravilhosamente branco, maravilhosamente bello.

A PIEDADE

O ultimo vestigio humano — uma choça pauperrima — ficara na orla da floresta que haviam deixado ao romper d'alva quando Ananda, que se dirigia a um palmar, á cuja sombra cantava uma fonte, enveredando por uma trilha sinuosa, reteve subitamente os passos e pallido, d'olhos fitos no juncal cerrado e alto que asselvajava a paizagem, conteve a soffrega respiração.

Surdos frémitos, soltos a quando e quando, annunciaram ao servo fiel do principe de Kapi-lavastu a presença de um tigre que soffria.

Então, recuando passo a passo, sem tocar em ramo, sem pisar em folha secca para evitar o ruido, chegou á clareira em que ficára, cercado

de pombos e de borboletas, afagando uma gazella, o Mestre perfeito.

O sol alcatifava de ouro o terreno afombrado e pelos ramos enfiados de parasitas os passaros cantavam festejando o missionario meigo que attendia, com o mesmo desvelo, ao sofrimento de um homem, á dôr incomprehendida de um insecto ou á sêde de uma raiz que as arêas torridas consumiam.

Vendo-o Ananda tão tranquillo entre os animaes que a sua caridade attrahira, calou a noticia alarmante, mas Buddha, como se adivinhasse o que, tão de improviso, o afugentára do palmar, interrogou-o:

— Que tens, Ananda? Vens pallido, trazes nos olhos vèstigios de espanto. Não foi, de certo, o bengali que te fez recuar em tamanho alvoroço, nem foi, tão pouco, a fonte que te affrontou com as suas aguas para que tornes assim tão demudadò. Que viste?

— Senhor, disse Ananda — e a voz tremia-lhe — á beira da fonte, entre os juncos, está uma féra a gemer. Ia eu descendo a rampa, já o meu corpo apparecia reflectido nagua, quando

ouvi o lamento doloroso do animal occulto. Foi por protecção dos bodhisattvas que me pude livrar de tão perfido encontro. Vim a correr, não tanto para escapar ao carnicheiro hospede do sitio, como para acautelar-vos contra a sua ferocidade. Que vale a vida misera de um escravo? É a vossa que me dá cuidado porque nella reside a esperança dos homens e della depende a conversão do mundo.

— E dizes que o animal geme?

— Geme e escabuja em ancia. Em torno os juncós abatem-se e estalam com o estortegar agoniado do grande corpo.

Levantou-se Buddha e, sem dizer palavra, despedindo a gazella, as aves e as borboletas, tomou o caminho por onde regressara Ananda e, apesar das insinuações medrosas do servo humilde, que teimava em dissuadir-o de tão arriscada surpresa, foi-se tranquillamente e, em passos graves, mas seguros, penetrou no palmar e logo ouviu o soturno, prolongado gemer, parecendo o ecoar de uma caverna profunda.

Ananda, vendo-o seguir resolute, tirou da cinta o punhal e, ainda que não contasse vencer,

com arma tão frágil, inimigo tão poderoso, queria enfrentar-o, dando-se-lhe por pasto, antes que ver seu príncipe e senhor ferido.

— E Buddha caminhava.

Aservas abriram-se por si mesmas dando-lhe passagem e elle foi indo por entre as muralhas verdes, guiando-se pela voz dorida do animal.

Ao ruido dos seus passos a féra calou-se, como á espreita. Ananda ainda insistiu.

— Senhor, lembrai-vos da missão que tendes. Não vos deveis expôr em lance tão arriscado — a felicidade de todas as creaturas depende da vossa palavra.

— E não ouves gemer um animal, Ananda?

— E que é a dôr de um animal comparada á dôr humana?

— É a mesma dôr. Tanto soffre o que fala como o que apenas accusa o soffrimento pelo gemido ou lagrima. O que vem em missão de amor não tem eleitos. Se um homem armado e enfurecido contra mim, na investida que fizer, de punho erguido e lamina apontada ao meu coração, tropeçar e cahir ferindo-se, o meu dever é

pensar-lhe a ferida, leval-o em braços ao seu lar e permanecer á sua cabeceira até que de todo sare. A piedade não é um presente entre amigos, é um amor sem condição e que não espera resposta. E, suavemente, murmurou: «A minha força é a caridade, a minha tunica é a paciencia... *maitri* é a suprema virtude». Ananda, só o homem elege affeições — o bodhisattva não tem preferidos. A Luz foi creada para o mundo. Ninguem diz — o meu sol.

As aguas são passageiras que percorrem a terra espalhando esmolas com as duas mãos, tanto ha de fartura em uma beira de rio como em outra e as aguas não perguntam o nome nem pedem os titulos d'aquelle que as procura — dão-se ao principe e ao animal, fartam o torrão e ascendem á nuvem. O rio não volta ao moinho para exigir salario, nem regressa ao campo, no outono, a reclamar o dizimo — faz o bem e prosegue. Entre dois sóes ha a noite como um esquecimento.

Assim falando, Buddha chegou ao lugar em que a féra jazia.

Era um monstruoso tigre negro, de pello luzidio. Estava deitado de flanco, numa poça de

sangue, com uma frecha através do corpo. A cauda flagellava o solo, vergastava os juncos e, de vez em quando, abrindo a boca desmedida, o animal deixava escapar um gemido.

Sentindo a presença do missionario, num esforço supremo, poz-se a féra de pé. Buddha aproximou-se, apartando os juncos e, chegando-se ao belluino, arrancou-lhe a frecha das carnes e logo o sangue estancou e ao contacto da mão divina cicatrizou-se a ferida.

O sol, entrando em nimbos pelos escassilhos das folhas, estampou-se na pelle negra do animal que ficou mosqueada de ouro.

Ananda olhava em extase vendo o monstro submisso rastejar humilde e grato aos pés do principe abnegado, lamber-lhe as mãos, fital-o com suave ternura nos olhos fulgurantes. E quando, livre da frecha dolorosa, pode caminhar, Buddha acenou mostrando-lhe a floresta e o tigre, d'um salto, deixou o juncal, partiu, aos galões, rugindo.

Foi-se, desapareceu no palmar, manchado de sol e, longe, fremiu alegremente como agradecendo a piedade do peregrino.

E Buddha, feliz por haver combatido um sofrimento, sahiu á estrada cheia de perfume e sonora do canto suave dos bengalis.

Então, mostrando ao longe o Himalaya, que recebia o sol agonisante nas suas neves doiradas, disse apenas:

— Adiante!

— Senhor, lamentou Ananda, que pena tenho de não haver quem conte este acto tão generoso da vossa misericordia.

— Ananda, assim como o sol ficou em manchas de ouro no corpo do animal curado, assim os actos de caridade gravam-se na memoria dos deuses.

Quem propala o que faz e alardêa os beneficios não os pratica por amor do proximo, mas por vaidade e, longe de ser um virtuoso, é um fatuo que se engrandece á custa do soffrimento, fazendo-se acclamar pela gratidão. A moeda da esmola deve ser como o sol — que alumia e desaparece. E dize: já viste a mão que nos dá essa moeda de ouro? Adiante, Ananda, e goza o perfume da tarde que é tambem uma misericordia e contempla, com alegria, as estrellas que nascem.

O que dá um mendrugo ao faminto sahe logo a apregoar o seu acto e nós não sabemos quem nos dá o ar, a luz, a agua, a flor e todas as maravilhas que temos por nossas. Como somos imperfeitos e mèsquinhos e como é grande a vaidade!

Os kokilas gazilavam nos ramos e as sombras quietas da noite baixavam sobre os peregrinos.

ELEGIA

O clarão funereo da lua dava á paizagem immovel o aspecto lapidar de immensa cidade, toda de marmore, morta. Rigidas, hirtas arvores laivadas d'alvo reluziam e toda a extensão que os olhos alcançavam era alvadia e quieta como esculpida em pedra.

O ar da noite rescendia aromas e, por entre as frondes adormecidas, faiscavam lampyros.

Silencio de camara mortuaria.

O rio largo, glacial, espelhava a lua nas aguas lisas, turvas em negror de luto nas proximidades das margens, sob os pendidos ramos desolados.

Ta eu descendo a rampa resvaladía quando ouvi rumor de vozes partindo d'um cerrado.

Curioso do mysterio — Quem, a horas taes, affrontaria o frio, á beira deserta d'aquellas aguas lugubres? — avancei em passos silenciosos.

Evitando os ramos enredados, aproximei-me tanto quanto me foi possível e, debruçando-me á borda da ribanceira, sobre a gróta de onde subia o sussurro das vozes vi, ao primeiro relanço d'olhos, um grupo de corpos nús como estatuas perdidas entre a folhagem escura.

Attentando, porém, na visão reconheci duas mulheres e jovens. Dava-lhes o luar em cheio no rosto accendendo-lhes áscuas nos olhos, pon-do-lhes esplendores nos cabellos soltos, despejados em ondas por sobre os hombros até á cinta.

A belleza d'uma reproduzia-se traço a traço nas feições da outra.

Abraçadas conversavam com meiguice:

— Serás ámanhan onda marinha, dizia uma; e a outra suspirava. Irás por entre ribas verdejantes, ao longo de campos, através de arvoredos até a costa deserta e bravia que o mar solapa e nelle entrarás como a folha que se desprende do ramo e perde-se no rebalço da floresta. O destino leva-te como o vento assopra a nuvem.

— É o mar?

— É immenso, não se lhe vê o fim. É como o ceu.

As suas praias são brancas, planas ou accidentadas em dunas altas, rasas ou erriçadas de rochas, beirando cidades tumultuosas ou chegadas a escarpas inhospitas, só accessiveis ás aves oceanicas. As suas aguas amargas não balouçam lyrios, sulcam-nas pesados navios de ferro.

As libellulas que as affloram têm azas para resistir ás tormentas, são as gaivotas; as suas nar-sejas chamam-se albatrozes. A superficie é inquieta — os temporaes affrontam-na, mas o abysmo é sereno. Nelle acharás o silencio e a companhia dos sêres que nunca viram o sol nem se acostaram á orilha de terra em flôr. Lá viverás em grutas de coral, pisando o nacar em que se geram as perolas; acompanharás a lenta construcção das ilhas por architectos tão pequeninos que cem d'elles viveriam num estame de flôr; e andarás na claridade livida que irradiam os corpos dos oceanides.

— Em que tempo viveste nesse mundo mrencoreo?

— Não sei. Ainda cortavam a vaga naves de prôas curvas que seguiam ao som dos ventos offerecendo á monção velas amplas de purpura. Os marinheiros navegavam alumiados pelas estrelas. O mundo era velho, havia ruinas e os homens lembravam, com saudade, os encantos e a felicidade dos seculos chamados de ouro. Mas o mar é invariavel como a Eternidade. Has de achal-o como o deixei. Um dia, inesperadamente, tornarás aonde estamos: aos rios, á sombra dos bosques. Subirás ao ceu, como eu subi, e regressarás á terra em chuva ou em orvalho.

— Regressarei!

— Tudo regressa á origem — a vida é um circulo.

— E as aguas do mar são claras e transparentes como as das fontes silvestres?

— As aguas do mar são verdes ou são azues. Verdes, porque recebem o tributo dos bosques; azues, porque tambem nellas se despejam os mananciaes do ceu.

A floresta despacha-lhes tudo quanto deflue das fontes e o mar reveste a côr das balsas, como que se cobre de verdura, torna-se de esmeralda

e florido de espumas, tão brancas como as açucenas. É campina sem arvore. Forra-se de azul, todo celagem, agradecido ao céu, que o nutre e as espumas são frocos de nuvens rolando por elle ao sabor do vento. Assim o mar é o espelho do céu e da terra.

Turva-se o mar na tormenta e, como a colera demuda, vão-se-lhe as côres suaves, enruga-se-lhe a face e toda a belleza desaparece. A furia decompõe-no e o que antes ostentava o viço da mocidade apparenta a feição de um velho desvaiado, com os cabellos brancos revoltos, a arremetter com a terra, rugindo sob o flagello dos ventos e dos raios. Mas a bonança depressa refaz-lhe a juventude. Nasce o sol e redoura-o, reaparece nas aguas o azul, lembrança do céu, ou o verde, saudade da terra.

O mar é o symbolo do Tempo, variavel na apparencia, que é a superficie, mas immutavel na essencia, que é o abysmo. O dia em que se vive é mais tumultuoso do que todos os seculos decorridos. Ouve-se o insecto que esvoaça em torno de nós e das guerras antigas, das catastrophes de outr'ora, das convulsões do mundo, que resta?

o silencio. O que se afoga deixa apenas bolhas d'ar — o abysmo é o vasio e o Tempo é um abysmo mais fundo do que o oceano. E, assim como os rios alimentam o pelágo, os seculos correm para o Tempo, o mar infinito da Eternidade, no qual todo o orgulho humano referve um momento e morre, como as ephemeras espumas.

Vai, o mar reclama-te, és gotta d'agua, segue o teu destino. Has de voltar um dia á terra maternal.

— Quando?

— Pergunta á nuvem. A folha que morre apodrece e torna em seiva ao tronco, a ser folha? Pergunta á arvore. Has de tornar ao bosque em chuva, em orvalho, talvez em lagrima, trazida em um coração.

Abraçaram-se e eu vi um corpo mergulhar nas aguas. Outro ficou na ribanceira, immovel. E o rio entrou a chorar no silencio.

Tudo regressa, disse a naiade; só as minhas illusões não tornam. E que bem me fariam agora no tumulto dos cuidados que me affligem! Tal-

vez regressem em lagrimas, como affirmou a naiade que eu vi á beira rio e que era a imagem da minh'alma melancolica, junto á corrente saudosa do pranto, despedindo a ultima illusão que se fôï para o mar alto ser gotta d'agua no oceano, perder-se na immensidade.

Meus pobres sonhos! Que nuvem os sorverá no oceano para fazer com elles a Poesia que eu não fiz?

ROSAS, CORAÇÕES DESFEITOS

Foi com a entrada luminosa de Hérmes, ainda cheirando a silvas redolentes, porque subira da terra onde andára a vagar, que se accendeu no coração impetuoso de Zeus o desejo forte de rever a terra em flôr, as aguas que escachoam nas rochas, os largos prainos dos mares glaucos, os visos frondosos dos montes acima dos quaes ajejam as aguias alipotentes.

Horas alegres bordavam a téla azul com fios d'ouro tirados do novello do sol; outras, pallidas, d'olhos melancolicos, vestidas de negras tunicas funereas, coroadas de myrtho e papoulas, recenavam estrellas para que fulgissem na tréva com luz viva e o Olympo, nessa tarde de mara-

vilhoso encanto, clara e suave como os olhares macios de Aphrodite, rejubilava festivamente.

A propria Hera, sempre taciturna no seu ciu-me divino, cantava doubando a lan translucida das nuvens estivaes.

Eis que Zeus, de repente, se levanta, acena á aguia cujo olhar fuzila e, assentando-se-lhe no dorso, instiga-a.

Pasmam os deuses; um momento detêm-se as Horas e o animal soergue-se, arranca, abre as azas largas e arremessa-se nos ares tépidos e fulgurantes.

Desce vertiginosamente como os titans rebeldes quando rolaram sob as catapultuosas penhas sotopostas.

Zeus tem ancia de rever a terra, os homens, os rebanhos; deseja avistar as aguas e as verduras, as furnas sombrias e sempre gementes e as clareiras onde o sol retouça.

Já os oceanos brilham como sóes e os lagos lampejam como estrellas, cresce o esplendor entre sombras que parecem nuvens e são serras altas e são prados longos e são valles fundos.

A terra apparece d'uma só côr sombria, alar-

ga-se dilatadamente em alfombra azul, lisa, chan, sem um relevo de collina, mas logo avultam os accidentes redondos, as pomas dos outeiros de fina relva; movem-se lentos rebanhos e homens. Já se accentuam as linhas, rendilham-se as frondes, ondulam os trigaes dourados, aves voam cantando, sóbe o fresco aroma dos fenos e das searas e o balido dos anhos geme. É a terra.

A aguia foge e os olhos claros de Zeus mal distinguem a mansão ephemera dos homens e as suas bellezas transitorias que a Morte espreita cubiçosa. Em toda a parte ha flôres e risos: são danças cyclicas nos prados, parthenias á volta dos templos, entre cedros; amores á beira d'agua. Em tudo a alegria, a alegria, illusão da tristeza.

Más longe, á flôr dos mares, branca e muda, uma ilha apparece.

Toda branca e lisa é como uma larga lápide nos mares. A aguia, guiada pelo deus, paira um momento sobre a desolada paragem de onde não sobem aromas nem rumores.

É tudo funereio: brancas as praias de areal sem dunas, branco o interior apagado da ilha.

Nem arvoredos nem hervas, tudo desolação e

silencio e vultos merencoreos seguindo as trilhas brancas, como lemures cimmericos, levando de rasto, no lento e tristonho andar, as longas tunicas, tão alvas como o areal esteril. Zeus medita um momento e, fazendo baixar a aguia sobre um rocado alvadio, salta em terra, desce á planicie, torna-se invisivel e espreita a gente melancolica que vai e vem, sem falar, sem sorrir, em passos morosos e surdos.

A sua omnisciencia logo adivinha a causa de tão estranha tristeza e, lesto, retomando a aguia, remonta. Entra no Olympo irritado. É a hora quieta em que se recolhem as purpuras da tarde e se estendem no espaço as alcatifas da noite oculadas de estrellas.

Atravessando impetuosamente o vestibulo fulgurante, Zeus brada o nome de Eros.

As brancas pombas de Aphrodite, já agasalhadas no columbario, esvoaçam espavoridas ante a colera estrondosa do accumulador de nuvens; os deuses afastam-se medrosos e, pallida e languida, a deusa, filha da espuma egina, temendo pelo filho, precipita-se embrulhando os pequeninos pés na fimbria da tunica diaphana, luminosa e volatil,

como feita de bruma e sol, a receber o Pai, já se lhe rojando ante os joelhos, linda com o pranto, em fios, a descer-lhe dos olhos verdes, cheios de espanto e medo.

Eros, que se adestra asseteando estrellas, ouvindo a voz tonitroante, adianta-se a correr, com a aljava a bater-lhe o dorso, o arco pendente á ilharga e, avistando o Todo Poderoso, retem os ligeiros passos. E Zeus, fitando nelle os olhos flammejantes, argúe-o encolerizado sobre a tristeza da ilha que encontrára, branca e muda, dizendo:

— Todos quantos nella vivem são como sombras que penam. As mulheres são lindas, os mancebos são fortes, e cruzam-se indifferentes. Porque os deixaste em tal abandono?

— Senhor, é facil reparar o crime do esquecimento. Hoje mesmo, com o favor da noite, farei o que devo.

— E antes do raiar do dia quero ter a prova do que fizeste.

— Tereis a prova, Senhor, antes que as estrellas murchem ao sol. E Eros baixa aladamente do Olympo.

*

*

*

O gallo vigilante de Arés desfere o seu primeiro canto, ainda sahem Horas tenebrosas levando bojudas urnas de orvalho, quando Eros reaparece no Olympo e, posto que Zeus repouse adormecido, quer dar conta do seu trabalho e, ante o solio divino, fala com palavras aladas.

— Zeus potente, dominador do Ether... Aclara-se esplendidamente o Olympo com a refulgencia do olhar do esposo de Hera que desperta á voz do infante.

— Que me trazes por prova do que fizeste?

— Nada, Senhor, senão o desejo de que vos certifiqueis, com os vossos olhos, do resultado da minha empreza. Era a ilha branca e esteril e é hoje uma verde alfombra, colmada de formosos bosques odoriferos. Era o presidio do silencio e nella agora o murmurio das palavras e o sussurro dos beijos são tão perennes como o fragor das aguas nas penhas geradoras. Nos seus caminhos balsamicos não mais se cruzam figuras

solitárias, senão pares abraçados e não ha moita de onde não saia, por entre o chilreio d'aves que se ameigam, palavras tremulas de bocas de namorados. Das frechas que levei na aljava nem uma só errou o alvo, e, de extremo a extremo da ilha, fui acordando para o amor a gente merencorea. O sangue gottejava na arêa e as frechas por lá ficaram crescendo em floresta acolhedora e de aroma.

Mas Zeus, sempre desconfiado, ordena a Hermes que baixe á ilha, a percorra, trazendo-lhe uma prova do exito da missão do infante.

E Hermes desce alipede sobre a ilha. Tudo vê e, tentando contar os pares que se succedem nos meandros amaveis do arvoredado, descobre, a tremer na haste, que era uma frecha aculea, uma grande flôr purpurina e nova para os seus olhos divinos. Demora-se a vê-la, maravillhado, e como procure lembrar-se da sua origem — elle que conhecia a origem de todas as flôres — eis que ouve uma voz, a voz de Hertha, a terra maternal:

— Esta flôr, côr de purpura, de petalas cor-deaes — é a rosa: nasceu das gottas de sangue que lentejaram as frechas de Eros victorioso.

Conta-lhe as petalas e terá o numero dos corações feridos que se buscam e não se deixam nesta ilha florida, dantes areal onde nem o cardo vingava.

E Hermes, tomando a flôr, regressa ao Olympo repetindo a Zeus as palavras de Hertha e descrevendo-lhe o que vira.

Zeus, então, afagando a immensa e espalhada barba, mais rebrilhante do que a Via Lactea, põe-se a aspirar o aroma da flôr, contente por saber que deixara de existir na terra o triste degredo d'almas onde corações moços se cruzavam com a indiferença com que duas folhas mortas descem na correnteza fria e tremula de uma ribeira apressada.

LAVRADORES

Encontraram-se em caminho e, como o sol abrasava, acolheram-se os dois á sombra da mesma arvore, cuja ramagem frondosa formava uma verde cupula sobre a serena fonte. Velhinhos, ambos levavam ferros de lavoura e, sentando-se na alfombra, ficaram ouvindo o suave murmurio d'agua e o chillo dos passarinhos que voavam de ramo a ramo. E disse um d'elles:

— Bom vai o tempo para a sementeira. A terra está humida e sente-se-lhe a seiva.

O arado deslisa facil e, nos sulcos que deixa, medra com vigor a semente. Vamos ter a compensação da miseria do anno passado, anno esteril de fome e de tristeza. Levo a taleiga cheia e o

que vai ao meu hombro, em fardo quasi insensivel, voltará do campo acogulando carros.

— Que levas para sementeira?

— Linho e pão. É tu? O outro sorriu sem responder. Que terras lavras?

— Eu? terras eternas em que rebenta a flôr, quer o sol seja ardente, quer as chuvas alaguem. Nunca uma só das minhas sementes deixou de vir a flux. Sou um homem feliz, as minhas terras são bentas.

— Quanto colhes no outono?

— Tenho abegão para tal serviço. Não sei quanto produzem as sementeiras que planto. Affirmo, porém, que são sempre fartas as colheitas do meu campo. A ti falta, ás vezes, o sol; outras vezes é a chuva que não vem e ora vê o talhão esturrado, ora o encontras em alagadiço. Para os meus ha sempre luz e ha sempre réga: chammas de cirios e fiôs de lagrimas. Os meus canteiros são lindos e a flôr que delles sobe é a mais bella que Deus creou... nem ha d'outras no Paraiso.

— É dá frutó?

— Sim, dá fruto.

Nesse tempo ouviu-se o rincar de um carro e o velho que falava da fertilidade da terra, soergueu-se dizendo:

— É o carro da minha herdade. São meus filhos que vão para a lavoura. E disse o outro:

— Eu semeio e não me preocupo com o que fica na terra. A flôr sobe e sobe tanto que é lá em cima, no céu, que exhala o perfume. Deus colhe-a, extrahe-lhe a essencia e espalha-a pelo mundo.

— E o fruto?

— O fruto é o alimento melhor dos homens.

— Melhor que o pão?

— Melhor que o pão, porque é eterno. O trigo dá a farinha e morre, o fruto da minha sementeira não o devoram vermes, não o bicam passarinhos, as chuvas não o apodrecem, não o engelham os sóes. A flôr chama-se Bondade, o fruto chama-se Exemplo.

Olha em volta de ti e has de vêr a flôr e o fruto das minhas plantações. O velho relanceou o olhar em torno, mas um rumor que se aproximava levou-lhe a atenção para a estrada: Era um grupo de crianças, de branco, que passava

conduzindo um pequenino esquite coberto de rosas.

— Um enterro.

— Enterro!

— Sim, enterro de um anjo.

— Ainda bem, é a minha sementeira que passa. A sombra está deliciosa e a voz dos passarinhos mais afinada que nunca, mas a obrigação reclama-me. Eu sabia que tinha hoje uma roseira a plantar, deixei a cova prompta e lá vou ao serviço.

— Uma roseira?

— E que são crianças mortas senão plantas de flôr? A roseira não dá mais que a rosa, a criança é apenas innocencia. Os frutos são proprios das arvores de vida longa, são os benefícios de que gosamos nós outros: o linho tecido em panno, a farinha amassada em pão, o forno que cose a broa, a casa que nos abriga, o carro que vai ao campo, a azenha, a nóra, o jugo, o ferro do arado, que é tudo isso? frutos da minha lavoura. Outros vieram depois, mais perfeitos, com a enxertia das raças, com o amanho mais cuidadoso do progresso e são as sciencias que

multiplicam os bens humanos. Tu és lavrador...

— E tu?

— Coveiro, lavrador também. Meu campo chama-se Eternidade, o meu outono é a Vida. Vai-te ao trigo e ao linho, eu vou ao enterro. O cemiterio é a minha leira. Uma voz desferiu no bosque visinho:

O amor é um bem que tortura
É o espinho d'uma flôr;
Quem ama só tem ventura
Quando soffre pelo amor.

Olharam-se os dois velhos e o lavrador de trigo e linho perguntou:

— Quem cantará?

— Que importa a pessoa? é o Amor. Essa voz que nos chega penetra a terra, chega ás covas, acorda a vida no seio da morte como o calor do sol atravessa a superficie do sólo e faz estalar a semente que espalhas, tirando della o renovo que se faz arvore. O que chamamos Amor chama-se, lá em cima, Fecundidade — é o appello eterno á Vida. Como entendes de lavouras eu entendo de cemiterios e assim como falas de

colheitas fartas eu posso falar da Eternidade.

E adeus, vai ao teu trigo e ao teu linho, que eu vou agasalhar na terra a roseirinha mimosa.

Sementes e cadaveres... tudo germens, coveiros somos ambos.

Adeus!

GEMEOS

O vento gemia com angustia humana e o arvoredo, maltratado do inverno, debatia-se em convulsões de desespero, despedindo as ultimas, amarellecidas folhas dos galhos que se retorciam. Cães uivavam e, a espaços, golfadas d'agua batiam nos vidros com o estrondo das despejadas cachoeiras precipitando-se arrojadamente dos altos, escarpados fragedos.

Não passava sombra d'homem na estrada e o estalajadeiro, achegado ao lume, esfregava as mãos grossas arrancando do peito suspiros cavernosos.

Quem se atreveria a affrontar os caminhos com tal noite? Tão assoladas haviam ficado as

estradas que a diligencia estava em atrazo de tres dias, naturalmente porque não pudera vencer os andurriaes e ficára, talvez, atolada em algum lameiro.

Por vezes o vento, investindo com a porta fazia-a tremer nos gonzos como abalada por pulso robusto de viador ancioso. O homem voltava a cabeça, esperava um momento que se repetisse o appello, mas o vento já por longe andava e eram as arvores que lhe soffriam os embates.

O estalajadeiro, inteiriçado de frio, deixava-se ficar encorujado como se uma esperança o prendesse áquella esfarripada cadeira em que, desde o sobrio jantar, jazia assonorentado e combalido de tristeza, com pensamentos que lhe punham o coração em sobresalto. Não fizesse elle para o fisco e os serviçaes impiedosos da justiça d'El-Rei, patrono do povo, entrariam cancello a dentro e, desde a vinha que, no viço do outono, colmava a varanda alegre com a sua folhagem, por entre a qual pendiam os roxos cachos pyramidaes, até as figueiras do fundo do pomar e a casa, e os moveis, os pombos que arrulhavam nos

pombaes, as abelhas que enxameavam os cortiços, os gordos cevados que refocilavam na pos-silga, tudo, ai d'elle! lhe seria violentamente sequestrado para que o Rei, senhor das gentes, não ficasse sem as duas moedãs que lhe eram devidas.

O pobre suspirava e, de cada vez que o vento levantava lá fóra a sua grande voz de soffrimento ou as bâtegas da chuva resoavam nos vidros, o desespero fazia-o clamar com blasphemia contra o bom Deus que o abandonara aos esbirros, o bom Deus que, podendo amainar aquelle vento e seccar aquelle céu, enchendo-o de lumes d'astros, mais acirrava a tormenta.

Assim pensava o bom homem quando ouviu pancadas á porta e vozes bradando: «Abri! Abri!» Levantou-se de repellão e, d'um salto, achou-se junto ao postigo. Descerrou-o e logo os seus olhos descobriram, ao livor d'um relampago, um vulto que se atabafava, retranzido, em grande capa.

Tirou ligeiramente a tranca e, com uma lufada que fez crescer a chamma no fogão e levou

da parede velha encardida gravura heroica, na qual estava figurada desigual batalha entre anjos aereos e demônios terrestres, o vulto arrojou-se na sala lugubre e logo, atirando a capa, mostraram-se dois jovens, lindos ambos: um muito alto e louro, d'olhos azues, risonhos, os cabellos em anneis graciosos rolando-lhe pelos hombros de talhe feminino; outro moreno, severo, d'olhos negros e faiscantes como brasas.

— Eram tão semelhantes no todo, de proporções tão iguaes que, á primeira vista, logo os davam por irmãos.

O estalajadeiro ficou um momento immovel, maravilhado com a belleza e o donaire dos mancebos que vinham da noite agreste com o ar tranquillo de quem chegasse, contente, d'um tepido luar de estio.

— Dá-nos vinho quente adoçado a mel e serve-nos algo que trazemos fome velha. E avia-te! Queremos deitar-nos cedo porque antes da madrugada, faça o tempo que fizer, havemos de estar em marcha para a cidade.

O estalajadeiro não se fez repetir a recomendação. Lésto, alegre, rebuscando no velho

armario, achou um quarto de anho, salpicão, queijo, nozes, ovos frescos e uma brôa de milho cozida naquelle dia.

Ceia maravilhosa! O vinho era excellente e duas vezes o bom homem levou o cantaro ao torno e duas vezes os hospedes louvaram a cêpa que estillara tão saboroso nectar.

Fartaram-se e, regelados, abeirando-se do fogo, ali ficaram juntos, aconchegados, as finas mãos estendidas para o lume que o estalajadeiro avivara com dois toros de lenha secca.

— Bôa fortuna nestes páramos? indagou o mancebo louro.

— Ai! de mim... bôa fortuna...! Estou em vespervas de perder o que tenho dos meus avós: — o lar em que nasci, que é este, cercado d'árvores generosas, plantadas pelos bons velhinhos que Deus tem na sua graça. Com este inverno quem se atreve a metter-se a caminho por estes sitios fragueiros e de tão más noticias? Só pastores por aqui apparecem, comem um naco de carne, tomam um gole de vinho a troco de uma moeda de cobre e partem. Que é isso para quem ha de entrar com duas moedas de ouro para a

bolsa dos cobradores que andam em visita aos casaes e estalagens? Ai! de mim...

— Não te queixes, homem, que não ha razão para lamentos. Gemidos bastam os do vento. Somos a tua fortuna, bemdize a tormenta que aqui nos trouxe. Por nós virão ao teu casebre principes e has de ver-te tão atormentado com hospedes nocturnos, que os amaldiçoarás do teu leito quando, noite alta, ouvires bater á tua porta e vozes bradarem freneticas contra a lentidão dos teus passos. Não te lamentes mais. Dá-nos vinho e prepara-nos um leito em que havemos de repou-sar até a madrugada.

Voltou-se o estalajadeiro intrigado com a re-commendação.

— Um leito, dissestes?... Pois um só que-reis, sendo dois?

— Um só. Nunca nos separamos. Nascemos juntos e juntos sempre andamos, porque um sem outro seria tão impossivel como haver vida em corpo privado d'alma.

— Bem, bem. Seja como ordenais. Sendo assim ireis dormir no quarto melhor da casa, que é o que dá sobre os campos. Lindo quarto! Ali

nasci eu. Antes, porém, como o regedor exige que tenhamos um livro de registro para que nelle tomemos os nomes dos viandantes, peço-vos que nelle assigneis enquanto vou dar uma vista d'olhos no quarto, lindo quarto! onde dormireis como no Paraiso. Na primavera é um gozo — respira-se o arôma dos fenos e os rouxinóes cantam no beiral da janella até o nascer do sol. É um gozo!

È foi-se escada acima. Prompto que foi o aposento, chegando ao patamar, o estalajadeiro falou aos mancebos:

— Vinde! O leito espera-vos. Accendi um bom lume e o quarto está tepido como um seio.

È os mancebos subiram abraçados: um cantando, o outro sempre taciturno.

Desceu o bom homem e encontrando sobre a mesa duas moedas de ouro, pasmou da generosidade e radiante:

— São principes, de certo, exclamou. Talvez — ha tanto d'isso! — namorados. O d'olhos azues tem um ar de donzella... Que importa! Bem lhes saiba o somno. È, guardando as moedas no bolso, disse: O cobrador é que vai ficar

aturdido quando eu lhe responder á arrogancia com estas lindas moedas de ouro.

Só então a curiosidade de saber quem eram os dois jovens, tão lindos! que lá estavam no lindo quarto, juntos no mesmo leito, fê-lo recorrer ao livro em que elles haviam deixado as assignaturas e, com espanto, leu estes dois nomes:

— Amor.

— Ciúme.

O FAUNO

Nascido na veiga, entre outeiros de relva avelludada e claros, sonoros fios d'agua, creado no meio de ovelhas brancas, em companhia de pastores e zagalas, adorando o sol de ouro puro e as estrellas rútilas de prata, fazendo canções á lua, contando queixas de amor ás fontes vivas, era feliz o pastorinho.

Só pensava em Alcina e no seu rebanho, dando-se por venturoso se a pastora lhe sorria, correndo ao templo rustico com offertas aos deuses se ouvia balar um novo anho.

Á noitinha, em tempo de luar, deixava as folhas cheirosas do seu leito pastrano e, á porta da cabaninha, contemplando o ceu, ouvia o rouxinol.

Que lindos os seus pensamentos!

Um dia, alongando-se no caminho, penetrou a floresta, guiado pelas borboletas, e, no recesso sombrio em que se apinhavam as arvores mais velhas, ficou ouvindo o sereno murmúrio das aguas apenas nascidas.

Gosava aquelle tartareio das fontes, berços das ribeiras, quando descobriu um fauno que ia e vinha d'arvore a arvore, tocando ligeiramente as flôres desabrochadas.

Empallideceu receioso, quiz esconder-se ás vistas do deus silvestre, mas a figura do fauno — cornigero, capripede, velludo — fel-o rir e, como o morador e protector da selva não se perturbasse com a sua presença, o pastorinho adiantou-se.

— Que fazes, fauno? perguntou.

Voltou-se o deus e, fitando no pastor os grandes olhos profundos, respondeu:

— Caso as flôres, pastor. Sou eu quem leva recados de uma a outra corolla. É verdade que a brisa e as abelhas auxiliam-me, mas sou eu quem lhes diz onde ha flôres puberes, flôres que podem celebrar noivado. Sou eu que, á noite,

pelo clarão nupcial da lua, visito os ramos sentindo o perfume. É pelo perfume que chego a conhecer a puberdade d'essas donzellas captivas que nem por viverem presas ás hastes em que nasceram deixam de se entender com os seus namorados. Não fossem ellas femininas!

O pastorinho desatou a rir e o fauno, encostando-se a um velho e rugoso tronco, suspirou:

— Ris! Se conhecesses, como eu, os segredos da natureza, não ririas, por certo. Dize cá, pastorinho: queres ser sabio como um deus?

— Sim, quero. A que preço? Dou-te a ovelha mais gorda do meu rebanho e uma taleiga nova que ainda não serviu.

— Guarda a tua ovelha e a taleiga. Dar-te-ei toda a sciencia dos deuses se me quizeres ceder as tuas illusões. Troquemos as nossas almas: levarás, com a minha, a eternidade e a sabedoria. Éviterno e omnisciente, que fortuna! pastor! Eu ficarei com as illusões da tua e sujeito á vida ephemera que as almas humanas vivem no corpo em que transitam.

Conhecerás todos os segredos da terra, todos os mysterios do ceu; verás tão claro no fu-

turo como no presente e a tua mocidade será perpetua como a côr azul do elyseo e a côr verde do mar. Queres?

— Sim, quero, disse o pastor contente.

— Vem comigo. Habito uma caverna a dois passos d'aqui e no tempo que baste a uma abelha para sugar o mel de um nectario farei a troca das almas. Levarás a riqueza e eu ficarei com as illusões que valem menos que o fumo que sobe da lenha verde.

Poz-se a rir, de contente, o pastorinho e, rindo, acompanhou o fauno á caverna.

Era uma furna sombria, merencorea e humida: parecia que ali se agasalhava o inverno. Contínua, com triste som, uma gotta d'agua pingava e os passos, ainda os mais leves, retumbavam no concavo rochoso com um soturno resôo longo e amedrontador. E disse o fauno:

— Senta-te, vou fazer lume.

E, puxando folhas seccas, fez fogo e, em volta da chamma, sentaram-se os dois.

Poz-se o fauno a murmurar palavras encantadas e os olhos do pastorinho logo se fecharam, pendendo-lhe a cabeça loura e, dormindo, quedou no leito de ramas,

Então o deus silvestre, collando a sua boca á do pastor, sorveu-lhe a alma cheia de illusões e transmittiu-lhe, com a eternidade, o seu espirito omnisciente.

Logo despertou o pastorinho e, olhando, um momento, em torno, ergueu-se e, tristonhamente, partiu. Ficou o fauno a fitar o lume alegre, poz-se a cantar contente e, levantando-se num pincho, entrou a bailar em redor da fogueira.

E assim cantava o que fôra immortal:

«Estrellas são gôttas de luar. Ó cantaro da lua, cheio de leite, que desastrada zagala andou contigo aos boléos para que assim derramasseis tanto leite na eira?

Bem hajas, zagala — não fôsses tu e não haveria estrellas. A luz do sol é sangue, a luz da lua é leite». E cantava ainda:

«Quão lindo é o olhar da virgem! Ha mais profundeza e mysterio nos olhos da mulher do que nos abysmos do mar. Póde o mergulhador descer á pesca da perola, nos penetraes mais intimos das aguas... quem é capaz de descobrir o segredo dos olhos verdes, abysmos de seducção onde cantam sereias?

Um beijo é um germen, é o pollen que vai de labio a labio. O amor... que importa a morte?!»

Assim cantava o fauno e ria perseguindo, a correr, as borboletas e toda a brenha parecia rir com o alegre fauno. Mas, de vez em vez, gritos rolantes atroavam.

— Fauno do bosque, dá-me as minhas illusões, toma a tua alma com a eternidade, a omnisciencia e todo o seu poder divino. Restitue-me as illusões que me roubaste. Conhecer toda a verdade é viver no vasio, é ver o fim de todo o Bem; o fim de todo o Amor; é jazer, vivo, num sepulchro porque o nada é a expressão da vida... E as minhas illusões eram o azul desse vasio, o horizonte feliz desse infinito lugubre. Dá-me as illusões, toma a tua alma.

E o fauno, ouvindo o pastor, abalsava-se, fugindo, a cantar, pelo bosque verde:

«Ha mais profundeza e mysterio nos olhos da mulher do que nos abysmos do mar...»

E o pastorinho? pobre pastor desherdado! E vós que andais pelos bosques... não vos fieis em faunos...

O PERDÃO

Judas, depois da prisão do Mestre, receiando a vingança dos apóstolos, sahiu apressadamente para o campo.

Chegando á margem da torrente do Cedron, em ponto em que lhe pareceu mais facil a travessia, colheu a tunica e saltou á primeira pedra.

Logo as águas retiveram-se, como contidas por uma comporta e, embora sempre descessem em rebellados cachões, borbulhando, espumecendo com fragor que se ouvia á distancia, nem uma gotta molhou os pés do maldito, que, tolhido de assombro, viu-as crescerem em muralha que rutilava ao luar como o cimo do Carmello no tempo agreste da neve.

Tremendo, passou á outra margem, e tanto que poz pé em terra, traz elle desabaram, com estrondo, as aguas, recontinuando a sua corrida humida pelas pedras, com o branco refferer constante das espumas. Diante delle, silenciosamente, as hervas apartavam-se e, se succedia a sua tunica afflorar um arbusto, logo as folhas mirravam, como as da sensitiva e os galhos pendiam mortos.

As pedras fugiam ante os seus passos; viboras assustadas evitavam-no; os proprios escorpões, dando por elle, rapidamente sumiam-se nas luras.

Ao luzir da alvorada ia elle, com sêde, por uma campina florida e, ouvindo cantar uma fonte, entre os eloendros, demandou-a com avidez.

Era um recanto aprazivel. Alto, frondoso sycomoro espalhava os seus ramos largos assombrando as aguas e, não longe, uma figueira silvestre estava coalhada de pombos que arrulhavam contentes sentindo a madrugada.

Judas inclinou-se sobre a fonte e, de joelhos na margem, tomando uma mancheia, ia-a levando á boca sedenta quando, instantaneamente, viu

avermelhar-se a agua, engrossar, tornar-se tépida como o sangue.

Deixou-a cahir e, insistindo, viu, com assombro, reproduzir-se o milagre.

Era a vingança da natureza: as limpidas fontes davam-lhe á sêde sangue.

Sem animo de renovar a experiencia deixou-se ficar á beira d'agua e ali sahiu-lhe o sol, não em luz, mas em manchas rubras — onde um raio o tocava ficava a macula como de uma ferida.

Um passarinho poz-se a cantar de ramo em ramo e a sua voz tinia metallica com o som de moedas cahindo em lages.

Se o reprobó baixava os olhos á agua via, no fundo, não a propria imagem reflectida, mas o retrato de Jesus — era o Mestre que o contemplava sem odio, antes com pena. Se levantava a vista para o céu toda a scena do Horto repetia-se nas nuvens que se conformavam em homens, em arvores, reconstruindo o scenario e o episodio da negregada perfidia.

E, mais que as visões, o que lhe causava horror era a voz intima que não calava, a voz que lhe repetia no coração todas as meigas palavras

de Jesus e lembrava-lhe a sua piedade e recordava-lhe a sua doçura e a elle accusava de ignominia.

Como fugir a tão insistente e inevitavel perseguição? Ninguem se livra da sua sombra como se não liberta da consciencia.

Não eram homens armados que o seguiam — era a sua propria alma que o condemnava e eram as creações da terra que o repelliam.

Levantou-se para fugir. — O mundo era vasto. Iria ás praias de onde partiam para os paizes longinquos os grandes barcos ; tomaria um delles, passaria além e, em cidades desconhecidas, com as moedas que levava na bolsa, faria uma vida prospera, de tranquillidade e goso e depressa esqueceria o transe d'aquella noite, no monte.

Lembrou-se, então, de contar o seu thesouro.

Trinta moedas com a effigie de Cesar. Trinta moedas !

Correu os cordões da bolsa, despejou-a na terra e, tomando a primeira moeda, sentiu-a desfazer-se como se fosse de neve e, gotta a gotta, diluir-se-lhe entre os dedos. Tomou a segunda

e viu-a fundir-se em sangue, ia a tomar a terceira, mas o terror conteve-o.

Apressadamente, guardando as restantes, deixou que uma escapasse e cahisse em uma cova. Logo a terra fendeu-se e houve uma crepitação como de sarmento ao fogo e um espinheiro repontou, cresceu, emmaranhou-se e, com tanto viço, que o apóstolo ficou enleado por elle e, para fugir, teve de entregar a tunica em farrapos aos aguilhões agudos que lhe rasgavam as carnes.

Já o coração batia-lhe em sobresalto e o espirito se lhe turbava de medo.

Sentia-se só no mundo e a sêde cada vez mais intensa.

Tornou á fonte — negaram-se-lhe as aguas, não mais mudando-se em sangue, mas transformando-se em lôdo fétido.

Um fruto parecia chamal-o de um ramo do qual pendia maduro e tão sumarento que, em torno d'elle, esvoaçava, zumbindo, um enxame de abelhas. Foi-se a elle, tomou-o com ancia, mordeu-o e a boca encheu-se-lhe de cinza amarga.

Desesperado, lançou-se fóra daquelle sitio e,

correndo, ouvia o tinido das moedas na bolsa, lembrando-lhe a traição.

Justamente passava á beira de uma furna de onde lhe pareceu que sahia um gemido.

Entrou. A um raio de sol, que descia por uma brecha, viu uma mulher miseravel, que jazia num estrame pobre, com um pequenito ao collo, acalentando-o.

Dando pelo reprobo não teve uma palavra — fitou nelle os olhos e mostrou-lhe, num gesto, o filho que arquejava, sem força, sequer, para soltar um gemido.

Judas ficou de pé, olhando aquella miseria e commoveu-se. Então, arrancando da cinta a bolsa da traição, atirou-a á desgraçada que, ao som das moedas e deslumbrada quando as viu luzindo, não conteve a sua alegria.

Lançou-se ao apostolo para beijar-lhe os pés, evitou-a o reprobo pedindo-lhe apenas uma sêde d'agua.

Foi a mulher a um canto, tomou a urna e, inclinando-a, offereceu-a ao homem que lhe salvara o filho.

Judas provou e, sentindo a frescura e o gosto

d'agua, bebeu a largos sorvos, sofregamente, depois, saciado, sem que a mulher lhè falasse, só porque nelle tinha os olhos fitos, cheios de gratidão, poz-se a dizer, arrepellando os cabellos:

— Sim, fui eu. Vendi-o aos sacerdotes do Sanhedrin. Flagellaram-no, crucificaram-no. Eu o vi no monte das caveiras. Aos pés da cruz Maria soluçava. Fui eu! Fui eu! Por que me olhas? Guarda o teu filho, esconde-o, esconde-o bem. Fui eu!

Espantada e tendo-o por louco a misera retrahiu-se no fundo da caverna, com o filho muito apertado ao collo magro.

Judas olhava em torno, esgazeado, e vendo, a um canto, uma corda de linho, apanhou-a deitando a correr com ella como um perseguido.

À tarde, indo a mulher á fonte com a urna ao hombro e contente por haver deixado o filho farto e dormindo em esteira nova, sobre linhos alvos, viu o corpo hirto de um homem pendente de um dos galhos da grande figueira, tendo, sobre cada hombro, um negro corvo pousado.

Attentando nas feições decompostas do morto reconheceu o caridoso hospede que lhe dera a bolsa de moedas.

Então ajoelhou-se e, em oração fervorosa, pediu ao Senhor pelo infeliz.

Ainda não havia concluído a sua prece quando as aves sinistras levantaram vôo soltando um grito lugubre e uma voz soou docemente nos ares, dizendo:

— Deus recompensa todas as misericórdias.

Então estalou a corda, o corpo bateu em terra e a mulher viu esvahir-se do cadáver uma forma fluida e luminosa que dois anjos acolheram nos braços e com ella foram subindo, subindo e perderam-se nos ares.

THRENOS DA MAGDALENA

Quando Maria Magdalena appareceu entre os apóstolos, os lindos cabellos soltos, os olhos resplandecentes, rosas vivas nas faces, tremula, com lagrimas molhando-lhe o sorriso, como duas correntes limpidas em florido campo cheio de sol, contiveram-se todos em silencio, sentindo que a formosa apaixonada trazia novas alegres do tumulto adorado.

Ainda que não falasse, o seu contentamento expandia-se-lhe nas feições, dava-se nos gestos, subia de toda ella como o perfume a exhalar-se de uma flôr.

Cançada da corrida em que chegara amparou-se a uma columna e, depois de respirar, erguendo os olhos maravilhosos, disse:

— O tumulo do meu Senhor é como um vaso, com azas lindas, de luz, que são dois anjos. Lá os vi silenciosos e, como me inclinasse sobre o abysmo da morte, achei apenas o perfume do corpo embalsamado, como fica no alabastro quando se lhe despeja a essencia.

Lá está sómente o residuo funereo: a mortalha e as ligaduras. O corpo desapareceu. Gloria ao meu amor divino!

Nem tão depressa vem a flux o grão de trigo semeado, ainda que o reguem copiosas chuvas e o aqueçam ardentes raios do sol.

A sementeira divina rebentou ao terceiro dia e já a sua flôr trescala e já o seu fruto alimenta.

Celebremos as nossas lagrimas, mais fertilisantes que as chuvas. Celebremos a nossa Fé, mais ardente que o sol.

O tumulo do meu Senhor é um deserto florido.

Quando eu caminhava, coberta pelo véu da noite, como uma viuva, toda de negro, o meu coração ia alvoroçado sentindo, talvez, o milagre

como as andorinhas sentem na brisa gelada os primeiros effluvios da primavera.

As flôres falavam-me com as suas bocas cheirosas, as aguas diziam-me, através do seu canto, o que minh'alma sentia.

Cheguei. Os soldados que guardavam o sepulchro jaziam por terra, como feridos do raio e eu vi pelos caminhos mádidos as palmilhas luminosas que marcavam os passos do meu Senhor.

È logo deixei fugir a voz da minha alegria: Resuscitou! È, assim clamando, tambem despertava minh'alma, porque, ai de mim! eu vivo d'aquella vida e morreria d'aquella morte.

Vi-o. Tomei-o, a principio, pelo jardineiro do horto, tanto, porém, que me falou, logo lhe reconheci a voz e prostrei-me de joelhos, adorando-o.

Se os beijos florescessem eu caminharia, de rastos, á sua frente, beijando a terra do seu transito para que elle só pizasse em lirios e não sentisse a poeira e as pedras asperas dos caminhos.

A morte transfigurou-o. Parece mais bello depois do enterro — está como as collinas ao amanhecer, quando o orvalho as refresca e todas as flôres vivem e todos os passarinhos cantam.

A morte foi para elle uma noite de somno.

Onde o levarão os passos? O tumulo conservava-o: era a urna em que elle jazia. Lá eu poderia vê-lo e, sentada na lapide em que encontrei os anjos, ficaria de guarda ao seu somno como a mãe que se prende junto ao berço do filho. Agora... como o poderei seguir?

Nem consentiu que eu lhe tocasse porque já não é deste mundo.

Puro espirito, é do céu, volta ao céu, deixa-me orfan. Sou eu que vou ficar enterrada no tumulo: morta-viva.

Morta porque, sem a sua companhia, serei um corpo sem alma; viva porque soffrerei desfazendo-me em lagrimas.

Para substituil-o nõ tumulo vou despojar-me de toda a minha alegria.

Volta ao Paraíso, regressa aos altos céus e eu ficarei como a terra sem sol e coberta de neve.

A minha noite fria será sem fim, só a morte me trará a madrugada que abrirá o dia eterno da minha ventura.

Porque o encontrei? Porque o ouvi? Meus olhos ficaram como duas pedras azues nas quaes se houvesse gravado a sua imagem. Meu coração é uma concha cheia da sua voz.

Viverei eternamente a vê-lo e a ouvir-o e, estendendo os braços, como o cego que tacteia, só acharei o vasio. Elle torna aos céus.

Resuscitou! Estará em tudo, em toda a parte, por que é Deus, e eu serei a amante do mundo e de tudo que nelle existe, por amor do meu amado.

Espalharei meus beijos pela terra dando-os ás flôres e aos espinheiros, á rocha e ao rio, á gotta d'agua e ao lume de sol, á arvore e á vaga, á herva do monte e ao clarão da lua, aos animaes da terra e ás aves do espaço, aos ventos e ás tem-

pestades, a tudo os darei porque em tudo estará o meu Senhor.

Ai! de mim, mas o seu rosto e as suas palavras, nunca mais eu verei nem ouvirei.

Resuscitou! E a sua gloria é a minha solidade.

Eu era a rosa do campo-santo que recebia a vida de uma sepultura, revolveram-na, esvasiaram-na... Ai! de mim!

Os anjos cantam victoria, meu coração soluça. Vivo, mas tão longe! Remonta aos céus e deixa-me no mundo.

Eu era a arvoresinha nova, toda coberta de flôres... Porque havia elle de abrasar-me deixando-me reduzida a cinzas?

Porque não faz elle como o vento que leva a folha secca?

Meu sol! Pudesse eu desfazer-me em pranto para que elle me sorvesse ao seu seio como faz o sol á agua morta que resuscita nas nuvens.

Que será de mim? Eu era um espelho que só mostrava vida quando elle me apparecia. Ago-

ra reflecto o fundo de um tumulto vasio onde só ha escuridão.

Resuscitou! Resuscitou! Vós outros mostrais alegria, vós, os seus apóstolos, porque vedes cumprida a sua dôce promessa; eu choro porque o perco. Fica-me a sua religião, fica-me a sua palavra, mas foge-me o seu amor.

Vós ides espalhar a sua doutrina; eu fico a lamentar a minha solidão. Vós o sabeis vivo, eu só o sei muito longe.

Sois felizes... Ai! de mim.

Ide! dizei a todos que resuscitou, que não está no tumulto. Cantai a victoria, é o vosso Mestre e eu ficarei a chorar a minha orfandade nas cavernas dos montes.

Meu Deus! Meu Deus! meu amor...! Enches o céu e os tempos com a tua presença e com o teu nome.

Deixaste o teu tumulto só com o perfume das essencias que embalsamavam o teu corpo. Assim ficou o meu coração cheio de saudade.

Resuscitou! Ai! de mim... O que ainda me consola é saber que elle está em toda a parte, em tudo: no ar, na luz, na gotta d'agua, na pedra, na arvore, na flôr, no passaro, na féra, no oceano e no charco e assim, sendo piedoso, não exceptuará apenas o coração de uma pobre mulher.

Meus Deus! Jesus de Nazareth, meu amor perdido que remontas aos céus deixando-me neste immenso vasio que é a terra, sem ti.

AS ESTAÇÕES

O velho Chronos, estirado á beira do rio perenne cujas aguas, golfando limpidas e sonóras da urna abundante, correm em direcção ao abysmo, ora por entre arvoredos gracil, ora por valles tristes de pedregulho esteril; em ferteis campinas ou em sáfaros areaes, lisas, serenas, espe-lhadas ou atropellando-se, precipitando-se de ro-chas com escachôo, contemplava, sorrindo, o brin-queda das Horas, quando romperam do bosque os seus quatro filhos predilectos — a Primavera fe-minea e os tres mancebos: Estio, Outono e In-verno.

Vinham em disputada corrida, atroando a selva com um vozerio raivoso e, mal chegaram

ao sitio em que jazia o deus impassivel, contiveram-se arquejando.

È a donzella offegante, com as faces floridas e os claros olhos resplandecendo, disse, por entre lagrimas, que lhe davam mais belleza ao rosto admiravel:

— Padre, dá-me outra sorte — funde-me nessa agua, muda-me em pedra inerte, torna-me em ave, em bruma, em nuvem ou em astro, faze de mim o que quizeres, mas livra-me da companhia cruel d'estes irmãos que tanto me martyrisam e humilham com doestos e ironias mais ferinos que dardos.

E o Estio rubro, adiantando-se, com os cabellos fulvos revoltados, os olhos lançando chispas, atravessou a distancia que o separava de Chronos e, á sua passagem, as hervas pendiam languidas, seccavam as nascentes doceis, acolhiam-se palpitantes os passaros aos ninhos. Inclinando-se ante o deus falou com palavras cálidas:

— É melhor que a conserves a teu lado, Padre. Enquanto trabalhamos na terra para utilidade dos homens ella só cuida em garridice.

— Vê os campos que ella atravessou, disse

o Outono: só têm flôres. E o lento e livido Inverno accrescentou transidamente:

— É inutil! Que valem flôres?

Chronos ouviu em silencio, por fim, soerguendo-se em recubito, depois de acenar ás Horas para que não se detivessem, chamou a Primavera timida e, acolhendo-a carinhosamente, dirigiu-se ao Éstio impetuoso:

— Achas que a devo conservar em minha companhia, assim seja. Ide vós outros, fazei o que vos cabe. Mas que a vida não cesse. É preciso que haja pão e linho, frutos e novos rebanhos e o homem não lamente o destino na terra. Ide, guardal-a-ei commigo.

E os tres irmãos partiram: o Éstio, o Outono e o Inverno.

A Primavera ficou junto a Chronos sereno e, em torno d'ella, a terra rebentou em flôres. As aguas corriam perennes da urna — eram a imagem da Vida attrahida pela Morte. As Horas bailavam cantando e sorrindo: na mão direita ro-sas, na sinistra a foice.

Passaram dias.

Subito, uma manhan. abrumaram-se os ares,

toldou-se o azul do céu de nuvens pardas, os ramos despiram-se das folhas e o Inverno, livido e merencoreo, appareceu taciturno. Adiantando-se para a ribeira eterna logo se congelaram as aguas.

Instantes depois alumiou-se o ceu broslando-se de purpura, crepitaram as arêas brancas, estalaram os ramos exciduos e um halito de fogo abrasou o espaço — e o Estio appareceu ardendo. Sem animo de falar a Chronos quedou-se no penedio calcinando a rocha em que se assentou em silencio.

O Outono chegou por ultimo.

— A que vindes? perguntou o deus.

E os tres, á uma, exclamaram:

— Padre, a terra está morta.

— Aqueci-a, disse o Estio. Foi em vão.

— Debalde a fecundei, disse o Outono.

— Adormeci-a e morreu, disse o Inverno.

E o Estio lamentou:

— Não ha um só novedio.

— Não ha seara, suspirou o Outono.

E o Inverno concluiu:

— Está morta.

Chronos sorriu e, docemente, chamando a Primavera, disse-lhe:

— Vai, filha; paira sobre a neve e funde-a com o teu halito, acorda com as canções dos teus passaros a terra que dorme regelada, dá-lhe a alegria da tua eterna mocidade e a graça que é o teu encanto e, quando assim houveres feito, volta.

E foi-se a Primavera cantando.

Logo um perfume suave encheu os ares tépidos, rebentaram renovos nos ramos desnudos, sahiram dos ninhos galreando nuvens de passaros vivazes, enxames de abelhas cruzaram-se zumbindo, desregelaram-se as aguas, desannuviou-se o ceu e a Primavera tornou carregada de rosas.

— Vai agora, disse Chronos ao Estio: todas as flôres já passaram da infancia, estão em plena puberdade; cerca-as o cortejo nupcial dos insectos alados e as brisas que passam, enchendo-se de aroma, entoam docemente o epithalamio amoroso. Ellas esperam-te, és o noivo das corollas. Bemdicto seja o teu beijo doirado.

E foi-se o Estio.

E disse o deus ao Outono: — Agora tu, que és a força da seara, o amujo das espigas, o sumo

dos pomos, a fibra dos linhos, o leite dos rebanhos, vai e completa a obra da fecundação com a substancia, o sabor e a belleza. Que os homens te bendigam á hora da colheita e que os armentios saudem a tua passagem com as suas vozes sonoras.

E foi-se o Outono.

Instantes depois disse o deus veneravel:

— Estão os paiões replectos, é hora de repouso. Agora tu, Inverno. Vai, adormece a terra para que ella se refaça no somno.

E foi-se o Inverno.

Cumprida a missão tornaram os mancebos maravilhados do milagre porque encontraram todas as facilidades nos prados e nos montes fer-teis da terra vasta que julgavam morta.

— Tudo deveis áquella que tão ingratamente repellistes. Tinheis a flôr por desprezivel e a flôr é a boca que recebe o beijo, é o ponto em que se encontram as almas: a alma que fecunda e a alma que gera.

Sois a força, a reproducção e o repouso, nada, porém, se faz sem o amor, que é a essencia da Fecundidade e a Primavera, vossa irman e

vossa precursora, é o amor que desperta, ao som do canto e enlanguedece com o aroma, a terra, noiva immortal que despe o veu branco e friissimo e veste-se de verde e de ouro para a festa magnifica da Eternidade, que é a Vida. A Primavera é a adolescencia, é a manhan suave, é o beijo, é vossa irman, saudai-a.

E o Estio illuminou-se, refloriu-se o Outono, mais alvo se fez o Inverno e assim os tres ir-mãos fizeram as pazes com a linda irman e, desde então nunca mais, por fortuna da terra e gloria dos ceus magnificos, houve rusga entre os qua-tro filhos de Chronos — a Primavera, o Estio, o Outono e o Inverno, renovadores do mundo e bemfeitores do Homem.

A PEREGRINA

Aldonso, o eremita, desde que se recolhera ao deserto, elegendo por morada a lapa mais aspera e mais fria, em terra sáfara, onde não medrava semente, todas as noites, vincava fundamentalmente as carnes com as tiras laminadas das disciplinas e, sangrando por mil feridas, estendia-se nú na pedra gelada onde escabujava, aos urros, acordando o silencio com gritos de arrependimento.

Tinham-no todos os eremitas por santo e, quando passavam diante da sua furna, inclinavam-se com humildade como se avistassem um santuario. E Aldonso, se percebia rumor de passos, brandia, com mais força, o tagante para que

os caminheiros ouvissem os golpes e admirassem a sua devoção fervorosa. Acudiam peregrinos de todas as partes, para ver de perto o santo homem e beijavam os coagulos de sangue que manchavam as pedras e quando o viam, alto, embrulhado em cortiça, macilento e livido, os cabellos longos, a barba intonsa, emmaranhada de hervas, as unhas negras e retorcidas, prostravam-se em terra pedindo-lhe a benção, rogando-lhe intercedesse a Deus por elles, certos de que a oração de tão beato eremita seria attendida no céu.

É Aldonso, no fundo tenebroso da lapa, cantava hymnos ao rythmo das vergalhadas com que ia retalhando as carnes.

Ora, na visinhança, vivia um penitente alegre. Era homem de boa feição, meigo e de muita hospitalidade.

Os dias passava-os na horta, semeando, podando, regando, e era um gosto ver-se-lhe a almoinha viçosa, com os talhões muito verdes e as arvores em flôr ou em fruto.

À noite, recolhendo-se, ajoelhava-se ante um crucifixo de pedra, fazia a sua oração e dormia, deitado em ramas seccas que cheiravam.

Aldonso, passando, uma tarde, pela choça e ouvindo o ermitão cantar, entrou e, chamando-o com severidade, disse-lhe:

— Irmão, a vida que aqui levais scandalisa o eremiterio. Em vez de orações cantais desde que amanhece até a hora sagrada de *vesperás*. Deixais a imagem pelas hervas e pelas flôres e, enquanto os nossos irmãos sangram sob flagícios e definham á força de abstinencias, folgais e engordais porque a vossa mesa é farta e escolhida. Até affirmam — praza a Deus que haja nisto calumnia — que, certa noite, recebestes nesta cabana uma mulher formosa e só a despedistes na manhan seguinte.

Húmildemente o ermitão respondeu:

— Não foi um calumniador quem tal vos disse, irmão. Effectivamente acolhi a mulher de que falais. Se era formosa, não sei. Era noite, chovia torrencialmente quando bateram á minha porta. Sem pedir nome, abri e, á luz da candeia, vi um vulto de mulher.

Fiz lume para aquecel-a, dei-lhe o que tinha na ucha e offereci-lhe, para repouso, as ramas em que me deito. Quanto a mim juro-vos que

passei a noite junto do crucifixo. Se foi peccado o que fiz, imponde-me a penitencia e eu a cumprirei.

— Fazei o que eu faço se quizerdes obter o perdão de Deus. E Aldonso mostrou-lhe as fundas ferida do corpo.

Estavam os dois em tal pratica quando bateram á porta. Correu o ermitão a ver quem era e pasmou de achar-se em presença de uma mulher que lhe disse:

— Torno á vossa hospitalidade, irmão, pedindo-vos agasalho por uma noite. É tarde, as feras uivam: nuvens negras acastellam-se.

Hesitou o ermitão, mas os instantes pedidos da mulher venceram-no. Cruzando, então, os braços, baixando a cabeça afastou-se, deixando-a entrar.

Irado ergueu-se impetuosamente Aldonso e, tomando o cajado que deixara a um canto, disse:

— Ficai-vos, irmão. Não serei eu quem permaneça comvosco, arriscando minh'alma em tamanha impureza!

— Mas quereis que deixe uma pobre creatura de Deus exposta ao tempo, desamparada ás feras?

— E sabeis quem é?

— Sei que é uma peregrina, irmão. A misericórdia não pede o nome dos que a procuram. Que direi eu ao Senhor, se Elle me arguir de cruel na hora da justiça, por eu não haver attendido aos rogos de uma infeliz?

— Dir-lhe-ás que essa infeliz era uma impura.

— E não foi á sombra da tunica de Christo que se refugiou a adúltera?

— Sim, em publico: não a recolheu ao seu lar.

— Então o vosso receio é que eu succumba á tentação da belleza?

— Sim, irmão.

— Nada temais — ando sempre com a consciencia acordada. Os actos que pratico não são para o mundo, mas para Deus. Se é peccado ser bom... ai! de mim, nunca me emendarei. E vendo que a mulher tremia, disse-lhe:

— Tendes lume para aquecer-vos e ali sobre a mesa um resto de pão e alfaces; o cantaro está cheio. Comei e bebei. O leito é o mesmo em que dormistes da outra vez. E, humildemente, murmurou, cruzando os braços: Faça-se em mim se-

gundo a vontade do Senhor. Assim como me ordena o coração, assim procedo.

Acabava de falar quando uma claridade súbita illuminou a choça e, cahindo os andrajos que mal cobriam o corpo da peregrina, alargaram-se-lhe dos hombros amplas azas resplandecentes, despejaram-se-lhe pelas espaduas bucles de cabellos louros, vestiu-a até os pés uma tunica mais fina que as nevoas, brilharam seus olhos com vivo fulgor de estrellas e, caminhando para os eremitas em passos sonoros, disse a Aldonso que cahira sobre os joelhos, maravilhado:

— A tua virtude é como o reflexo das arvores verdes nas aguas limpidas — uma sombra. O teu flagicio não passa de hypocrisia. Cobres-te de sangue como se vestem os principes de purpura: por ostentação. Este que reprehendes e condemnas é um justo, votado á justiça e a Deus, não procede como tu que não te penitencias sem alarde de gritos e trazes as chagas em exposição.

Negas agasalho á mulher com receio de ti mesmo, porque se a visses sem defesa, ao alcance da tua mão, talvez enfraquecesses e te precipitasses no crime.

Este que me acolheu acolheria, com o mesmo carinho, um leproso — e não receiou incorrer em peccado de luxuria, porque é um puro. Esta é a verdadeira piedade, o verdadeiro religioso é este. Quanto ao sangue que tão copiosamente espalhas quando te flagellas estrondosamente, não passa da terra e nella escurece em mancha e o canto meigo deste generoso eremita, canto que lhe sahe d'alma, é ouvido no céu e foi por elle que vim a este ermo atroante dos teus guaiados.

Não julgues que Deus se commove com as grandes penitencias clamorosas — mais vale a seus olhos uma lagrima sincera. Cantando fez este eremita por sua alma o que não fizeste com todo o sangue derramado em tão longos annos. Deus não quer ostentações, quer sinceridade...

Fez-se o silencio. Quando os eremitas sahiram do assombro, a mulher havia desaparecido.

Então ergueu-se Aldonso e, acabrunhado, chorando lagrimas amargas, sahiu para a noite negra e o ermitão prostrou-se ante o Christo de pedra agradecendo a visita que o anjo fizera ao seu humilde tugurio e a suave lição de misericordia com que confundira a vaidade.

AS FORMIGAS

À sombra d'uma faia, no parque, enquanto o príncipe, que era um menino, corria perseguindo as borboletas, abriu o velho preceptor o seu Virgílio e esqueceu-se de tudo, enlevado na harmonia dos versos admiráveis.

Os melros cantavam nos ramos, as libellulas esvoaçavam nos ares e elle não ouvia as vozes das aves nem dava pelos insectos: se levantava os olhos do livro era para repetir, com enthusiasmo, um hexametro sonóro.

Sahiu, porém, o príncipe a interrompê-lo com um commentario pueril sobre as pequeninas formigas que tanto se afadigavam conduzindo uma folhinha secca; e disse:

— Deus devia tel-as feito maiores. São tão

pequeninas que cem d'ellas não bastam para arrastar aquella folha que eu levanto da terra e atiro longe com um sopro.

O preceptor, que não perdia ensejo de educar o seu imperial discipulo, aproveitando as lições e os exemplos da natureza, disse-lhe:

— Lamenta V. A. que sejam tão pequeninas as formigas... Ah! meu principe, tudo é pequeno na vida: a união é que faz a grandeza. Que é a eternidade? um conjunto de minutos. Os minutos são as formigas do Tempo. São rapidos e a rapidez com que passam fal-os parecer pequeninos, mas são ellés que, reunidos, formam as horas, as horas fazem os dias, os dias compoem as semanas, as semanas completam os mezes, os mezes prefazem os annos, e os annos, Alteza, são os elos dos seculos.

Que é um grão de arêa? terra; uma gotta d'agua? oceano; uma centelha? chamma; um grão de trigo? seara; uma formiguinha? força.

Quem dá attenção á passagem de um minuto? é uma respiração, um olhar, um sorriso, uma lagrima, um gemido; juntai, porém, muitos minutos e tereis a vida.

Ali vai um rio a correr — as aguas passam acceleradas, ninguem as olha. Que fazem ellas na corrida? regam, refrescam, desalteram, brilham, cantam e lá vão, mais ligeiras que os minutos.

Quereis saber o valor de um minuto, d'isso que não sentis como não avaliais a força da formiga? entrai de mergulho nagua e tende-vos no fundo — todo o vosso organismo, antes que passe um minuto, estará protestando, a pedir o ar que lhe falta. Ora! o ar de um minuto, que é isso? direis. É a vida, Alteza.

Vedes a formiguinha que vai e vem procurando migalhas na terra — se a encontra e póde carreal-a leva-a, se é superior á sua propria força, recorre á companheira que passa; outras chegam, ajuntam-se em chusma e eil-as fazendo com facilidade o trabalho que seria impossivel a uma só.

Se a formiga desanimasse nunca iria provisão ao formigueiro. Assim vós, meu Principe, pretendeis um conhecimento, ides ao livro que o contém e inclinai-vos sobre elle. No primeiro instante tudo vos parece obscuro; desanimais,

aborreçais-vos. Se lançardes de vós o livro ficareis sempre em ignorancia, mas se persistirdes, appellando para todas as forças do vosso engenho, pouco a pouco ireis removendo as difficuldades e chegareis ao caminho franco da certeza.

Assim é em tudo na vida. O que pretende governar deve ver o trabalho da formiga porque é um ensinamento. Não póde o principe alhanar um embaraço só com o seu juizo, chama a conselho os homens de mais experiencia e tino, ouve-os, delibéra com elles e juntos facilmente arredam o que, no principio, parecia inamovivel. Tudo é proporcional na vida. Deus não fez o insuperavel. O «Impossivel» é uma expressão inventada pelos fracos.

O que é para a formiga um carroto, vòu com o sopro debil de uma criança; o que é para o homem empecilho as aguas levam de roldão; onde não póde a força de um braço suppre-a o instrumento e, se ainda o embargo se obstina, então o homem appella para o homem como a formiga reclama a companheira e, conjuntamente, afastam o pesado entrave.

Se eu vos pudesse levar ao labyrintho, que

é o reino subterraneo das formigas, verieis a perfeita ordem que nelles ha, a disciplina que os compõe, a harmonia que os rege e se cá fóra pudesse ser applicada a lei que regula a sociedade dos insectos exemplares facil vos seria governar o povo porque todos os homens dar-se-iam por felizes nos seus postos, não haveria inveja nem ambição, males que tanto malsinam as sociedades.

Qual é a força da formiguinha? é pouca para um grão de assucar, entretanto, a formiga póde mudar montanhas se o formigueiro se ajunta em esforço solidario.

Que é uma gotta de orvalho? um nada para o calor de um raio de sol, lançai-a ao mar, entrará na vaga concorrendo para o sossobro das maiores náos de guerra.

Quereis ver a força da formiga, procurai-a no formigueiro, que é a união.

Assim falou o preceptor. E, como passasse uma borboleta azul e o principe sahisse a perseguil-a, abriu de novo o seu Virgilio e continuou, deliciadamente, a leitura interrompida.

O SINO

Andava o santo bispo em visita pastoral percorrendo as freguezias da serra, as ermidas dos solitarios, as pequeninas capellas das póvoas de pastores quando, ao chegar a uma aldeia alegre e farta, com os campos viçosos cobertos de gado, os pomares carregados de frutos, os jardins em matiz redolente de flôres, sahiu-lhe ao encontro, na estrada, o vigario convidando-o a pernoitar no presbyterio, entre jasmims, com uma fresca e pura fonte cantando ao lado.

O santo bispo, que viajava escoteiro, como um simples peregrino, acceitou o agasalho que lhe offerecia o sacerdote e, dando-lhe o braço, lá foram os dois, ambos velhinhos, já curvados, caminhando vagarosamente.

Entrando no passal e sentindo o bom cheiro dos guisados que vencia o dos jasmims, disse o bispo a sorrir:

— Tendes cosinheira attenciosa, irmão, que nos manda á cancella, para receber-nos, o arôma agradável da ceia. É um meio de fazer com que aligeiremos os passos.

— E são horas, reverencia. Estes caminhos agrestes fazem appetite e, como os casaes distam leguas uns dos outros, de certo, depois do almoço da manhan, nada mais levasteis á boca e já o gado recolhe e brilham estrellas no céu de Deus.

— Com effeito, irmão, depois do almoço em uma herdade, comi apenas alguns frutos silvestres e bebi á farta a boa agua das fontes serranas; e foi só. Trago fome e honrarei a vossa mesa.

Entraram. A casa rescendia. A ceia foi servida com abundancia e os dois santos, depois de renderem graças ao Senhor, amesendaram-se e foi da sopa e foi do assado e foi do vinho, um fartão!

Ao fim do opiparo repasto, sentando-se os

dois á porta do presbyterio, que o luar illuminava, gozando o perfume delicioso dos jasmims, pôz-se o bispo a falar das ovelhas d'aquelle aprisco.

— Ah! reverencia, exclamou o presbytero sentido, não fosse o peccado da mentira e isto seria um cantinho do céu, um seminario de pureza, mas as mulheres — oh! as mulheres! — mentem desde que acordam até que dormem. Ninguém se pôde fiar no que dizem. Já lhes tenho descripto o inferno de mil modos; falo-lhes dos horrores dos castigos, das penas eternas, do fogo, dos espetos, dos demonios, dos dragões que rabêam nas chammas; até eu minto, reverencia, para combater a mentira e nada. Quando vêm ao confessorario é só mentira, mentira e mais mentira.

— E que fazeis, irmão?

— Peço a Deus que as corrija, que as não castigue com dureza, porque, infelizmente, estou convencido de que as pobresinhas não têm força contra o peccado vil. E é pena, reverencia, porque são puras e caridosas.

Depois de pensar um instante levantou-se o bispo, dizendo:

— Leva-me á força do sino, irmão. Deus ha de attendêr ás minhas orações.

— Que ides fazer?

— Vou benzer o sino para que sôe toda a vez que uma mulher mentir na aldeia.

— Ai! de mim, reverencia... Como poderei concentrar-me na leitura piedosa e dormir um momento á sesta? Isso vai ser uma matinada de enlouquecer. Emfim... seja tudo pelo amor de Deus.

— Amen! concordou o santo bispo.

E dirigiram-se ao adro onde se erguia a força.

Ajoelharam-se os dois velhinhos e, depois de ferventes preces, lançou o bispo a benção. Ainda a mão não completára o gesto e já o sino badalava, bimbalhava em repique de alarme enchendo a noite de sons.

Acudiram, em alvoroço, os da aldeia e, quando o bispo os viu juntos, explicou-lhes a razão d'aquêlle vivo rebate. E, como ameaçasse as mulheres com um castigo do céu se persistissem na mentira, todas, com lagrimas de arrependimento, juraram, de joelhos, que nunca mais mentiriam

e o bispo abençoou-as. Foram-se em silencio e os dois velhinhos, contentes, agradeceram a Deus o milagre edificante.

Entraram. Justamente iam recolhendo, cada qual a seu leito, quando o sino começou a repicar de novo.

— Ouvi, reverencia, bradou o presbytero.

E o bispo:

— A esta hora! Mas a quem mentirão ellas?

— A quem? Aos maridos, reverencia; aos maridos. Lá estão todas a mentir, as infelizes.

Subito calou-se o sino. Ficou o bispo pensativo; por fim, falou, tranquillizando o sacerdote, que tanto receiava pelas almas dos seus fieis:

— Não vos preocupeis, irmão; tanto ha de o sino bäter que ellas se hão de corrigir.

— Deus attenda ás palavras de vossa reverencia. E deitaram-se.

Cedo — sahiam os rebanhos — despediu-se o bispo para proseguir na sua viagem devota. Ainda havia estrellas no céu e luz de luar nos campos. Passavam junto da forca, no adro, quando o sino começou a badalar com furia.

— Pois já! exclamou o prelado.

— Estão acordando, reverencia, e isto agora vai pelo dia adiante até a hora do somno.

— Hão de corrigir-se, affirmou convicto o santo bispo.

— Assim queira o Senhor! murmurou o vigario.

Um mez depois, regressando o bispo, ao chegar ao caminho que levava ao prebyterio — era a hora melancolica de vespervas — deteve-se encantado com o suave murmurio que faziam as aguas rolando sobre seixos brancos, e, como avistasse, além das arvores, a ermida, lembrou-se do sino e murmurou satisfeito:

— Bem dizia eu que se haviam de corrigir. O vigario deve estar contente e tranquillo com a sorte das suas ovelhas. A perseverança é tudo. Eu confiava, com razão, no rebate do sino!

Mal o avistou, o vigario precipitou-se ao seu encontro zumbrido em reverencias e, como se ajoelhasse, tiniram moedas na esportula que levava ao braço.

— Felicito-vos pela riqueza, irmão, disse o

bispo, a sorrir; e o vigario, comprehendendo a allusão, fez um gesto de desalento e, estendendo o braço para o lado da ermida, mostrou a força, dizendo:

— Ando a pedir esmolas para comprar novo sino.

— Novo sino! exclamou pasmado o bispo. E o outro?

— O outro?! O outro durou dois dias — e durou muito —, affirmo a vossa reverencia, porque nesse tempo não cessou de bater um só minuto e parecia tangido por demonios. Um desespero! Por fim rebentou, fez-se em cacos. E quer vossa reverencia o meu conselho? Acho melhor não dar ao novo a virtude do antigo, senão ficarei sem sino para chamar á missa e para annunciar o Senhor quando sahir com o viatico.

— Pois seja assim. E riu-se o bispo.

— Eu só tenho pena das pobres almas! suspirou o vigario.

— Ora, irmão... deixai-as! Mentiras de mulheres... o Senhor não as toma a serio. Deixai-as... deixai-as! E vamos ao que agora importa: Tendes ainda a mesma cosinheira?

— Sim, reverencia, a mesma.

— Louvado seja o Senhor! E caminharam, por entre as sebes floridas, para o presbyterio hospitaleiro.

A ESTRELLA DE BUDDHĀ

Espalhara-se em toda a Asia, desde as ribeiras do mar salgado até ás neves transparentes das montanhas altas, a palavra inspirada de Buddha. Quem a levara? os bodhisattvas que erram espiritualmente nos ares deixando cahir nas almas a esperança consoladora.

Todos os homens, do principe mais poderoso ao poleá mais vil, sabiam da promessa que o Edificador fizera e, com ancia, o esperavam para o cumular de presentes, fazendo jús ao premio que elle annunciára por intermedio dos genios:

«Precedido por uma estrella maravilhosa, que brilhará em pleno dia, Buddha entrará nas póvoas e nas cidades sob a figura modesta de um men-

digo. Baterá a todas as portas. Aquelle que o soccorrer na sua miseria de expiação verá a sua esmola multiplicar-se por milhares de milhões e eternizar-se estampada no céu, em memoria da sua caridade e ainda gosará em vida a graça suave da misericordia dos deuses.»

Principes dominadores d'homens, sacerdotes, guerreiros, ricos proprietarios, rendeiros que cultivavam geiras fertilissimas, miseraveis que habitavam cabanas de adobe, todos puzeram de parte o que possuíam de mais precioso para offerecer ao divino mendicante.

Mas Buddha, que lia nos corações, quando os espiritos entravam no eremiterio e descreviam os grandes preparativos com que elle era esperado nas cidades e nos villarejos, suspirava com desconsolação.

— Senhor, disse-lhe, uma tarde, Ananda, seu servo: parece que vos não commove o procedimento dos homens, porque recebeis com tristeza as novas que vos trazem os genios.

— Ananda, respondeu o Mestre, despe a tunica de linho, cinge os rins com um sendal de esparto, põe á cabeça um velho turbante, toma

um cajado e vai ás cidades ricas e ás aldeias humildes. Entra nos paços e pede, implora no vestibulo dos templos, chora na eira dos lavradores, soluça e geme no limiar das cabanas e verás que não é a caridade que agita os corações, mas o interesse. Para commover os homens farte-ei um martyr: as tuas carnes abrir-se-ão em feridas, a febre queimar-te-á o sangue, ficarás como um vime retorcido e a tua miseria será tamanha que os próprios animaes das brenhas virão lamber-te as feridas. Vai e conhece os homens. Disse e, á ultima luz da tarde, abençoou e despediu o servo.

Foi-se Ananda e, assim como lhe dissera o Mestre; assim se cumpriu. Logo ao deixar o eremiterio toda a robustez sadia abandonou-o. Abriam-se-lhe em todo o corpo feridas sangrentas, encheram-se-lhe os olhos de sanie, entrevaram-se-lhe os membros e paralytico, mais retorcido do que uma velha cepa, caminhou, quasi de rastos, gemendo e deixando ao longo das estradas largas manchas de sangue denegrido.

Á noticia do seu apparecimento era um alvoroço tumultuoso: os principes juntavam as suas

dádivas, que valiam províncias, os lavradores faziam sahir os seus carros cheios de viveres que alimentariam cidades.

Subiam ás torres os annunciadores a vér se descobriam a estrella de Buddha, mas como vissem apenas os astros conhecidos, desciam desenganhos: «Não é o propheta. Não é.» E os principes, os sacerdotes, os guerreiros, os proprietarios e os poleás repelliam, com asco, o desgraçado, mandavam escravos ameaçal-o, açulavam cães contra elle e lá ia o misero evitando as pedras com que o escorraçavam.

E assim correu toda a immensa Asia, roendo raizes amargas, bebendo nas ribeiras, dormindo em cóvas de feras, ferindo-se nas arestas do pene-dio e nos espinhos das hervas venenosas.

Uma tarde, ao cahir do sol, viu Ananda um colmado, mas tão exiguo, tão raso que mais parecia um formigueiro, dos que avultam nas terras sáfaras.

Um novello de fumo subia-lhe do apice, em torno cresciam cardos entre as pedras.

A fome fel-o avançar gemendo e, a dois passos da pauperrima guarida, implorou agasalho.

Levantou-se uma esteira que defendia fragilmente a entrada e uma mulher appareceu, curvando-se, e, ao dar com o desventurado, teve tão grande pena de o ver sangrando, que desceu a recebello e, quasi em barços, recolheu-o ao seu tugurio, onde mal cabiam a esteira em que dormia o seu pequenino, uma arca e o lume alegre e rescendente de folhas que alumiaava e aquecia o interior.

Examinando-o e vendo-o chagado, tomou a boa mulher um pouco de balsamo e applicou-o delicadamente sobre as feridas dando allivio immediato ao enfermo e, como o misero tiritasse, fel-o abeirar-se do lume.

Mas o infeliz, que não comia desde a vespera, queixou-se de fome. Ella então suspirou:

— Ai! de mim. Não tenho migalha. O meu jantar foi uma tamara verde. Que vos hei de dar? Relanceou o olhar em torno, chegou-se devagarinho á esteira em que dormia o filho, viu-o socegado. Então ajoelhou-se, afastou os andrajos do collo, fez saltar um dos peitos tumidos de leite e, chegando-o á boca faminta do mendigo, disse com simplicidade: É tudo quanto vos posso offerecer. E Ananda sorveu a goles soffregos

aquelle licor de misericordia, e, saciado, abençoou-a:

— Que Buddha realise em ti a promessa da sua bondade.

— Buddha! exclamou a mulher. De quem falais?

— Não sabeis? Pois é possível que haja na terra alguém que ignore o nome do Edificador da Verdade!

— Quem é? perguntou a mulher ingenuamente.

Revoltou-se Ananda com tão criminosa ignorancia e já se levantava para deixar aquelle covil impuro quando, num halo de estrellas, o proprio Buddha lhe appareceu, sorrindo:

— Ahi tens, Ananda. Vieste encontrar a caridade onde ainda não chegára o meu nome. Não a achaste nos paços, nos templos, nas granjas dos ricos nem nas cabanas dos que me adoram, mas no tugurio da creatura simples onde foste acolhido, agasalhado, alliviado e alimentado com o leite dos seus peitos maternos. Que esperava ella quando te recebeu? o premio da minha promessa? não, porque nem do meu nome tinha conhecimento.

Não foi para me ser agradável nem o interesse de uma recompensa que praticou o bem, mas por amor, por piedade, porque é boa d'alma. Esta é a minha preferida e nella se ha de cumprir a promessa que fiz.

— Detende-vos, senhor! Não deis recompensa a quem nem sequer o vosso nome sabe.

— E honra-me. Vale mais a meus olhos com a sua ignorancia do que todos os crentes, porque fez mais pela minha doutrina do que fizeram os principes poderosos, os sacerdotes, os guerreiros, os proprietarios e os pobres que vivem a apregoar devoção com interesse nas minhas graças. Esta sim, esta é a Caridade desinteressada.

A estrella de Buddha eras tu, Ananda, tu que representavas a pobreza e que precedias a minha recompensa. Os ambiciosos procuravam no ceu o que andava de rastos na terra, buscavam o esplendor e não viam o soffrimento. A minha estrella eras tu.

Disse e sahindo — a noite ennegrecia o campo e o deserto — abençoou as terras tornando-as férteis e logo houve arôma de flôres, murmurios

d'agua e vozes de gados. Levantando, então, as mãos ao céu, implorou:

— Deuses, realisai a promessa por mim feita no eremiterio. Com leite dos seus peitos saciou a mulher a fome do meu discipulo, que as gottas do generoso alimento sejam multiplicadas por milhares de milhões para memoria da caridade, sempre grata aos espiritos elyseos.

E logo, através da noite, por entre as estrelas, desdobrou-se, estendeu-se no céu, com uma surdina harmoniosa, a mancha rutila e diaphana da Via-Lactea.

O TRIGO

Por todo o vasto Éden espalhou-se, maravilhado e risónho, o olhar do primeiro homem.

Viu as florestas frondosas, em cujas franças rendilhadas esgarçava-se o nevoeiro da manhã; viu as campinas alegres pelas quaes numerosos rebanhos se apraziam; viu os montes de encostas de velludo; viu os rios claros, largos, retorcidos em meandros, discorrendo por entre margens de hervaças floridos e acenoso arvoredos; viu as fontes borbulhando em bosques acceitosos.

Animaes de varias especies cruzavam-se pelos caminhos — leões de juba altiva, elephantes monstruosos, antilopes e corças, leopardos e gazellas e aves de plumagem branca ou de pennas varie-

gadas junto a ribeiras tranquillias, vogando em insuas de flôres, pousadas em ramos ou atravessando os aëres, alegrando com o seu concerto o silencio grandioso.

Os frutos offertavam-se nos galhos, as flôres desfaziavam-se das petalas recamando a alfombra e esparzindo o aroma pelos aëres.

O homem, ainda incerto, ia e vinha, ora parando á beira das aguas que o reflectiam, ora chegando á ourela dos bosques, sahindo ás varzeas, mudo, em extase contemplativo.

Deus, que de longe o assistia com o seu olhar, achava-o perfeito, airoso e forte, digno de ser o senhor do mundo e de todas as creaturas.

O sôl ardia estivo e, de toda a terra exuberante, exhalava-se um hausto calido, uma respiração abrasada que amollecia e adormentava.

As folhagens encolhiam-se, murchando; as flôres pendiam languidas nos caules; os animaes refugiavam-se nos bosques ou penetravam as furnas tenebrosas; as proprias aguas desciam lentas, com preguiça, sob a irradiação caustica da luz que refulgia tremulamente no azul diaphano.

Deus errou em passos lentos pelas silenciosas

veredas e toda a pedra que os seus pés tocavam fazia-se luminosa, com rebrilhos faiscantes e côres admiráveis. Era aqui um seixo que se ensanguentava em rubi, ali um calhão esverdeando-se em esmeralda, outro tomava um colorido flavo ou roxo e, mirificamente, iam-se todos transformando e adquirindo côr, desde o tom lacteo da opala até o esplendor ceruleo da amethysta, desde o limpido fulgir do diamante ao lampejo solar dos prazios amarellos. As arêas faziam-se de ouro, rutilando, como haviam ficado no leito do correjo em que o Senhor, depois de haver plasmado o homem com o barro sangüíneo, lavou e refrescou as mãos benéficas.

Foi-se o Criador encaminhando a um campo que ondulava e sussurrava á aragem e que era um trigal.

Nelle entrando, sem que as pombas e as calhandras se assustassem, a frescura convidou-o ao repouso.

Deitou-se e os trigos fecharam-se suavemente formando um ninho aromal e sombrio onde o sonno foi agradável.

Já as roxas nuvens annunciavam o crepusculo

quando, ao suave preludio dos rouxinões, abriram-se os olhos divinos. Deus, que gozara a delicia do somno, ergueu-se. Então, mansamente, uma voz meiga elevou-se no campo louro:

— Senhor, que vos não pareça de vaidoso a minha requesta, não é por orgulho que vos falo, senão porque me sinto por demais miserando na grandeza da vossa criação. Fizestes a arvore so-branceira dando-lhe o tronco, dando-lhe os ramos, vestindo-a de folhas, cobrindo-a de flôres e ainda a carregais de frutos; as suas frondes altas topetam com as nuvens. Aos que não déstes grandeza e força ornastes com a graça mimosa da flôr; só eu, pobre de mim! fui esquecido por vós. Quando vos vi chegar para mim tive vexame de receber-vos, tão pobre sou! trigo misero.

Era o trigo que assim falava.

Parou o Senhor a escutal-o e, compadecido das suas palavras, estendeu a mão abençoando-o:

— Agasalhaste o meu somno com a pobreza, trigo tenro e fragil, déste-me generoso abrigo e resguardaste-me do sol. Não fique memoria na terra de uma ingratição d'Aquelle que mais a detesta e, para que o exemplo sirva e aprovei-

te, abençoô-te e amercêo-te com a força e com a Graça.

Fraco, darás o alimento essencial; misero, encerrarás em ti o mysterio divino. Serás o pão e serás a hostia e assim, com a tua fraqueza, supplantarás a arvore mais vigorosa e com a tua humildade serás maior que o sol.

No teu seio desabrocharão as papoulas e, dentro em pouco, a flôr virá annunciar-te a espiga e a espiga dará a farinha branca, que será força nos homens e sacrario da minha essencia. Assim Deus, engrandecendo-os, responde á esmola dos pequeninos.

Disse e, contente, mais com o que fizera ao trigo do que com a criação de todo o universo maravilhoso, ao clarear da lua, quando os rouxinões cantavam, remontou ao céu entre anjos que foram, em córos, pelos ares claros, apregoando a sua omnipotencia e a sua misericordia.

AVENTURA DAS AGUIAS

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Amalia Bittencourt

Ao som das águas descia ondulando o camalote de aningas e, deitada entre flôres, sobre macios frocos de algodão virgem, uma criança dormia.

Morena, lisos cabellos negros, tão linda que as yáras vinham á tona do rio e, nadando em torno do berço flutuante, contemplavam-na maravilhadas.

Uma aguia potente que rondava o espaço, lançando os olhos d'alto, avistou o estranho berço e nelle descobriu a passageira. Colheu as azas e, deixando-se cahir das nuvens em revoluteda espiral, como se rolasse ferida de morte, soltou um grito que repercutiu na vastidão.

Logo as yáras mergulharam e o vulturino, abrindo subitamente as azas poderosas, librou-se, pairou sobre as aningas, o olhar agúdo fito na criança que dormia.

Poz-se a esvoaçar em torno do camalote e, compadecida da innocente que, com mais algumas horas, descendo ao sabor das aguas tributarias, perder-se-ia no mar, remontou aligera e, no espaço, desferiu a voz atroadora que retumbou longa, estrondosamente e logo, de varios pontos, com fragor desabrido, surgiram aguias e, á voz da que primeiro baixara, que era a rainha, cercaram o florido esquife, habil e destramente entreteceram as folhas, enredaram ligeiras as humidas raizes, fazendo do camalote uma rede intrincada e tomando-o, cada qual, por uma parte, ergueram-no e foram-no levando pelos ares fóra em direcção á cumiada azul de uma serra escarpada.

Pousando serenas agasalharam em uma gruta a criança sempre adormecida. Então, reunindo a sua grey alada, disse soberanamente a rainha das aguias:

«Que adoptava a pequenita, exigindo das sub-

ditas robustas o juramento de que a protegeriam até que ella tivesse forças de viver sobre si mesma podendo, caso quizesse, regressar á planície.»

E as aguias juraram pelo sol.

Desde logo começou a solícita vigilância. Poz-se, cada qual, em maior actividade para attender á pupilla.

Uma desceu ás pasturas, arrebatou nas garras uma ovelha nedia, levando-a para a gruta para que amamentasse a criança; outra encarregou-se de recolher achegas: folhas de aroma e frouxeis de paina para forrar-lhe o leito.

Ao amanhecer era uma estrepitosa ruffalhada em volta da moradia selvagem: eram as aguias que espanavam com as azas o circuito da caverna e, constantemente, alerta, rondas circulavam nas immediações devassando as grótas e as veredas, os alcantís e os valles e ai! da féra que ousasse chegar a um tiro d'arco — sahiam-lhe ao encontro, em furente investida, as formidaveis sentinellas e a bico e garras espostejavam-na.

Sob tal protecção cresceu, linda, no homisio alpestre, a pequenita salva das aguas. Amavam-

na' as aves régias e ella correspondia com amor que se manifestava em cuidados e carinhos.

Às vezes, á tarde, ao vibrar de um grito doloroso, a virgem precipitava-se da gruta em commovido alvoroço para ácolher uma aguia ferida. Quasi a recebia nos braços frageis e com que pressa e ternura a alliviava da frecha que lhe atravessara o corpo e era, a bem dizer, com lagrimas que lhe curava a ferida.

Velava como enfermeira e, quando o animal convalescente ia ganhando forças, com que alegria o acorçoava nos ensaios de vôo. Via-o lançar-se, ainda fraco, de um rochedo a outro, arrojarse a uma volta larga, abrir as azas por fim em toda a envergadura e desaparecer nos ares luminosos.

Á volta, eram frutos e flôres, caça, tudo quanto de mais bello e de mais saboroso possuíam as veigas e as florestas.

Uma manhan a rainha das aguias, que só pensava na felicidade da sua pupilla, reuniu a legião voadora em torno do penhasco que lhe servia de throno, propondo uma ascensão ao sol.

— Iremos juntas, disse, unidas para que as

mais fortes possam prestar auxilio ás mais fracas. A viagem é longa e arriscada, mas o sol deve ser lindo e de lá traremos tantas riquezas para a nossa filha que todos os thesouros dos reis da terra serão miséria comparados aos seus haveres.

As aguias applaudiram estrondosamente; mas a virgem, tanto que soube do plano aventureiro, oppôz-se com as suas lagrimas mais meigas.

— As nossas azas são fortes, nada nos acontecerá; disse a rainha das aguias.

— Ai! de mim! Mas como poderei viver sózinha nesta solidão? As feras, logo que souberem da vossa partida, virão profanar o meu asylo e quem me defenderá dos jaguares carniceiros?

Disse, então, a rainha das aguias:

— Não temas. Para que as feras não se atrevam a chegar até aqui basta que cada uma de nós deixe uma penna das azas naquelle tronco secco que fica á beira do abysmo; e viverás tranquilla como se contigo estivessemos.

— E se não voltardes? Se vos perderdes ou succumbirdes nessas alturas ardentes onde vos leva a audacia, como poderei saber?

— As nossas pennas dirão. Enquanto estiverem hirtas, a prumo, saberás que estamos vivas, que vamos escalando as nuvens d'ouro, proseguindo na viagem em demanda do sol; se as vires, porém, pendidas, dobrando-se sobre o tronco, chora-nos porque perecemos. E verás o tronco secco subir, esguio e esbelto como uma columna, para que as feras, avistando, de longe, a nossa plumagem, não se animem a invadir os dominios d'aquellas que affrontam o sol.

Assim falou a rainha das aguias e, arrancando uma penna das azas, cravou-a no tronco secco. O mesmo fizeram as companheiras e, com um grasnido triumphante, alaram-se tumultuosamente subindo em nuvem negra.

Estenderam-se em fila formando uma escada aerea, espalharam-se a granel, juntaram-se de novo diminuindo, esvaecendo até que não fizeram mais que um ponto no espaço. Subito desapareceram.

A virgem passou a noite no limiar da caverna, chorando.

Mal accendeu-se a manhan correu á beira do abysmo a examinar o tronco secco — lá estavam

as pennas hirtas, a prumo, como frechas cravadas. Bateu as mãos contente e foram-se-lhe os olhos para o céu radioso como se ainda pudessem descobrir as aguias que voavam em direcção ao sol. «Já devem estar perto... Como são felizes!»

Tres dias seguidos, mal os passaros galreavam annunciando a luz d'alva, corria a ver ás pennas e achava-as perfeitas. «Ainda vivem. Lá vão!»

Na quarta manhan, porém, achou uma das pennas curvada e logo se lhe arrasaram os olhos d'agua. Recolheu-se á caverna muda e triste pensando na infeliz que morrera e passou a noite em claro, a tiritar de medo, ouvindo as vozes roucas dos jaguares errantes.

Ao amanhecer, ai! d'ella, depararam-se-lhe todas as outras pennas dobradas e, entre ellas, como um signal de morte, uma flecha fincada. È o tronco secco subia, liso e esbelto como uma columna, passava as franças das arvores mais altas como pára mostrar ás féras as pennas das aguias defendendo assim o refugio da virgem solitaria.

Mas a misera, comprehendendo, por aquelle prodigio, que as suas protectoras haviam pere-

cido, sentou-se no limiar da caverna e, depois de tres dias e tres noites de pranto continuado, adormeceu na morte... talvez para juntar-se ás aguiás.

Hirto, a prumo, o tronco altivo, balouçando ao vento a sua coma maravilhosa, mantinha ás feras a distancia. E assim fez-se a palmeira, a arvore de pennas, que lembra, a quem a vê, a tristeza mortal da virgem solitaria e a aventura das aguias que remontaram ao sol.

FIM

INDICE

	Pag.	
A Felicidade	7	74
A cobra e o gaturamo	13	2
A arvore	17	1
O tempo	21	20
El-rei Truão	27	15
Heliantho.	35	18
A flauta e o sabiá	43	5
O milagre.	47	21
Frutos maduros	53	16
O relógio e o vegele.	59	25
O ribeiro	63	26
O Principe de Lahos	69	84
A Vaquinha branca	77	11

SEGUNDA PARTE

Comprador d'almas	89	13
O talisman	99	28
O pescador e as sereias.	107	23

	Pag.	
Alpheu.	113	6
Sacrificio supremo	121	32
A piedade.	129	8
Elegia.	137	14
Rosas, corações desfeitos	145	31
Lavradores	153	19
Gemeos	159	17
O fauno	167	20
O perdão	173	22
Threnos da Magdalena.	181	33
As estações	189	4
A peregrina	197	7
As formigas	205	10
O sino.	211	27
A estrella de Buddha	219	3
O trigo	227	30
Aventura das agnias.	233	12

